

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
MESTRADO EM HISTÓRIA PÚBLICA**

EMILY VITÓRIA NEVES MONTEIRO

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS PROFESSORES NA RELAÇÃO
COM ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE PROMISSÃO/SP:
UMA FORMAÇÃO PELA VIA ESTÉTICA**

**CAMPO MOURÃO - PR
2025**

EMILY VITÓRIA NEVES MONTEIRO

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS PROFESSORES NA RELAÇÃO
COM ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE PROMISSÃO/SP:
UMA FORMAÇÃO PELA VIA ESTÉTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública, da Universidade Estadual do Paraná, campus Campo Mourão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Pública.

Linha de Pesquisa: Memória e espaço de formação

Área de concentração: História Pública

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Cyntia Simioni França

**CAMPO MOURÃO
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Neves Monteiro, Emily Vitória

Memórias e narrativas dos professores na relação com espaços públicos da cidade de Promissão/SP: Uma formação pela via estética / Emily Vitória Neves Monteiro. -- Campo Mourão-PR, 2025.

132 f.: il.

Orientador: Cyntia Simioni França.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual do Paraná, 2025.

1. História Pública. 2. Formação Docente. 3. Rememoração. 4. Mônadas. 5. Cidade. I - Simioni França, Cyntia (orient). II - Título.

EMILY VITÓRIA NEVES MONTEIRO

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS PROFESSORES NA RELAÇÃO COM
ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE PROMISSÃO/SP:
UMA FORMAÇÃO PELA VIA ESTÉTICA**

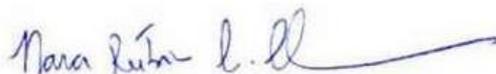
BANCA EXAMINADORA



Dr^a Cyntia Simioni França (orientadora) – Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP), Unespar - *campus* Campo Mourão



Dr^a Divania Luiza Rodrigues (examinadora) - Programa de Pós-Graduação Profissional de História (ProfHistória), Unespar - Campo Mourão



Dr^a Nara Rúbia de Carvalho Cunha (examinadora externa) - Universidade Federal de Uberlândia

Data de Aprovação

09/05/2025

Campo Mourão - PR

AGRADECIMENTOS

Como dizia Raul Seixas, “sonho que se sonha junto é realidade” e, para realizar mais essa etapa, pude contar com pessoas incríveis que contribuíram não só para a construção desta dissertação, mas também para me ajudar a passar pelas ansiedades e medos que quem enfrenta esse processo pode vivenciar.

Gostaria de agradecer à minha família — mãe Luana, pai Edmilson e padraсто Francisco — que me ajudaram a atravessar esse momento, colaborando com ideias para os encontros, sugerindo locais para sua realização, preparando os alimentos do café da manhã em todas as oficinas e, principalmente, estando sempre dispostos a não apenas me levarem, mas também a participarem ativamente do processo de formação. Em especial, obrigada à Vó Ilda (in memoriam), por ter acalentado meu coração e guiado minhas mãos nesse caminho.

Agradeço à Gabriela Zaku Gomes, por me acolher quando eu me sentia sem forças para continuar, por estar sempre disposta a correr ao meu lado e pensar em todos os cenários possíveis para que esta dissertação fosse concluída com êxito. Suas palavras e seu abraço me impulsionaram a seguir em frente.

À minha orientadora, Cyntia Simioni França, que me acolheu desde o terceiro ano da graduação e me ajudou a percorrer este caminho com muita paciência e cuidado, auxiliando na compreensão das leituras e na construção de um trabalho sensível ao outro. Sua maneira de me apresentar novos olhares para o mundo foi fundamental para minha evolução como pessoa. Como disse em nossas últimas conversas: vamos juntas! Para além desta pesquisa.

Gostaria de agradecer também aos meus professores e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História Pública, com quem pude contar desde a graduação. O apoio e o acolhimento de alguns professores, que se tornaram também amigos, foram essenciais para a conclusão do mestrado.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa Odisseia, por enriquecerem este trabalho com suas contribuições e por me incentivarem desde o início do mestrado. Destaco, em especial, minha querida amiga Carolina, que pegou na minha mão e me ajudou a trilhar os primeiros passos desta pesquisa.

Agradeço aos incríveis amigos Denilton Gabriel, Izabella Gomes e Julia Quezia, que compartilharam comigo a travessia do mestrado. Choramos, rimos, nos desesperamos, mas conseguimos, juntos, concluir mais um passo da nossa carreira acadêmica. Obrigada por terem tornado esse processo mais leve e feliz.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão às professoras Nara Rúbia de Carvalho Cunha e Divania Luiza Rodrigues, membros da banca examinadora, pela generosidade em dedicar seu tempo, atenção e conhecimento na avaliação desta dissertação. Suas contribuições, questionamentos e sugestões foram extremamente valiosas para o aprimoramento do trabalho e, sobretudo, para meu crescimento acadêmico e pessoal. Agradeço profundamente pelo compromisso e pela colaboração neste momento tão importante da minha trajetória.

Para finalizar, agradeço com imensa consideração aos professores que gentilmente participaram da pesquisa, compartilhando suas experiências, conhecimentos e percepções de forma generosa e comprometida. Alexandre Darros, Wesley Bernardo, Eliane Monteiro e Luany Bassi, a colaboração de vocês foi fundamental para o desenvolvimento deste estudo e contribuiu significativamente para a construção de reflexões mais profundas e relevantes sobre o tema investigado. Sou muito grata pela disponibilidade e pela confiança depositadas neste trabalho.

RESUMO

MONTEIRO, Emily Vitória Neves. **Memórias e narrativas dos professores na relação com espaços públicos da cidade de Promissão/SP: uma formação pela via estética**. 132f. Dissertação. Mestrado em História Pública – Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná, campus Campo Mourão, Campo Mourão, 2025.

Este trabalho tem como objetivo produzir conhecimentos históricos educacionais em diálogo com as memórias de professores do Ensino Básico da cidade de Promissão – SP. Partindo da compreensão de que a modernidade capitalista atrelada à aceleração dos acontecimentos, propõe-se um movimento a contrapelo desse fluxo, refletindo sobre as experiências passadas e presentes da cidade em que os professores estão inseridos. A cidade será abordada como um campo de experiências e, por meio de uma formação docente, investigaremos como os docentes estabelecem suas relações com o espaço em que vivem. Para compreender essa ideia, iremos dialogar com o filósofo Walter Benjamin (1985) que, entre seus diversos trabalhos, analisa o avanço da modernidade capitalista como um dos fatores para a perda da narrativa e da experiência, ao mesmo tempo em que estimula reinventar outras formas de narrar e viver nesse tempo com mais qualidade e experiências coletivas. Para isso, desenvolvi um projeto de formação docente que foi fundamentado em práticas de rememoração, expressas em narrativas orais, escritas e iconográficas, que revelam as imagens de como os professores se relacionam com a cidade em que vivem. As narrativas foram elaboradas em mônadas, aporte teórico-metodológico benjaminiano que, por meio de fragmentos de memórias, apresenta imagens do mundo em miniatura (cidade de Promissão-SP) articulado com as experiências mais amplas da cultura. Além disso, o trabalho envereda pela área de História Pública ao propor um conhecimento produzido com o público (Professores) a partir do princípio da autoridade compartilhada (Frisch, 2016) e ao construir caminhos para uma formação docente dialógica, colaborativa, inventiva e criativa (Galzerani, 2008, França, 2015, Cunha, 2016).

Palavras-chave: Memória. Rememoração. História Pública. Autoridade Compartilhada. Cidade. Formação Docente.

ABSTRACT

MONTEIRO, Emily Vitória Neves. **Memories and narratives from teachers in relation to public spaces in the city of Promissão/SP: education through aesthetics.** 132f. Dissertation. Master's Degree in Public History - Programa de Pós-Graduação em História Pública, Universidade Estadual do Paraná (State University of Paraná), campus Campo Mourão, Campo Mourão, 2025.

This work aims to produce historical educational knowledge in dialogue with the memories of elementary school teachers in the city of Promissão, São Paulo (SP). Understanding that capitalist modernity, along with the acceleration of events, shapes contemporary life, this study proposes an effort to counteract this flow by reflecting on the past and present experiences of the city where the teachers are rooted. To address this, we engage with the philosopher Walter Benjamin (1985), who in his works discusses the advancement of capitalist modernity as a factor that leads to the loss of narrative and experience, while encouraging the reinvention of other ways to narrate and live within time, fostering richer collective experiences. In order to achieve this, a teacher education project was developed, based on practices of remembrance expressed through oral, written, and iconographic narratives that reveal how teachers relate to the city they live. These narratives were elaborated based on the concept of monads, a Benjaminian theoretical-methodological approach, which, through memory fragments, presents miniature images of the world (Promissão, SP) intertwined with broader cultural experiences. Additionally, this work aligns with Public History by proposing knowledge that is produced with the public (teachers), based on the principle of shared authority (Frisch, 2016), and by building pathways for a dialogical, collaborative, inventive, and creative teacher education (Galzerani, 2008; França, 2015; Cunha, 2016).

Keywords: Memory. Remembrance. Public History. Shared Authority. City. Teacher Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da cidade de Promissão	36
Figura 2 - Convite para o 1º Retalho	57
Figura 3 - Convite para o 2º Retalho	62
Figura 4 - Convite do 3º Retalho	69
Figura 5 - Convite do 4º Retalho	78
Figura 6 - Convite do 5º encontro	86
Figura 7 - Convite 6º Retalho	98
Figura 8 - Convite para Exposição Colcha de Retalhos	108

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - “1º Retalho”	58
Fotografia 2 - Encontro 2- Praça da Câmara Municipal	63
Fotografia 3 - “Encontro 3 na Praça dos Pneus”	70
Fotografia 4 - Praça Moacir Barreira	79
Fotografia 5 - “Parque do Japonês”	88
Fotografia 6 – “Parque do Japonês”	89
Fotografia 7 - “5º Retalho”	89
Fotografia 8 - “Vila São João 1”	90
Fotografia 9 - “Vila São João 2”	91
Fotografia 10 – “Santa Maria do Gurupá”	92
Fotografia 11 – “Santa Maria do Gurupá”	93
Fotografia 12 – “Os visíveis da cidade”	94
Fotografia 13 – “Os visíveis da cidade”	96
Fotografia 14 – “Lugares escondidos”	96
Fotografia 15 - “6º Retalho”	99
Fotografia 16 - “O tecido preenchido”	101
Fotografia 17 - A Colcha de Retalhos	109
Fotografia 18 - A Exposição Colcha de Retalhos	115

SUMÁRIO

MEMORIAL	10
INTRODUÇÃO: O PASSAR DA AGULHA PELOS TECIDOS	16
CAPÍTULO 1: A CIDADE COMO TECIDOS REPLETOS DE SENTIDOS	32
1.1 A cidade escorrendo através da seda	39
1.2 Das tecituras do algodão se formam os primeiros pedaços: rememoração e memória	42
1.3 o perpassar das linhas nos tecidos que formam os professores	47
1.4 as mãos que tecem os sentidos	51
CAPÍTULO 2 - A COSTURA DOS RETALHOS	55
2.1 Os retalhos monadológicos	57
2.1.1 Retalho 1 “O Pedaço de Tecido em Branco”	57
2.1.2 Retalho 2: Os Pedaços dos Professores	62
2.1.3 Retalho 3: O Pedaço de Passagens	69
2.1.4 4º Retalho: “O Pedaço Chamado Promissão”	78
2.1.5 5º Retalho: “O Pedaço Não Visto”	86
2.1.6 6º Retalho: “Os Pedaços Preenchidos”	98
CAPÍTULO 3 - OS PEDAÇOS QUE FORMAM A COLCHA DE RETALHOS	105
OS ARREMATES	120
Referências	124
Anexos	129

MEMORIAL

Considero-me uma pessoa muito nostálgica, que gosta de reviver memórias e momentos do meu passado, os quais influenciam, de diversas formas, como sou no momento atual. Em uma das discussões que presenciei na matéria de Ensino de História, disciplina ofertada pelo mestrado do ProfHistória no começo do segundo semestre de 2023, falamos sobre a aceleração do tempo acarretada pela modernidade capitalista e sobre como, diante disso, as pessoas vêm tentando reviver objetos, estilos, músicas antigas – de outro tempo – como uma forma de tentarem desacelerar esse tempo. Tal atitude mostra uma forma de conseguirem ter controle de algo, embora, na realidade, nós é que somos controlados pelo relógio, pela correria de alcançar algo que sequer sabemos o que é. Ainda que ciente desse fato, também me pego tentando ter um pouquinho de controle sobre o tempo, e, por meio das minhas memórias que estão expressas no meu consciente e inconsciente, te convido, caro leitor(a) para conhecer um pouquinho do caminho que percorri até aqui.

DO COLETIVO ME FORMEI

O que me traz até aqui é o amor de duas pessoas que, mesmo não permanecendo juntas, teceram um manto de amor ao meu redor. Mas, sozinho, esse manto não tinha estrutura suficiente para acompanhar meu crescimento e, para solucionar isso, mais linhas e agulhas foram entregues a pessoas que desempenharam papéis essenciais. Assim, juntos, puderam transformar esse manto em um tapete, pois perceberam que ao invés de me cobrirem e me protegerem do mundo, eles poderiam construir aos poucos, parte por parte de um tapete para me guiar pelas descobertas da vida.

Uma pessoa foi essencial para ensinar os fundamentos dessa tessitura, Dona Ilda, a matriarca da família. Foi por meio dela que os ensinamentos, o carinho, o amor e o cuidado se originaram. Dona Ilda, com seus olhos que carregam a bagagem de uma vida de trabalho e de luta para criar seus quatro filhos em meio a um relacionamento abusivo. Ela conseguiu se separar em um tempo em que isso não era comum e, mesmo passando dificuldades, lutou por sua liberdade. Minha bisavó era um ser livre e independente, que não queria ajuda, pois era capaz de viver sozinha. Quando pequena, tive a honra de muitas pessoas da família se disporem a cuidar de mim enquanto meus pais trabalhavam, e a bisavó fazia isso com maestria. Foi com seus carinhos, com sua conversa e seu amor que eu cheguei até aqui.

Recordo-me de encontrar seu caderninho de escola e também, dela me contando como gostaria de ter conseguido ficar mais tempo na escola, aprender a escrever e ler direitinho.

Quando comecei a faculdade, meu passatempo era enchê-la de perguntas sobre sua história. Que bom que tive a paciência de ouvir suas narrações e os caminhos que ela havia trilhado. Uma mestra sedentária que repassou muito saberes com suas experiências.

Esse tapete, feito no coletivo, me faz lembrar do provérbio africano: “É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança”, pois não só familiares participaram dessa construção, mas também pessoas importantes que fui descobrindo ao longo da minha jornada. Esse tapete, vez ou outra, abria furos, rasgava ou desfiava alguma parte e, enquanto eu ainda não sabia tecer sozinha, havia pessoas para fazer os remendos, tão bem-feitos que mal parecia que tinha sido machucado. Demorou até conseguir manejar as agulhas, entender os passos das linhas, aprender a não temer os possíveis furos nos dedos e o medo de errar os arremates. Na realidade essas sensações ainda permanecem. Mas agora entendo a importância de tecer meu próprio caminho, criando meus próprios obstáculos e me desafiando a cada nova fase.

Só eu posso saber qual caminho percorrer, mas ainda fico feliz por poder compartilhar – vez ou outra – mais agulhas com aqueles que estão chegando e vão me acompanhar em novos desafios. Posso me frustrar? Não consigo prever, mas tenho certeza que posso recuar alguns pontinhos e refazer a costura. Pois, lá no início, me fizeram em coletivo e nesse coletivo eu me refaço a cada dia.

“DE ONDE VOCÊ É? SOU DE UMA CIDADEZINHA NO INTERIOR DE SÃO PAULO CHAMADA PROMISSÃO”

“You take the man out of the city, not the city out the man”

(Joe Keery, 2024)

Em uma das atividades propostas pela Prof. Cyntia Simioni França, na disciplina do Mestrado ProfHistória da qual participei como aluna especial para cumprir os créditos necessários exigidos pelo Programa de Pós-Graduação História Pública, precisávamos escrever a respeito de algum patrimônio¹ de nossa cidade. Quando fui realizar essa tarefa, pesquisei o nome da cidade no Google e nenhuma das opções me tocava ao ponto de escrever sobre. Até que chegou o 7 de setembro e, como em muitas cidades do Brasil, lá aconteceu o desfile cívico na cidade. Nesse momento, lembrei do quanto eu amava essa data, porque, como era envolvida com os grupos artísticos de dança, era o momento que íamos para a rua dançar. Ficávamos semanas e semanas ensaiando para que tudo saísse perfeito. A energia da

¹ Patrimônio no sentido que Walter Benjamin reconhece e Galzerani (2013) explica, como sendo aquilo que gera experiências passadas de geração para geração, plena de significados e de vínculos. Não precisando ser monumentos ou estruturas físicas, mas aquilo que permanece através das gerações por possuir significados.

cidade era toda modificada por conta dessas horinhas de movimentação na Avenida Pedro de Toledo. Nesse momento, percebi que esse era um lugar que traz muitas memórias; me vêm enxurradas de lembranças, desde a minha infância até os dias de hoje, quando vou visitar.

Essa avenida atravessa toda a parte central do município, mas na parte principal é onde ficam os comércios, escolas, bancos e as praças. É bem nesse “eixo” que acontece o desfile de 7 de Setembro e é onde se concentra a movimentação da cidade quando o comércio abre no período noturno por conta do Natal. Quando era pequena, lembro de tentar convencer meus pais a tomarem banho no chafariz da praça 9 de julho, conseguindo apenas uma única vez, depois que voltamos da missa. O momento tão esperado tinha chegado e lá estava eu com as muitas crianças que não tinham um medinho sequer de pegar resfriado. Nessa praça fica até hoje o tio do churros, com sua kombi azul e branca e as bexigas de gás hélio. Toda vez que passo de carro por lá, lembro da indecisão sobre qual recheio escolher e da bagunça para comer essa sobremesa.

A cidade de Promissão, em cada canto seu, me provoca lampejos de memórias de um tempo saudoso que não volta mais. De espaços que já não são mais utilizadas, mas que, em algum momento, foram, e, para algumas pessoas, ainda são partes de momentos importantes para sua formação pessoal. Passei boa parte da minha vida repudiando o fato de morar em uma cidade que, sob minha percepção à época, não tinha nada para fazer. Hoje, ainda acho que não tem nada para fazer – risos – mas entendo o quanto foi importante crescer em um lugar calmo e estável, como, agora adulta, consigo ver que é Promissão. No geral, não critico quem reclama por morar nessa cidadezinha do interior paulista, acredito que o tempo faz com que possamos entender que mesmo não sendo o melhor lugar para se estar, nem mesmo o mais divertido, é o lugar em que você já esteve. E acredito que os momentos vividos foram importantes para você ser quem você é. Assim como foram para mim, na minha pequena jornada de autoconhecimento.

ACASOS ME TROUXERAM ATÉ AQUI

Minha mãe me conta que, quando eu entrei na escola, era a menor da turma. Isso porque ela precisava de algum lugar onde eu pudesse ficar, mas na época ainda não havia o que hoje chamamos por berçário. Como minha mãe dava aula nessa mesma escola, a diretora deixou que eu ficasse na turma do maternal, que era a classe das crianças entre 2 e 3 anos, enquanto eu só tinha 1 ano. Estudei duas vezes nessa turma, para que minha idade correspondesse corretamente e eu pudesse seguir adiante. Dona Luana, minha mãe, se gaba de que, ao sair do pré, eu já sabia ler.

Passei por duas escolas durante toda minha vida. Em uma delas, eu podia explorar diversas áreas do mundo artístico. Lembro de fazer teatros, coreografias para festas, participava das aulas de dança. Realmente era isso que eu amava. Quando o assunto era sentar-se em fileiras e aprender os currículos tradicionais, a situação não era tão boa. Quando entrei no fundamental 2, anos finais, mudei de escola para uma em que o viés artístico não tinha muito espaço. O foco eram notas, simulados, e eu me via perdida tentando acompanhar os colegas. Lembro que os 7º e 8º anos foram os piores nesse quesito. Não sabia nem por onde começar a estudar, os números não faziam sentido e nem mesmo a história era fácil de entender. Só não repeti de ano por conta das ajudas nas recuperações da vida. Nesse período tinha muita dificuldade em gostar de alguma coisa que envolvesse o mundo escolar, não tinha nem ao menos apego com livros e foi só depois do boom John Green² e da minha necessidade de estar atendida que comecei a me interessar por livros. A chegada ao Ensino Médio fazia tudo parecer uma loucura. Notas, simulados, vestibulares, e “o que quero fazer?” Um furacão de informações nos atingiu logo no 1º ano. Nesses três anos que se passaram, fui a cada ano descobrindo novos interesses e entendendo o que não era para mim. Sentia que os professores não acreditavam no meu potencial e não conseguiam me ajudar a entender as milhares fórmulas de física ou de química. Desisti, isso não fazia sentido para mim. Aprendi a estudar de verdade e percebi que, para entrar em uma universidade pública, iria ter que me destacar muito nas áreas em que sou boa. Não iria nunca mais ter que tirar nota em física, química e matemática, isso era o que me motivava a estudar loucamente para os vestibulares e finalmente conseguir entrar na tão sonhada universidade pública.

Chamo de acaso como cheguei na Unespar de Campo Mourão. Prestei vestibulares para muitas universidades e não queria depender do Enem para entrar em uma. Meu foco e sonho era a UEL, me apaixonei por cada pedaço daquela universidade quando fui prestar a prova. O SISU abriu e a Unespar apareceu, lembro de mandar no grupo com minhas amigas “O que será que é a Unespar?” e uma delas me respondeu “Deve ser a Unesp do Paraná”, e não é que ela estava certa? Vou explicar por que acredito que vir para a Unespar foi algo do acaso e do universo. Em todos os vestibulares que eu fiz, as listas de espera não rodavam e, em um deles, eu mesma acabei me esquecendo de declarar interesse. Quando já tinha aceitado o fato de que Campo Mourão e a Unespar eram o lugar onde eu deveria estar, descobri que quando fui ao campus de Apucarana prestar vestibular da UEM, meu local de prova era na

² John Green é autor de diversos livros best-sellers, como, por exemplo, “A culpa é das Estrelas”, lançado em 2012, e muitos outros como “Quem é você, Alasca?”, “Cidade de Papel”. Livros de ficção juvenil e romance que foram mais buscados pelos jovens da época.

Unespar. Pode ser coincidência apenas? Pode. Mas essas razões me fizeram aceitar meu destino e me dedicar ao máximo nessa fase. Comecei a perceber que eu era péssima na escola porque nada fazia sentido, já na universidade eu virei a famosa *nerd*, que não deixava nada atrasar e fazia tudo o que era pedido. Nos 2º e 3º anos, fomos acometidos pela pandemia, mas mesmo sendo apenas online eu fazia questão de realizar todos os trabalhos, provas e dar auxílio aos colegas que precisavam trabalhar nesse período. Foi no 3º ano, de maneira online, que conheci a Prof^a Cyntia. Ela iria abrir um projeto de Iniciação Científica a respeito da formação de professores e da História Pública, então logo me candidatei para essa nova experiência. Nesse ano de 2021 fizemos tudo de modo online, mas conheci e comecei a participar do Grupo Odisseia, com pessoas incríveis e potentes que desde o início me fizeram sentir-me à vontade demonstrando paixão por aquilo que faziam. Já em 2022, presencialmente, vivi intensamente o último ano de graduação. Me apeguei aos amigos de sala e aos professores e juntos construímos um espaço seguro para compartilhar felicidades, frustrações e desejos. O edital para o Mestrado em História Pública abriu e, com a ajuda dos colegas, construí meu projeto, que tinha o intuito de dar continuidade à pesquisa da I.C. e que fazia sentido para mim, para o meu eu. E cá estou, construindo esse trabalho, que desde seu cerne foi pensado coletivamente, assim como a construção do meu eu e minhas experiências.

RECONHECER-ME COMO PROFESSORA

Ao chegar ao “fim” desta dissertação, percebi que, no seu desenvolvimento, pude me reconhecer professora e ser parte do processo de formação docente. Fui me encontrando nas angústias e na esperança de uma melhora nas condições de trabalho dos professores. Entender-me enquanto professora-pesquisadora foi essencial para que eu não me distanciasse dos professores da pesquisa e para que pudéssemos iniciar as discussões do mesmo ponto de partida, partilhando nossos saberes e experiências sem hierarquias.

Esse processo foi sendo vivido ao longo da escrita desta dissertação e por meio das experiências em sala de aula. Mesmo não sendo professora do estado de São Paulo, nos encontros com os professores da Promissão, percebemos que as preocupações partem de um mesmo sentido: o olhar mercadológico para a educação, que é fomentado pelos governadores dos estados. Saber que o sucateamento educacional do Paraná está chegando ao estado de São Paulo me fez escrever esta dissertação como uma forma de resistência. Estamos resistindo, e continuarei lutando para que os professores sejam valorizados e respeitados novamente.

INTRODUÇÃO: O PASSAR DA AGULHA PELOS TECIDOS

Dona Fernanda fez uma arte de que nunca mais se esqueceu. Certo dia, estava brincando no quintal de sua casa e, como adorava subir em árvores – especialmente nas mais altas! num faz de conta de “trapézio de circo” – subiu na mangueira e lá ficou por um bom tempo, até que seu pai a chamasse para tomar banho. Ela nem ligou. Mais tarde resolveu que se banharia por ali mesmo, na caixa d’água que ficava bem pertinho do pé de manga; então, “tíbum!” Pulou do galho direto para dentro d’água. Chegou em casa toda molhada. Seu pai, que era muito bravo, ficou uma onça e ela levou uma bela surra! Ela adorava brincar de fazer comidinha em fogões montados com tijolos de construção imitando o jeito de sua mãe, e o quintal de sua casa era perfeito para suas brincadeiras. Um dia, jogando bola com suas amigas, chutou-a com tanta força que quebrou a janela do vizinho, e mais uma vez teve que “conversar” com seu pai... Entre vidraças quebradas e palmadas levadas, ela cresceu. Guardou no coração o sonho de ser médica e formou-se professora. Optou por ensinar crianças com dificuldade de aprendizagem e, assim, trilhou seus 50 anos de magistério.

(Toda Cidade Tem História Para Contar: Memórias De Buritama E Promissão, 2017, p. 36)

Este fragmento de memória é de uma estudante que traz alguns fios de rememoração sobre a infância de Dona Fernanda, uma professora muito conhecida na cidade de Promissão, interior de São Paulo, que passou por diversas escolas e cargos dentro do município e marcou a vida de muitos estudantes durante suas aulas. Assim, como na epígrafe, podemos perceber as experiências de vida que estão em nós e outras que nos atravessam, quando entramos em contato com o outro. É inspirada nessa narrativa que compartilho este trabalho que foi realizado no Programa de Pós-Graduação em História Pública, na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), na cidade de Campo Mourão, que tem como objetivo produzir conhecimentos históricos e educacionais em diálogo com as memórias dos professores da cidade de Promissão (SP). Esse trabalho tem como mote de reflexão compreender a relação dos professores e professoras com a cidade em que eles vivem, a partir das seguintes indagações: Como a cidade te atravessa? Que olhares outros podemos estabelecer com o espaço em que vivem? Como a cidade te constitui como um sujeito que possa desenvolver uma cidadania ativa?

A questão do atravessamento da cidade é inspirada em Jorge Larrosa Bondía (2002) que descreve o ato da experiência como aquele momento vivido que não ficou em vão, a experiência que toca os indivíduos e os modifica de alguma maneira. É nesse sentido que a cidade atravessa, modifica e faz parte da formação do indivíduo. É por meio dessas experiências que a cidade se torna um espaço de exercício da cidadania, mostrando aos seus

municípios seus direitos e deveres dentro daquele espaço em que convivem tantos grupos diferentes. É a busca por direitos iguais, assistências e melhorias para todos.

O conceito de cidadania ativa está vinculado à forma com que Maria Victoria de Mesquita Benevides (1991) entende o papel dos cidadãos no meio em que vivem. Para ela, é possível ter a população participando ativamente de possíveis transformações na sua comunidade, pensando a partir dos direitos humanos. Neste trabalho, a cidadania ativa é ampliada, pois quando percebemos nossa individualidade e nossa coletividade na cidade, compreendemos que podemos exigir mudanças e melhorias.

A conceitualização de cidadania proposta nesta dissertação também se ampara pela historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani que a define:

[...] como dimensão ativa e como prática capaz de colocar em ação o enraizamento cultural, a afirmação da identidade singular e, ao mesmo tempo plural, coletiva dos sujeitos envolvidos. Ou seja, o que se quer é que as crianças e os pré-adolescentes, na relação com os professores, construam práticas mais plenas de sentido – para si e para os outros – relativos à experiência de serem moradores da cidade [...] e, para tal, possam ultrapassar a diluição da dimensão de tempo, de espaço e o esfacelamento das relações sociais, que, muitas vezes, hoje prepondera. Para tal, o eixo virtual desta iniciativa é a possibilidade do trabalho em torno da memória [...], numa sociedade que vivencia a sua crise, que prioriza informações destituídas de sentidos para a grande maioria das pessoas, onde prevalecem as vivências automatizadas e não experiências vividas (plenas de significados para si e para os outros - Walter Benjamin). Portanto, a memória será focalizada como potencialidade de fortalecimento da capacidade de ser sujeito da produção de conhecimentos históricos e geográficos, e da própria história, na relação com outros sujeitos. Memória como afirmação da cidadania (Galzerani, 2004).

Na modernidade capitalista, nos deparamos com o tempo incessante, em constante movimento, que não nos permite refletir sobre nós mesmos nem entrar em contato com nossas histórias, fazendo com que, muitas vezes, nos afastemos de nós mesmos e daquilo que nos constitui de maneira mais íntima e profunda, pelo fato de viver apenas o agora, uma condição atrelada a vida moderna.

Diante desse cenário, algumas questões incômodas surgem: nessa condição moderna, nos dias corridos e ao preparar aulas e corrigir provas, encontramos tempo para acessar memórias como as da Dona Fernanda? Quantas outras memórias ficam perdidas em meio às obrigações do dia a dia e que nos fazem esquecer de nossa essência?

Quando se está na sala dos professores, sempre é relatada a correria de nossas vidas, pois cada um tem suas funções para além da sala de aula. É importante lembrarmos que até mesmo os planejamentos escolares acabam sendo levados para casa, pois o tempo é curto e os afazeres são muitos. Jorge Larrosa Bondiá (2002) pensava a respeito dessa relação com o

tempo. Para ele, “Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa.” E principalmente na vida do professor, tudo está cada vez mais acelerado. Essa rapidez impede que consigamos refletir sobre a prática docente e os currículos que cada vez mais trazem para o professor funções que não estão em seu âmbito. Além disso, as propostas de formação de professores seguem a lógica do capital: pacotes prontos de aulas, metodologias que devem ser “aplicadas” e distante das experiências dos docentes e também dos estudantes, visto que os conteúdos prontos não retratam sua realidade social e os distanciam do professor e do ensino.

Minha experiência como docente se concentrou no Estado do Paraná, onde instaurou-se uma visão da educação como meio de obtenção de lucro, marcada pela inserção do ideário neoliberalista. Essa lógica foi implementada pelo secretário da educação, Renato Feder, responsável por coordenar o sucateamento da educação paranaense entre 2019 a 2022. Infelizmente, as diretrizes do estado de São Paulo se alinham às do Paraná, com a eleição desse mesmo secretário e a consolidação de sua ideologia, que visa transformar em lucro a educação de mais um estado.

Ao partilhar as experiências vividas nas escolas paranaenses com os professores da pesquisa, identificamos um sentimento comum de frustração ao observarmos o sistema educacional paulista tomando os mesmos rumos que o paranaense. É nesse entrecruzamento que dividimos as mesmas angústias docentes, de quem já testemunhou o avanço de um projeto de desmonte educacional, cujos tentáculos agora se estendem a outro estado. Juntos, buscamos resistência a esse sistema, uma brecha nesse tempo capitalista que nos encara como peças de máquina de formatar gente. Nós não formatamos gente, nós educamos pessoas, as ajudamos a entender o mundo em que vivem e qual o seu papel na sociedade.

De acordo com Larrosa (2002), o excesso de trabalho é um dos motivos que faz com que a experiência seja cada vez mais rara; e não só isso, mas também a prática de narrar. Muitas vezes, nós professores precisamos buscar fontes de renda extras, pois apenas o salário de professor já não é suficiente. Além disso, os professores contratados tornam-se a cada dia mais vulneráveis às condições impostas pelo contrato de trabalho. Essa busca pela sobrevivência, muitas vezes, nos leva a perder o sentido do que fazemos, como fazemos e para que fazemos, causando um declínio no interesse pela carreira docente, visto que há cada vez menos jovens interessados em se tornar professores.

Nessa dissertação, teço caminhos a partir dessas inquietações para refletir sobre a importância de rememorar as experiências vividas durante nossa trajetória, que acabam sendo esfaceladas pelo avanço do capitalismo nos diversos domínios da vida dos sujeitos, em função

de cumprir com as demandas do capital. Os efeitos desse estado de barbárie se refletem na condição de vida empobrecida das experiências que nos formam e nos constituem como profissionais.

O impacto da modernidade capitalista vai além de uma base economicista, ela está presente nos enfrentamentos das relações sociais frente a uma sociedade que altera as nossas percepções culturais e nossas visões de mundo. Nesse contexto, as relações sociais, o contato com o outro e os momentos de reflexão são deixados de lado.

Há tantos acontecimentos que nos perpassam, mas que ultimamente não são mais narrados ou ouvidos. O trabalho sob a lógica da racionalidade instrumental rompe com uma perspectiva de produção de conhecimento que visa encarar o sujeito face a suas sensibilidades e potencialidades. Progressivamente, o espaço para os corpos e mentes dos professores viverem em sua inteireza humana diminui (Galzerani, 2008). Será que a cada dia somos castrados da nossa imaginação e da possibilidade de existir com nossas completudes e incompletudes humanas? Seremos robôs, sem rostos, sem marcas, sem gosto e sem vida num sentido pleno?

Para refletir a respeito desse tempo que nos encadeia e encontrar as possíveis brechas, utilizaremos como base teórico-metodológica o autor Walter Benjamin (1892-1940). Benjamin nasceu em Berlim no ano de 1892, judeu, ensaísta, filósofo e crítico literário de seu tempo, sendo um dos principais pensadores da modernidade, muitas vezes “enquadrado” como um filósofo da Escola de Frankfurt. O filósofo berlinense alargou a concepção de capitalismo ao acolher, mais amplamente, a dimensão cultural, ou seja, as visões de mundo e as sensibilidades, em suas concepções (Paim, 2012). Nas análises de Benjamin, o ser humano é considerado sujeito da história, indo além das fronteiras e explicações historiográficas fundamentadas no determinismo econômico. Benjamin, ao pensar o processo de produção de conhecimento histórico, se afasta do pensamento cartesiano, que se restringe a operações conclusivas, rígidas e vistas como uma "verdade" absoluta (Vedovato, 2021).

Inspirado no contexto em que viveu — o período entre guerras da Europa —, escreveu suas obras contrariando o que estava sendo produzido em sua época, criticando a modernidade capitalista e o esplendor do progresso que crescia e fomentava o esfacelamento das relações sociais, das narrativas e das experiências. Tal modernidade não age apenas no plano material, mas em nossos sonhos e utopias (Galzerani, 2008).

Recordemo-nos dos soldados que voltaram das grandes guerras emudecidos. Esse silêncio não se devia à ausência da experiência da guerra, mas ao fato de perceberem que a sociedade que encontravam ao retornar vivia sob uma nova condição social e não estava

pronta para ouvir os horrores e atrocidades das guerras de trincheiras, além de que eles próprios não conseguiam reelaborar, em narrativas partilháveis, a experiência vivida no campo de batalha.

É pensando nessas crises da modernidade que eram vistas por muitos como uma época de progresso que Walter Benjamin vai falar sobre a ilusão desse progresso como uma máscara para os conflitos internos e, posteriormente, externos que assolavam a Europa, como ressalta a historiadora-professora Maria Carolina Bovério Galzerani (2023) em diálogo sobre Benjamin:

É importante enfatizar que Walter Benjamin viveu algumas das crises fundamentais da modernidade na Europa, ou seja, a Primeira Guerra Mundial, o nazismo, o fascismo, o stalinismo, bem como o início da Segunda Guerra. Dialoga, pois, no interior de sua obra, com todas essas crises, revelando profundos questionamentos à modernidade como forma onírica do tempo que é cega, perante a história, e que tem engendrado homens partidos. (Galzerani, 2023, p.178)

Mas esse processo tem seu início com o início da Segunda Revolução Industrial, com a intensa chegada do capitalismo nas capitais da Europa no século XIX, como em Paris e Londres, forçando uma reorganização social e estrutural das cidades, as quais passaram a receber grande quantidade de imigrantes vindos do campo. Dessa forma, foi-se construindo a ideia de multidão, de massa, para essas pessoas que passaram a viver nessas cidades. (Paim, Guimarães, 2012, p. 70). A modificação nas relações sociais foi marcada pela aceleração do mercado e seu grande interesse no aumento da produção. Richard Sennet em *O declínio do homem público* (1988) estabelece uma relação entre a grande densidade populacional nesses centros do ocidente, que se diferenciavam de *glebas* para *glebas*. Ou seja, os bairros onde essa população se fixava eram o que as diferenciava, em razão da questão de capital que possuíam, resultando no aparecimento das diferenças entre a população proletária e a burguesia.

“Existe uma população diurna, onde são trabalhadores, são burgueses que se movimentam nessa cidade; outra noturna, aqueles sujeitos considerados anti-sociais: os ladrões, as prostitutas, os jogadores, os trapeiros, os boêmios, os artistas, os bêbados, uma infinidade desses sujeitos que estão aí, dentro dessa cidade.” (Paim, Guimarães, 2012, p. 72-73)

Walter Benjamin também retoma esse cenário dicotômico dos mundos diurno e noturno, dos grupos diferentes que habitam os mesmos locais. Ele retrata a exclusão desses grupos, uma exclusão física e contínua à medida que deixamos suas histórias de lado. Elison Antonio Paim (2023) se debruça na concepção de modernidade de Benjamin, percebendo que com o tempo moderno capitalista também ocorre o apagamento das marcas, pois todos se tornam parte de uma mesma massa, que não expressa suas experiências e individualidades:

“cria-se a ideia de um labirinto urbano. Então, a cidade labirinto precisa estar de acordo com esse novo tempo, com as novas relações exigidas pela modernidade capitalista.” (p. 38).

Quando refletimos sobre as cidades modernas a partir do viés benjaminiano, conseguimos captar a essência de suas obras ao abordarem o tempo vivido. Ao perceber como Benjamin delinea sua percepção dos centros urbanos marcados pela intensidade do capitalismo, conseguimos trazer essa reflexão para nossa realidade, na qual também há discrepâncias entre os grupos que habitam a cidade.

Ainda, Sennet (1988) conecta ao pensamento benjaminiano ao afirmar que à medida que as cidades iam crescendo e enchendo-se de pessoas, o contato entre elas era cada vez mais difícil: “as experiências coletivas estão se esgarçando, as tradições se perdendo e os sujeitos modernos não encontram mais sentidos coletivos no mundo comum (comunidade local)” (Vedovato, 2021, p. 24)

Os sujeitos se isolam, ampliando a dimensão do mundo privado, perdendo a oportunidade de se encontrar com o outro e refletir com o outro. A modernidade capitalista, fomentou para que a dimensão do mundo privado, superasse a dimensão pública e todo impacto que ela tinha na construção social e coletiva.

O ritmo de trabalho que nos acelera é fruto do advento da modernidade capitalista, que nos retira das demandas do trabalho artesanal e nos impõe ao trabalho em grandes escalas e demandas, em um ritmo no qual não conseguimos parar para refletir sobre nossas ações, nossos trabalhos e quem somos. Nos tornamos reféns dos “donos” de nosso tempo, nosso trabalho e nossa vida. Nesse movimento, onde o ócio se perde do cotidiano, as narrativas se definham pois não há tempo de narrá-las e nem pessoas para escutá-las. Benjamin, em *O Narrador* (1985) reflete sobre esse momento, sobre como o trabalho artesanal era uma forma de tecer não só os produtos, mas também as histórias contadas oralmente.

Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (Benjamin, 1985, p. 205)

A rapidez em que a sociedade está atrelada, corrobora para que as narrativas evaporem dos narradores, fazendo-os refletirem cada vez menos sobre suas próprias experiências e não mais contando as possíveis histórias que poderiam ser contadas.

Ao refletirmos sobre os impactos da modernidade, é preciso que fique claro o conceito de modernidade que assumimos nesta dissertação. Da mesma forma que Walter Benjamin

encarava a sociedade capitalista, debruço sobre ele para tecer as demais críticas sobre esse sistema que vai muito além do materialismo histórico: “a modernidade, é complexa e mais ampla do que a revolução industrial ou a economia de mercado” (Paim, 2023, p. 33). Essa modernidade que chega no século XIX e vem crescendo constantemente impacta principalmente as relações sociais dos indivíduos. Nós a entendemos como algo que interfere na dimensão cultural e que altera a visão de mundo de cada um de nós. Esses sintomas chegam no espaço da escola e na vida dos professores.

Quando falamos dos profissionais da educação podemos perceber a ausência de suas experiências nas formações de professores. Na maioria das vezes, não ouvimos falar sobre o que os aflige, quais seus anseios, suas necessidades nos espaços escolares ou sobre as aprendizagens significativas, pois a sociedade não mostra interesse em saber e não lhes dá espaço para compartilhar. Além disso, as instituições estatais, como as diretorias de ensino, estão cada vez mais empenhadas em aumentar as demandas dentro e fora da sala de aula, sem propor que os professores participem ativamente dessas decisões ou exponham suas opiniões acerca disso.

A cada ano assistimos e lutamos em busca de uma educação de qualidade não apenas para os estudantes, mas também para os professores. Buscamos uma educação que coloque professores e estudantes como protagonistas de suas histórias e que autoridades governamentais escutem e acolham suas experiências e reivindicações. Em 2024, no mês de junho, aconteceu mais um ataque à educação do Estado do Paraná, quando o governador do estado Ratinho Junior apresentou o projeto “Parceiros da Escola”, uma forma de privatizar gradualmente os colégios estaduais. Por conta desse ataque à educação, professores e estudantes fizeram protestos e greves reforçando o grito “Escola não é mercadoria”. Nunca foi, não é? E lutemos para nunca ser. No ano de 2025 a nova tentativa do governador do estado foi de privatizar 200 escolas públicas — sem mencionar o número de escolas cívico-militares que foram implementadas no Paraná. Mesmo que esses acontecimentos tenham sido no estado do Paraná, sabemos que o neoliberalismo estabelece uma perseguição à área da educação em todo o Brasil há muitos anos, especialmente durante o governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro, quando ganhou força. A luta em São Paulo não é diferente. Durante as conversas dos encontros com os professores em nossa formação docente, a preocupação sempre se voltava às condições impostas ao trabalho docente, nada mais do que a precarização do proletariado. Infelizmente essas ações vêm se intensificando e, com isso, agrava-se a frustração por sabermos que o caminho da educação de São Paulo está alinhado ao do Paraná.

No ano de 2021, durante meu terceiro ano da graduação em história, tive a oportunidade de participar do programa de Iniciação Científica com a professora Cyntia Simioni França, que também é minha atual orientadora no mestrado. Foi nesse projeto que passei a olhar para os professores e para a formação docente para além de um objeto de pesquisa. Nesse projeto de iniciação científica, fizemos uma pesquisa qualitativa e quantitativa, para compreender as práticas de formação docente na relação com a História Pública. Como resultado, identificamos uma escassez de trabalhos sobre o tema e, por isso, elaboramos nossa discussão em torno da importância de ampliar os estudos que pensem essa relação.

Contudo, foi a partir das atividades com o grupo de pesquisas Odisseia que surgiu um novo olhar sobre a relação com a cidade, as formações docentes e os professores. Foi nas reuniões de debates, com as leituras das teses, dissertações e textos de Walter Benjamin, Maria Carolina Bovério Galzerani, Nara Rúbia Cunha, Cyntia Simioni França, entre outros, que percebi outra forma de encarar a cidade, as experiências que vivemos nela, as possíveis reflexões que ela suscita e as memórias guardadas em nosso consciente e inconsciente.

O grupo Odisseia é coordenado pela professora doutora Cyntia Simioni França na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e aprofunda as reflexões sobre a história, memória, narrativa e experiência em diálogo com o filósofo Walter Benjamin. Dentro do grupo pensamos a produção de conhecimentos históricos e educacionais sob um viés benjaminiano, a partir do olhar das crianças, mulheres, professores, indígenas, a população negra, entre outros marginalizados na sociedade. Acreditamos e criamos uma rede de apoio para aqueles que se preocupam em fazer uma história com pessoas do mundo real, enfrentando os problemas cotidianos em cada cidade, estado, país ou continente.

buscamos nos aproximar dos questionamentos benjaminianos e do conceito de memória trazido por ele em sua teoria, como possibilidade de produzir novas práticas na produção de conhecimento histórico numa perspectiva a contrapelo das tendências prevaletentes na modernidade, entrecruzando racionalidades e sensibilidades na construção de uma escrita narrativa desviante que se configura nas mônadas. (Basseto, 2022)

O grupo Odisseia foi essencial para que esta dissertação existisse e que não fosse apenas um trabalho de conclusão de mestrado, mas principalmente uma experiência transformadora para mim e para os professores envolvidos. Em cada dissertação do grupo, conseguia perceber a sensibilidade e individualidade dos docentes.

O encontro com a História Pública também se evidencia na construção do trabalho, demonstrando em cada tópico e capítulo a importância de um trabalho colaborativo que não seja hierarquizado, mas feito de compartilhamento de experiências docentes.

A História Pública chega ao Brasil de forma institucionalizada por volta de 2011, com seu primeiro evento chamado “Introdução à História Pública”, organizado pela Universidade Estadual de São Paulo (Santhiago, 2018). No entanto, já estava sendo pensada há algum tempo. Nos Estados Unidos, África do Sul e Europa, a História Pública foi sendo entendida de forma diferente, mas com os ingleses ela ganhou uma vertente de “servir” ao público. Utilizo o termo “servir” não em seu sentido mercadológico, pois entendo a História Pública como uma maneira de possibilitar que histórias de grupos que por muitos anos foram marginalizados se tornem presentes através do trabalho com as memórias. (Almeida, Rovai, 2013)

Na perspectiva estadunidense, a *public history* vai assumir um caráter mercadológico, o que não podia ser diferente se considerarmos que aquele é um país de veias capitalistas. No artigo da historiadora Marta Rovai (2020), ela afirma que essa vertente estadunidense procurava “atender a um potencial de mercado e ampliar espaços de ação pública dos historiadores”. Ao perceber a falta de mercado para o historiador, os historiadores começam a migrar para outros campos, buscando prestar serviços a empresas e instituições públicas. “A reflexão nos Estados Unidos passou a ser sobre o uso público da história e não exatamente sobre a história pública ligada às políticas públicas.” (Almeida, 2013).

Com um olhar ampliado para as relações sociais, a História Pública europeia é discutida na revista *History Workshop Journal*, onde é possível perceber a história pública como uma forma de extrapolar os muros das universidades e proporcionar o surgimento de histórias, a partir do público, pensando em “democratizar e refletir sobre os usos políticos do passado no presente, por meio de uma “história vista de baixo”, incluindo trabalhadores, família, estudantes e, mais tarde, o movimento feminista.” (Almeida, 2013, p.2). Ela potencializa as narrativas e memórias de quem foi mantido escondido por anos e agora pode ser reconhecido como sujeito da história. Ao contrário dos “países anglo-saxões e dos Estados Unidos, no Brasil a história pública se vinculou, também, às pesquisas não acadêmicas e partiu de uma “problematização dos usos públicos da história, da história e seus públicos e das histórias compartilhadas entre públicos (Mauad, 2016, p. 154 *apud* Rovai, 2020, p. 11).

Aqui no Brasil, logo que se inicia os debates sobre a História Pública, esta foi sendo entendida como diferentes engajamentos “para”, “com”, “pelo” e “e o” público. (Santhiago, 2016). Não podemos e nem conseguimos reduzir a História Pública a essas quatro dimensões,

mas conseguimos perceber que os trabalhos que abordam a história pública permeiam por eles e, por isso, as entendo como parte de uma possível conceitualização. Mesmo não havendo uma definição específica de História Pública, seu principal objetivo pode ser se relacionar com o público de forma ativa, buscando novos caminhos e oportunizando transformações de grupos da sociedade. Não que o historiador tenha o “poder” para guiar ou trazer a diferença, mas um historiador público assume um compromisso com a sociedade, um dever de conscientização e luta social através do diálogo com os grupos que gritam e clamam para serem vistos e ouvidos. E nós historiadores tentamos juntar forças para pensarmos uma realidade diferente coletivamente.

A História Pública insere-se nesta dissertação por propor uma construção conjunta de conhecimento, encontrando-se na dimensão da história feita com o público (Santhiago, 2016) por meio da autoridade compartilhada (Frisch, 2016). A autoridade compartilhada se difere da questão de compartilhar a autoridade. Quando estamos compartilhando a autoridade, pressupõe-se que há uma autoridade presente que está compartilhando seu “poder” com os demais participantes. A ideia deste trabalho não segue essa linha, mas sim a de que todos os envolvidos são autoridades e juntos compartilhamos nossas experiências, fazendo assim um trabalho em conjunto. Michael Frisch explica essa diferenciação de forma clara em seu texto “A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa” (2016).

Sharing Authority traz a ideia de que nós fazemos ou deveríamos fazer- que ‘nós’ temos a autoridade e que nós devemos ou deveríamos dividi-la com os outros. Em oposição, a Shared Authority sugere algo que é; que na natureza da história oral e da história pública nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado (Frisch, 2016, p. 62).

Mais do que cumprir esses requisitos, a dissertação propõe, com a história pública, refletir e atuar na sociedade sugerindo a quebra da hegemonia e incitando a criticidade. A partir dessa perspectiva, os professores, como seres produtores de conhecimentos, pensando e encontrando seu papel social na cidade de Promissão, participaram efetivamente da criação de consciência e de uma formação a contrapelo. Por meio de reflexões benjaminianas, perceber o meio em que vivemos de forma crítica e política nos faz compreender que “o movimento de rememoração implica recordar e despertar, não sendo um ato de conformação, mas de resistência” (Cunha, 2016, p. 79). Nos perceber como sujeitos da história é resistir, e a prática

da história pública ressalta a importância da escuta, do reconhecimento e das trocas (Santhiago, 2018) que surgem ao adentrarmos no caminho da via da autoridade compartilhada.

A história pública deve servir às controvérsias, evidenciando territórios e interesses particulares e coletivos (Rovai, 2020), entendendo o público como seres para além de simples receptores da história. É nesse sentido que fizemos uma história pública pela via da autoridade compartilhada (Fisch, 2016) porque em nenhum momento houve uma hierarquização de saberes com os professores de Promissão. Eles participaram ativamente de todo o processo de produção da pesquisa, escolhendo os lugares e compartilhando suas experiências, enquanto eu ouvia atentamente suas memórias. Foi necessária uma escuta sensível. O ouvinte, para Benjamin, é aquele que tece em conjunto, ouvindo as narrativas, atento para ser o próximo a contá-la. Então quem escuta os professores com o avanço da modernidade capitalista? Se não são ouvidos nos ambientes escolares, onde poderão contar suas experiências? Neste trabalho, a formação docente é proposta como um espaço acolhedor para que os professores possam rememorar suas experiências na relação com a cidade de Promissão, de forma que seja possível estimular o sentimento de pertencimento e fortalecimento de suas identidades.

E quem são esses professores? Quatro mãos teceram essas tessituras: Alexandre, professor de matemática, morador de Promissão há 46 anos; Eliane, professora de geografia que reside em Promissão desde a adolescência; Wesley Bernardo, professor de história, promissense raiz; e Luany Sanches, professora de história que reside em Promissão há 19 anos. Os encontros com os docentes aconteceram em 2024, do final de janeiro ao início de março, todos os sábados. Sempre nos encontrávamos em um espaço diferente, escolhido pelos professores ao fim de cada encontro. Acabamos gradativamente nos afastando do centro da cidade, tendo o primeiro encontro em uma das praças principais de Promissão e os últimos em lugares mais distantes, como o distrito de Promissão chamado Santa Maria do Gurupá, que foi palco de muitos temas e conversas.

Em todos os seis encontros convidei os professores a construírem narrativas escritas. Para o pesquisador Elison Paim (2005) em sua tese *Memórias e experiências do fazer-se professor* ele nos lembra que trabalhar com narrativas

numa perspectiva de diálogo, possibilita-lhes que enquanto sujeitos, percebam que muitas das respostas que buscam estão presentes em suas experiências vividas e nas memórias. Portanto, memórias e experiências vividas não podem ser jogadas fora como até então vem acontecendo em grande parte dos cursos de formação de professores (Paim, 2005, p. 92)

Em cada encontro foram propostas diferentes temáticas para as práticas de rememoração da relação com a cidade. Qual a relação dos professores com os espaços da cidade? E com o tempo que a envolve? Quem está usufruindo dos espaços da cidade? E quem fica de fora dela? Esses foram alguns questionamentos que delinearão o caminho dos seis encontros, que serão chamados de Retalhos, pensando a cidade como ambiente de reflexão, e assim sendo necessário tateá-la como uma criança que tateia os objetos para experimentá-los/conhecê-los (Cunha, 2016).

Ao trabalhar com as memórias, percebemos que elas são carregadas de conhecimentos, saberes, sentidos, significados e sensibilidades, e que elas se relacionam com o vivido. Memória é lembrança, mas também esquecimento (Benjamin, 1985). Ao realizar os encontros (Retalhos) buscamos escavar as memórias esquecidas relacionadas à cidade de Promissão, encontrar aquelas memórias guardadas nas gavetas (Benjamin, 1985).

Os Retalhos foram elaborados como um espaço acolhedor e propício para que os professores pudessem refletir sobre sua relação com a cidade de Promissão. Para cada um dos Retalhos, foram utilizadas diferentes linguagens que potencializariam as rememorações dos professores, de modo a “rastrear com a memória odores, sensações, sons, imagens que ganham contornos, cores e texturas ao sabor das rememorações. Estas ressoam em encontros fortuitos de rastros deixados ao acaso pelas experiências vividas na infância” (Paim; Guimarães 2012, p.74).

Os encontros foram elaborados sob o viés benjaminiano, por meio do qual, a partir das rememorações, conseguimos acolher as memórias voluntárias e involuntárias e reelaborar os sentidos com o espaço em que vivemos. Por meio do diálogo com as memórias dos professores, nos deparamos com os conflitos, os silêncios, as exclusões, as resistências, os esquecimentos e as contradições sociais percebidas na relação com a cidade em que vivem.

O primeiro Retalho, denominado *O pedaço de tecido em branco*, foi o primeiro encontro, onde nos conhecemos e percebemos os caminhos entrecruzados. Foi explicado o viés da pesquisa e como a reflexão benjaminiana iria inspirar os encontros. Ao final deste e de todos os retalhos, foram entregues os convites para o próximo, apresentando a linha que iríamos costurar juntos e solicitando a narrativa referente ao encontro ocorrido.

O segundo Retalho, *O pedaço dos professores*, carrega esse nome pois elaboramos uma proposta singular de cada professor se apresentar levando um objeto pessoal que se relacionasse com a sua história de vida com a cidade de Promissão.

No terceiro Retalho, com o nome *O pedaço de passagens*, refletimos sobre a música *Epitáfio*, da banda Titãs, e percebermos como os lugares da cidade estavam deixando de fazer

sentido na vida dos sujeitos e o quanto os espaços privados estão sendo, muitas vezes, a prioridade para as pessoas. Enquanto procuramos um espaço para nos sentarmos na Praça dos Pneus, começamos a narrar a falta de interesse em manter os espaços públicos. Além disso, conversamos onde nos encontramos dentro da cidade, no sentido do papel que ela ocupa em nossa vida e de quem somos nós nessa comunidade.

No quarto Retalho, *O pedaço chamado Promissão*, demos continuidade ao que havíamos iniciado no anterior. Dessa vez, com a música *Memória* de Gonzaguinha, rememoramos sobre os espaços dessa Promissão que não são usufruídos. Espaços que ao mesmo tempo que perdem o sentido para uma camada da sociedade, viram morada para grupos excluídos. Questionamos a respeito da migração para os espaços privados e como isso de certa forma é uma maneira de nos restringirmos a nossa bolha social. Estarmos sentados em uma praça onde éramos os únicos presentes possibilitou pensarmos sobre a diferença entre os lugares públicos do centro da cidade e os lugares públicos de bairros periféricos. Questionamos e nos emocionamos ao nos depararmos com realidade tão distintas e o sentimento de justiça social e de pertencimento fervilhar dentro de cada um. Finalizamos o encontro com o convite para o próximo, solicitando que cada professor, baseando-se nas reflexões latentes, fotografasse os grupos e lugares de Promissão que, na percepção deles, se enquadram à margem da sociedade. Trabalhar com as fotografias tinha como objetivo identificar, de forma visual e clara, o que estávamos discutindo sobre a cidade. Mostrávamos, assim, que nossas discussões não estavam apenas no campo de reflexão, mas também no nosso convívio. Ao propor a atividade com a fotografia, buscava que os professores ampliassem seu olhar para além do que eles viam na cidade de Promissão, incentivando-os a parar e, e ao tirarem a fotografia, refletir sobre suas realidades, aquilo do seu entorno que não é visto, que não é percebido pela população.

No quinto Retalho, *O pedaço não visto*, os professores apresentaram as fotografias que haviam sido solicitadas no encontro anterior. Fotografias que mostrassem os lugares e grupos invisibilizados na cidade de Promissão. Nesse dia, nos deparamos com o descaso das autoridades públicas que não buscam valorizar os espaços da cidade, de forma que os deixam abandonados. Lugares que poderiam representar a história de Promissão, que poderiam desenvolver atividades com jovens e idosos, mas que acabam sendo esquecidos. Neste encontro, percebemos que, ao resignificarmos a cidade, retiramos as vendas dos olhos e evidenciamos diversas problemáticas que têm, como raiz comum, o capitalismo e suas engrenagens. Esse sistema altera não apenas as relações econômicas, mas principalmente as

relações sociais e espaciais dos indivíduos, fazendo-os perderem o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

No sexto e último Retalho, *Os pedaços preenchidos*, finalizamos os encontros alinhando as discussões de todos os Retalhos. Nele, entendemos que a cidade tem papel essencial para a formação dos indivíduos, mas que, gradativamente, esse papel está se perdendo. Realizar os Retalhos foi uma forma de ressignificarmos a nossa relação com a cidade e voltarmos a olhá-la de forma atenta, e não mais banalizada, questionando as ações das autoridades públicas, cujas intervenções carecem nos bairros mais periféricos. Exigimos mudanças e melhorias e que, de fato, a cidadania seja exercida ativamente por todas as pessoas.

Ao concluir os Retalhos, realizamos uma travessia pela cidade que habitamos e as que nos habitam, permitindo que nossas memórias e nossas histórias se entrelaçassem e nos percebêssemos como sujeitos históricos e produtores de conhecimento (Cunha, 2015).

Em cada encontro, foi solicitado para que os professores fizessem uma narrativa sobre o que havíamos conversado. A partir dessas narrativas, foram construídas as mônadas, ancoradas no aporte teórico-metodológico de Walter Benjamin. As mônadas, de acordo com o filósofo Leibniz, são miniaturas de significado. A historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani, nos ajuda a compreender as mônadas, considerando-as como fragmentos de memórias que têm a força de um relâmpago, carregadas de múltiplos sentidos (Galzerani, 2002).

Para Walter Benjamin (1897) “Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada.” (p. 231).

A pesquisa está organizada em três capítulos e, com a metáfora dos retalhos, este trabalho foi sendo percorrido. Retalhos, pois são esses pequenos momentos e fragmentos de memórias que são construídos em conjunto com os professores que, por sua vez, irão se transformar em algo maior, uma colcha. São pedaços de um todo que potencializam os sujeitos envolvidos e suas relações sociais. Além disso, o retalho tem para mim um significado afetivo, relacionado à costura realizada pela minha bisa, que observei durante toda a minha vida.

Ao pensar sobre os retalhos a emoção floresceu e me inspirou na escolha. A mônada “A caixa de Costura” que podemos encontrar no livro *Rua de mão única* (1985, p. 127) permite-nos entender o modo que os retalhos são vistos por Benjamin, como algo que está escondido, pois é no emaranhado das costuras — o avesso — que identificamos o sentido

pleno do que estamos fazendo. O avesso se torna muitas vezes mais interessante, pois é lá que conseguimos perceber os caminhos escondidos. Nesta mônada rememorada por Benjamin, enquanto criança, ele brinca com a realidade e com os contos de fadas, com o que está evidente e o que está escondido. Benjamin ressignifica o dedal de costura utilizado por sua mãe como uma coroa. O que está escondido, guardado dentro da caixa de costura, é mais instigante do que aquilo que está aparente. Se pensarmos no conceito de memória de Benjamin, mais do que lembrar, a grande preocupação do filósofo é com aquilo que foi esquecido. Quando trazemos os retalhos neste trabalho, fazemos o movimento de trazer à tona as memórias, e muitas delas estão no esquecimento. E não seria essa preocupação de Benjamin, mais do que lembrar atentar-se para os esquecimentos? Não é nos avessos que estão as camadas profundas de nossas memórias?

Como a tesoura de costura corta o tecido com firmeza e delicadeza, o trabalho com memórias envolve racionalidades e sensibilidades. A ida e volta ao passado do presente não se restringem a uma nostalgia, mas nos permitem as ressignificações. O memorial formativo já percorre esse movimento, seguido dos três capítulos que estão a seguir:

O primeiro capítulo, denominado “A cidade como tecidos repletos de sentidos”, será apresentada a cidade de Promissão e suas características, e compreendendo como está dividido o local onde os professores se encontram. Em subtítulos, esmiuçamos os arremates, sendo o primeiro “A cidade escorrendo através da seda”, que dará abertura para a discussão sobre os espaços impactados com a modernidade capitalista e pensá-los como constituição de lugar no qual ocorre a memória individual e coletiva. No subtópico “Da tecitura do algodão se formam os primeiros pedaços: rememoração, memória”, trabalharemos com as discussões a respeito dos conceitos de memória e rememoração, e como elas podem ser tecidas na relação com o espaço da cidade de Promissão.

Ainda no primeiro capítulo, teremos, no subtítulo “O perpassar das linhas nos tecidos que formam professores”, o debate sobre as formações docentes, e a proposta de uma formação contra-hegemônica. Também serão apresentadas as mãos que construíram os retalhos no subtítulo “As mãos que tecem os sentidos”, como as do professor Alexandre, que, experiente no mundo da educação, com seu giz e suas paródias, ensinou a muitos jovens os caminhos longos de uma fórmula matemática. E as da professora Eliane, que em meio à vida de dona de casa e mãe, procura sempre lutar por uma educação de qualidade. Temos os professores mais novos, como o professor Wesley, que partilha sua experiência de vida como homem preto e morador de bairro periférico para dar esperança aos jovens, e a professora Luany, sonhadora e esperançosa quanto ao mundo da educação. Após as apresentações, darei

início às discussões sobre memórias para instigar novas interpretações de um passado plural e repleto de ressignificações em relação com a cidade de Promissão. Concluindo o capítulo com as reflexões a respeito do papel do professor na comunidade.

O segundo capítulo abordará as oficinas de formação docente, encarando suas miudezas e potencializando as reflexões estabelecidas para pensar a relação dos professores com a cidade de Promissão no diálogo com as mônadas.

O terceiro capítulo tratará da realização da exposição *Colcha de Retalhos*, que teve como objetivo divulgar para a comunidade de Promissão o que foi produzido nos encontros com os professores. Os retalhos que formam a colcha foram impressos sobre a mesma com os seguintes elementos: as fotografias dos encontros e da cidade de Promissão, que foram tiradas pelos professores, e também pelas mônadas que foram construídas pela pesquisadora com base nas narrativas produzidas dos professores. Foi um trabalho de autoridade compartilhada com os professores, pois os processos foram construídos junto com os professores. A exposição fez o trabalho chegar até a sociedade, permitindo que a comunidade pudesse refletir sobre suas ações no tempo e espaço que vivem.

Para as considerações finais, mesmo que não se finda esse trabalho, pois a pesquisa é algo aberto a reinterpretações e reelaborações, partilhamos como os professores se sentiram nessa caminhada proposta pela dissertação e como eu, enquanto professora-pesquisadora, me formei nesse projeto educativo. Evidenciamos a necessidade de propostas de formação docente que sejam a contrapelo, trazendo os sonhos, as lutas e as experiências urbanas dos professores pela via da racionalidade estética.

CAPÍTULO 1

A CIDADE COMO TECIDOS REPLETOS DE SENTIDOS

Querida Flor de Lótus,

Adorei saber um pouco mais sobre Ouro Preto e como você percebe a cidade. Me senti acalentada por ler como você se sente ao ouvir e sentir emoções que te levam a rememorar experiências vividas durante a sua vida na sua cidade. Gostaria de te contar um pouquinho sobre a minha cidade, Promissão, no interior de São Paulo. Me sinto tocada pela cidade, quando ouço a sinfonia da banda marcial no 7 de setembro. Meu pai e minha mãe faziam parte da banda quando se conheceram e desde pequenininha me levavam para os ensaios onde eu ouvia meu pai tocar caixa, prato ou pistom e minha mãe dançar, ela era baliza. A banda marcial descia a Avenida Pedro de Toledo para fechar o desfile da independência e era tradição assistir e, até mesmo no dia de hoje (07/09/2023), meu pai está presente para assistir a banda. Ver a cidade cheia nos dias de feriado me lembra a cidade no Natal, toda movimentada por conta dos parentes que chegam para passar essa época do ano com seus pais ou avós. Eu mesma não abro mão de ir para Promissão nesse período. Para mim, o cheiro da cidade no Natal é único e misturado com as risadas das pessoas me faz sentir como se fosse criança novamente e estivesse parada no meio da avenida enquanto as pessoas passam por mim sorridentes e toca uma música de natal no fundo. Desculpe os devaneios lúdicos, Flor de Lótus, mas acaba sendo impossível não pensar na minha cidade e voltar automaticamente para minha infância e adolescência.

Acabei me lembrando aqui do apito do trem de carga que passa pela cidade. Ele pode ser ouvido à noite dos quatro pontos da cidade, mesmo que não com tanta nitidez. Quando nasci, morava depois da linha do trem. Meu pai me colocava dentro da jaqueta, naqueles cangurus e atravessava a cidade para me levar até minha bisa, para ele ir trabalhar. Quem mora perto da linha do trem, foi por muito tempo marginalizado, eram considerados pessoas que não cuidavam da cidade e um bairro perigoso. Infelizmente acho que ainda há muito desse estigma nos dias de hoje. Lá em Promissão, tem a Câmara Municipal e nela tem uma Maria Fumaça e é possível entrar nela. Quando criança eu e minha amigas competimos para ver quem conseguiria subir em outras partes da Maria Fumaça, mesmo que fosse proibido. Éramos radicais, ou queríamos ser. Mas quando passo lá na frente ao visitar a cidade, lembro da minha adolescência. Que marcávamos de nos encontrar lá depois da aula para dançar e paquerar, me dá uma leve vergonha alheia, mas são memórias né?!.

Além desses lugares, eventos, o que eu sinto quando penso na cidade de Promissão é a saudade. Saudade das pessoas, saudade dos sons – como o carro do sorvete, carro das panelas – saudade dos eventos – campeonato de dança na praça, festa junina feita pelas entidades, rodeio da cidade – saudade de um tempo que não volta. Fico perdida na nostalgia me segurando ao presente para que não me perca nessa procura de saudar essas memórias. Incrível como um lugar pode nos formar né, Flor? Pode ser tão importante para as fases das nossas vidas. Aprendi depois que já não era mais moradora de Promissão que não importa aonde eu vá, ainda retornarei para lá. Espero que você tenha conseguido sentir um pouquinho daquele sentimento que eu consegui sentir ao ler sua carta. Espero que minha carta tenha feito você lembrar de outras memórias que estão perdidas pelas ruas de Ouro Preto e estão pedindo para serem encontradas, pois há muitas coisas para contar de cada cantinho que já estivemos. Aguardo seu retorno!

(Monteiro, 2023)

O fragmento foi inspirado na proposta educativa desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em História (ProfHistória)³, do qual participei da disciplina ministrada pela professora Cyntia Simioni França. Nesta aula trabalhamos com os patrimônios culturais e nos foi apresentada a carta da Flor de Lótus, uma atividade desenvolvida na tese de doutorado da professora Nara Rubia Carvalho Cunha⁴ em que os professores narraram como a cidade de Ouro Preto/MG os tocava. A atividade educativa proposta na aula era a leitura da carta e responder a Flor de Lótus, contando como a cidade em que morávamos nos tocava. Lembro do exercício de rememorar as experiências vividas na cidade de Promissão/SP carregada de uma percepção que permitia olhar ao redor e a reelaboração dos sentidos. Ao escrever a carta, os sons, os cheiros e as sensações da minha cidade foram sendo rememoradas e ressignificadas à luz do presente.

Nesta rememoração percebo que a cidade é ampliada, reinterpretada pela temporalidade que se liga ao espaço de experiência do sujeito e as memórias que o ligam a um tempo passado na relação com o presente, agregando-lhe sentido de pertencimento e existência histórica. A cidade pode ser vista enquanto um espaço “limiar, potencializador do pensar e viver o tempo, o espaço e relações humanas, em sua pluralidade e polifonia. É na experiência com a cidade, com a passagem do tempo, que estabelecemos os sentidos de pertencimento e identidade”. (Basseto, 2022, p. 10).

Paulo Freire em seu livro *Educações permanentes e as cidades educativas* (2001) nos possibilita enxergar a cidade em sua dimensão educadora. Ele compreende o reconhecimento da cidade enquanto parte formadora do indivíduo.

Não basta reconhecer que a Cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. (Freire, 2001, p.5)

³ A participação na disciplina do Mestrado ProfHistória se deu por razões além do cumprimento de créditos. A principal razão foi pela disciplina se integrar à dissertação, mostrando como é possível a troca de experiências entre os professores e como cada um deles carrega bagagens da cidade em que pertence. Foi por meio dessa participação que fui me encontrando como além da pesquisa dessa dissertação, mas também como professora em formação.

⁴ A carta da Flor de Lótus está disponível na tese “Primaveras Compartilhadas: (re)significando a docência na relação com cidade, memórias e linguagens. Da autora Nara Rúbica Cunha, p. 138.

A cidade educa na forma com que os indivíduos se enxergam e vivencia suas tramas solitárias e coletivas. Na cidade conseguimos ver quem está presente e quem está ausente, quais grupos são dominantes e quais são os dominados. Quais possuem privilégios e quais precisam se esforçar mais do que os outros para alcançar suas conquistas. Além disso, também vemos a arquitetura que conta histórias, os prédios antigos ao lado de novos e enormes prédios espelhados. A cidade enquanto local de experiências nos ensina, é espaço de educação. Como diz Sônia Miranda, “São os lugares da cidade que nos dão a sensação que tem o viajante ao descobrir, em qualquer cidade desconhecida, o diverso, o turístico, o acolhedor, o perigoso, o seguro.” A cidade faz parte do processo educacional, pois ela constrói a visão social do sujeito naquela realidade vivida.

Os sentidos sobre a cidade na relação com as experiências estão se esfacelando, motivado pela grande demanda do não reconhecimento dos espaços que ocupamos e construímos nossa existência cidadina cotidiana. Lembramos de *Paris, Capital do Século XIX*, Benjamin (2009) analisa a nova arquitetura que surge com a classe social burguesa industrial e o replanejamento do espaço urbano, em que a lógica das calçadas se torna apenas local de passagem, repleto de vitrines e exposição de produtos, desviando o olhar dos passantes. A cidade deixa de fazer sentido para os operários, pois a despersonalização dos espaços dá lugar a superficialidade da mercadoria, afasta o sujeito da noção de se reconhecer pertencente.

A modernização de Haussmann em Paris no século XIX adere ao subsolo da cidade que cada vez mais empurra os operários para as margens da sociedade. Quando estes percebem a aproximação da barricada para conter as tentativas dos levantes revolucionários, as mãos que as construíram não pertencem mais à cidade. Será que não vemos essas situações em nosso país, em outros contextos, com diferentes sujeitos e espaços? Assim, partimos do ponto da relação entre cidade e sujeito para a percepção subjetiva dos professores em relação à cidade e, mais do que isso, penso no tempo, espaço e relações sociais de modo a compreender como os professores se relacionam com a cidade de Promissão.

Embora hoje esteja morando em Campo Mourão, é Promissão a cidade que floresce os sentidos para mim. Como poderia desfiar seus tecidos e costurá-los dialogicamente com os professores se não tivesse sentido? Sendo assim, retornei às minhas origens — não fisicamente, no momento — mas reconectando a Emily do passado com o presente para trazer uma percepção da relação sobre Promissão.

A cidade de Promissão é um município de 35.131 habitantes (IBGE, 2022), com uma área territorial de 779,200km² (IBGE, 2023). De acordo com a história oficial do município, registrada pelo site da prefeitura, *Wikipedia* e pelo livro da cidade de Promissão, chamado

Promissão, sua história e sua gente (2008), o surgimento da cidade está relacionado com a construção da Estrada de Ferro e a chegada de imigrantes para trabalhar nas fazendas de café. Ao adentrar a cidade, se depararam com os indígenas Kaigangs que foram migrando para outras regiões. Essa história é veiculada pelos canais oficiais. Ironicamente, o livro que possui o nome *Sua história e sua gente* não conta sobre a perspectiva das populações locais a respeito do surgimento do município, sem mencionar a perspectiva colonial ao falar dos povos indígenas que habitavam a região.

A cidade não seria aquela em que “Os homens são animais políticos e sociais por natureza” (Aristóteles, 1998), pois para que se estabeleça o bem comum, e para que todos vivam coletivamente, é necessário, por natureza, que o homem se organize em uma sociedade política. Dessa forma, a organização de uma cidade é algo necessário para que se chegue ao bem comum. Com isso, o filósofo propõe uma forma de governo que ele dará o nome de Politéia, que nada mais é que o governo que visa o bem comum. Dessa forma a cidade é constituída por um ideal que um determinado grupo de pessoas constrói para partilhar uma existência política e cultural de organização social.

Para esse trabalho, “entendemos como a cidade e as experiências urbanas foram tomadas como meio de formação de sensibilidades modernas relativas ao tempo, às relações sociais, às práticas de consumo e à natureza, entre outras” (Cunha, 2015, p. 34). Dessa forma a cidade pode ser vista como lugar de encontro de gerações e trocas de experiências.

Produzir conhecimentos histórico-educacionais no diálogo com as memórias dos professores com a cidade de Promissão possibilitou que o olhar para o meio de convivência se ampliasse para além do que é vivido. Encarando a cidade como “espaço de conflitos, manifestações de diferentes culturas, atravessada por múltiplas temporalidades e sensibilidades” (Santos, 2022).

A pesquisadora Nara Rúbia de Carvalho Cunha (2015, p. 67) em sua tese estabelece uma conexão ao dialogar com Benjamin para pensar sobre as cidades. Para ela, Benjamin concebe a cidade como “fragmentária, carregada de camadas de tempo e de memórias que convivem não harmoniosamente, mas em tensão, em conflito constante”.

No contexto desse trabalho, entendemos a problemática da aceleração do mundo moderno que atinge até mesmo as cidades menores e interioranas com seus 35.131 habitantes e propomos uma pausa a esse fluxo intenso para nos percebermos nessa cidade. Quem somos nós nesta Promissão? Que lugares ocupamos? Como nos constituímos nessa cidade?

No mapa abaixo vemos Promissão como só mais uma entre 645⁵ municípios do estado de São Paulo, mas, para os moradores dessa pequena cidade, ela é, sobretudo, um espaço onde nos constituímos em nossa inteireza humana.

Figura 1 - Mapa da cidade de Promissão



Fonte: Página da Wikipédia município Promissão⁶

Será que são as cidades que se alteram ou são os sujeitos que estão mudando sua relação com a cidade? Refletindo a respeito da modernidade, percebemos que não só a cidade, mas os indivíduos que estão nela, passam por constantes mudanças. Essas modificações alteram tanto a forma de lidar consigo mesmo, quanto a sua relação com a cidade em que vive. “É na cidade que as experiências coletivas e individuais, do passado e presente se cruzam” (Hadler, 2014, p. 9).

Conforme crescemos, as relações pessoais vão se modificando. Pessoas que estavam na nossa vida vão embora, enquanto outras chegam. Os lugares que frequentamos mudam. Praças, festas, casas e desse modo vamos assumindo outras responsabilidades e leituras do mundo, assim, mudamos a forma de lidar com o espaço em que vivemos. Será que não deixamos de enxergar o espaço que vivemos como “espaço de experiências diversificadas, plurais, permeado por um horizonte de expectativas, de desejos de futuros possíveis” (Hadler, 2014) para ser apenas o espaço em que estamos, sem que nada nos afete?

Podemos pensar que essa inércia que acomete os sujeitos está ligada ao avanço dos modos de produção capitalista. Não que em algum momento não estivéssemos, mas enquanto

⁵ Informação disponível no site da Assembleia legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/documentacao/municipios-paulistas/>. Acesso em 30 de junho de 2024.

⁶ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:SaoPaulo_Municip_Promissao.svg&oldid=450837521 Acesso em: 19 de março de 2024

somos crianças estamos em constante contato com a cidade, seja nas brincadeiras, passeios ou obrigatoriamente nos desfiles cívicos. São experiências que vão nos deixando marcas, mesmo que seja por não ter sido uma criança que brincava nas ruas ou nas praças. Mas, quando entramos no mercado de trabalho, somos sugados pelo capitalismo que ocupa e mata todos os segundos que poderiam ser nossos, mas que não são mais.

As cidades continuam cheias, mas por pessoas que apenas passam por elas, sem reparar, perceber, sem se deixar tocar por tudo que está ao seu redor. E não apenas perdemos o contato com a cidade que é nossa, mas nos perdemos de nós mesmos e dos outros. Como Sennett (1988, p. 172) reflete, “À medida que a cidade continuava a se encher de gente, as pessoas foram perdendo cada vez mais o contato funcional umas com as outras nas ruas”.

Nesse sentido, qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais se vincula a nós (Benjamin, 1985)? A cidade não mais nos forma e transforma? Não é um espaço de socialização e de pluralidade humana?

Vivemos um tempo da indiferença, do preconceito e da privatização dos espaços e do esfacelamento das experiências coletivas? É o viver do automático, da mesmice, do sempre igual como diria Walter Benjamin. A modernidade que assola a cidade é a mesma que Maria Carolina Bovério Galzerani e Marcia Bichara trabalham em suas pesquisas, entendendo que “Na modernidade, o futuro passa a ser reprodução do “novo sempre igual”, do “novo” que se torna velho no mesmo momento em que surge, e que já é ruína no momento em que nasce.” (Bichara, 2023).

Hoje em dia estamos focados no que todo mundo tem, a cada dia perdemos nossas singularidades humanas. Nos tornamos massa de manobra, peças fáceis de impor e manusear. Quando nos entendemos nesse papel, temos dois caminhos a seguir: continuar na barbárie ou renunciar a esse lugar. Renunciar ao comodismo e começar a se importar com o que acontece em sua realidade e nos posicionando politicamente (não partidariamente).

Partindo desse lugar e adquirindo essa consciência é que pensamos no trabalho com os professores. Propondo uma forma de romper com essa inércia que nos envolve e nos instiga a perceber não só o outro e nós mesmos, mas também o espaço que nos envolve. Perceber os que estão presentes, mas especialmente as ausências sociais. É preciso ampliar o olhar da cidade para além do espaço onde se vive, mas a encararmos como

O espaço de uma cidade como um espaço de múltiplas histórias e memórias. Um espaço que abriga particularidades e singularidades, mas que também é expressão de processos históricos culturais mais amplos. Um espaço permeado por diferentes temporalidades que nos estimula a problematizar o estabelecimento de relações lineares entre passado e presente.” (Hadler, 2014, p. 1)

A historiadora Nara Rúbia de Carvalho Cunha (2016) compreende “a cidade e as experiências urbanas como formadoras de sensibilidades modernas relativas ao tempo, às relações sociais, às práticas de consumo e à natureza, entre outras.” (Cunha, 2016) Mas como estão as experiências nas cidades?

Larrosa (2002) ao dialogar com as obras de Benjamin, percebe a crítica a respeito dessa perda de experiência atrelada ao advento do capitalismo do século XIX, com a rapidez com que tudo passou a acontecer e que, conseqüentemente, fez com que houvesse uma falta de acontecimentos que fossem significativos. Os homens passaram a viver de vivência e não mais de experiências.

O conceito de vivência de Benjamin (*Erlebnis*), está centrado como fruto do avanço das relações capitalistas na modernidade. A vivência é aquilo a que não conseguimos atribuir sentido para nós mesmos. A vivência é a experiência que acaba não sendo internalizada nem sentida pelos indivíduos, ela apenas foi vivida de forma fugidia, corriqueira. Ela acontece por conta da rapidez que nos assola e do mundo técnico que, muitas vezes, nos inibe de atribuir sentido aos acontecimentos ou até mesmo ser tocado por eles. Dentro da escola acabamos nos deparando muito com a *Erlebnis*, pois as demandas que aumentam e a plataformação do ensino, muitas vezes, impedem que o professor consiga realizar uma aula sensível, que será tocante e transformadora numa experiência significativa tanto para ele como para os estudantes.

A vivência cresceu enquanto a experiência foi perdendo sua força. A pobreza de experiência (*Erfahrung*), faz com que o sujeito fique preso às artimanhas da modernidade, como um invólucro que não permite olhar para os lados (França, 2015). Assim, o indivíduo vai perdendo a capacidade de refletir e criticar aquilo que está ao seu redor e, conseqüentemente, de viver novas experiências que podem fazer sentido.

Esse sujeito é permeado por uma fugacidade cotidiana, marcado pela perda da memória, da identidade, da sensibilidade, da tradição, entre outros, provocando o aparecimento de um novo conceito de experiência, ao contrário do (*Erfahrung*), chamado de vivência (*Erlebnis*), que remete à vida particular do indivíduo, em sua inefável preciosidade, mas também em seu isolamento (França, 2015).

Para Benjamin (1933) a experiência está se perdendo, ou seja, dando lugar para a vivência, com os acontecimentos do dia a dia que não nos toca, não nos modifica. Para ele, “essa pobreza de experiência não é uma pobreza particular, mas uma pobreza de toda

humanidade.” (p.196). Toda a sociedade vem deixando de ter experiências, que fazem parte de quem nós somos.

Em diálogo com Larrosa (2002) o que motiva o fim da experiência é, em primeiro lugar, o excesso de informação, que seria para ele uma anti-experiência (p. 21). A informação são coisas que se passam, e não nos passam. A sede de estar informado impossibilita que os sujeitos vivam as experiências. Em segundo lugar está o excesso de opinião, a “obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça” (p. 22). “Em terceiro lugar, a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo” e “Em quarto lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho” (p. 23). Todos esses âmbitos são os efeitos da modernidade que assola as cidades e os sujeitos e a ausência da experiência, que é particular e sentida por cada um.

No próximo subtópico, refletiremos sobre o impacto da modernidade nas cidades, que faz com que “a lógica do experimento produza acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos” enquanto se pensarmos contra-hegemonicamente, “a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (Larrosa, 2002, p. 28). Os Retalhos e esta dissertação, são caminhos para que possamos abandonar os sentidos de uma vivência. Ao nos relacionarmos com a cidade, estamos voltando a nos humanizar, a pensar diferente, a questionar padrões.

1.1 A cidade escorrendo através da seda

A seda é um tecido considerado de luxo, usado para os vestuários que remetem a elites e burguesias da antiguidade e da contemporaneidade. No livro *Cidades Invisíveis* (2012), de Italo Calvino, escritor italiano renomado, lemos sobre um mercador que visita as cidades do reino do imperador Grande Khan e retorna para contar sobre as cidades, pois o imperador não sai de seus aposentos para conhecer os territórios que domina. O imperador só conhece as cidades por meio das narrativas do viajante.

Calvino foi membro do Partido Comunista Italiano, lutando contra o fascismo na Itália e, assim como Benjamin, foi parte da resistência na Segunda Guerra Mundial. Suas obras foram influenciadas pelo neorrealismo, estilo que reunia os artistas interessados a criar uma arte voltada para a realidade, e, portanto, às questões sociais, culturais, políticas e econômicas pelas quais passava a sociedade. Muitas de suas obras ficaram conhecidas, dentre elas destaca-se *As cidades invisíveis*, lançado em 1972 e traduzido para o português em 2012 e que busca nos fazer refletir sobre a modernidade. Enquanto o mercador narrava suas viagens, ele

mencionava as divergências entre as cidades que passava, apresentando os instrumentos modernos e tecnológicos que pertencia a algumas, e revelando o lado escondido das cidades, com seus grupos marginalizados e o abandono delas para outros centros. É com base nessa interpretação que interligamos a obra para pensar as cidades.

No texto “O Narrador” (1985), Walter Benjamin reflete sobre o declínio da experiência e a arte de narrar. Pensando nas famílias dos narradores para ele representadas por um camponês sedentário e um marinheiro comerciante. Nesse contexto, tanto os que ficam como os que vão embora elaboram e vivem experiências em relação com a cidade que merecem igual importância. Da mesma forma que o marinheiro parte para construir outras experiências, ele retorna ao seu local de origem para contar aquilo que viveu e compartilhar os aprendizados. O mestre sedentário, enquanto isso, constrói suas experiências sem abandonar seu lugar de origem, criando uma relação diferente, mas de mesma relevância. Benjamin esclarece que o objetivo do narrador é partilhar suas experiências, deixando conselhos para a geração futura e tanto o mestre sedentário como o marinheiro fazem a partilha.

Durante muitos anos de minha vida, consegui vislumbrar essas dualidades, que não antagonizam entre si, mas que se amalgamavam. Observava os jovens irem embora para cursar as faculdades e enxergava aqueles que permaneciam na cidade, fazendo cursos mais próximos. Sempre em certas épocas, como feriados prolongados e férias, o primeiro grupo regressava, contando sobre o novo mundo que estava enfrentando e, na mesma roda, também estava o segundo grupo compartilhando os aprendizados de quem fixou-se na cidade.

Podemos dizer que na cidade de Promissão os olhares - mesmo em sua minoria - ainda se encontram e se cumprimentam. Mas essa característica vai gradativamente se perdendo ao pensarmos que é tão difícil vivermos nos mesmos ambientes, que chega um momento em que o reconhecimento se escassa. Esses olharem não falam apenas do reconhecimento pessoal, mas do reconhecimento sentimental, pois aquelas encaradas de cinco segundos nos mostram a exaustão de um dia com demandas.

Muitas pessoas decidem ir fazer faculdade em cidades maiores, pensando que o conhecimento adquirido será superior ao dos que ficam. Os professores desta dissertação são parte do grupo de narradores sedentários que Benjamin dizia serem “os homens que ganhou honestamente a vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (p. 198-199). Os professores estão nessa personificação do camponês sedentário que, mesmo não partindo em viagem, têm o conhecimento de comunidade escolar, de seus estudantes, ou melhor, de sua cidade.

Tanto os que vão e voltam, como os que se fixam na cidade, acompanham as modificações que a acometem. É impossível uma cidade continuar a mesma por tanto tempo, pois a comunidade não é a mesma. Podem ser as mesmas pessoas, mas não são os mesmos sentimentos, as mesmas ânsias. Assim, a cidade é dinâmica e abriga a diversidade, ou ao menos deveria, não é? Se Promissão fosse obrigada a “permanecer imóvel e imutável” (Calvino, 2012, p. 10) poderia desfazer-se e sumir. Ser esquecida pelo mundo. É necessário que acompanhe as mudanças do mundo. No entanto, o que nos preocupa são essas modificações que afastam a comunidade da cidade, que deixam de utilizar os espaços e estabelecer relações com a cidade, ou melhor, o desenraizamento do sujeito, um sujeito que fica sem solo.

Dessa forma, enxergamos o passar do tempo em uma velocidade impalpável, como podemos imaginar o movimento dos carros pelas cidades, que partem de um ponto a outro e nesse meio tempo não percebem mais o próprio espaço em que está inserido. Sem um espaço/tempo para ouvir, não há como existir reprodução e, assim, os sentidos que podem ser estabelecidos com a cidade podem se perder. Rememorando e estabelecendo nossas experiências com a cidade, conseguimos torná-las significativas para nós e para os outros.

Ao pensar sobre o papel do mestre sedentário e do viajante, conseguimos perceber que a arte de narrar vem se perdendo, isso porque as pessoas estão deixando de compartilhar ensinamentos, tradições, experiências, com os outros, assim tornando “cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (Benjamin, 1985, p. 197). A característica de intercambiar experiências parece ter se esvaziado; ao invés das narrativas, as informações vão tomando seu lugar. As informações sobre o mundo acabam tendo mais importância do que o que era vivido no seu próprio bairro. Benjamin (1985, p. 203) já dizia que: “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. Hoje os smartphones e a internet conectam a gente com as informações de todo o mundo. Hoje conseguimos ver como essa teoria da escassez na narrativa está presente quando vemos que passamos mais tempo curtindo *posts* do que conversando uns com os outros.

Benjamin (1985) entende que as informações chegam prontas para o leitor, sem almejar a possibilidade de outras interpretações e sentidos presentes nas narrativas. A informação não consegue carregar a experiência do indivíduo como a narrativa que imprime “a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso e seus vestígios estão presentes de diferentes formas, quer seja na perspectiva de quem as viveu, ou na de quem as conta” (França, 2015, p. 84).

Mas não apenas em detrimento das informações a narrativa é rara, mas também por conta da chegada dos romances O escritor dos romances suaviza os acontecimentos do cotidiano, os generaliza e não toma partido a respeito dele, pois é esse caráter que o faz ser consumido pela população. “Assim, o romancista ou o jornalista passaram a narrar sem considerar os significados do narrado como experiências vividas.” (Paim, et al. 2012, p. 5) contribuindo para que a arte de narrar se perca entre os sujeitos.

Como uma forma de contrapor esse avanço da modernidade, o declínio da experiência e da arte de narrar, Benjamin nos convida a construir outra relação com o espaço em que vivemos uma relação que entrecruza sensibilidades e racionalidades, nos instigando na “busca de narrativas que não distanciam os sujeitos de suas experiências. (França, 2016, p. 88). É pensando nessa relação benjaminiana que essa dissertação é desenvolvida, com a agulha entrecruzando os tecidos.

1.2 Das tecituras do algodão se formam os primeiros pedaços: rememoração e memória

A escolha dessa rua foi motivada por diversos aspectos. Primeiramente, por ser a avenida principal da cidade, onde acontecem os desfiles de 7 de Setembro e onde no período das festas de final de ano são fechadas as ruas, impedindo a passagem de carros e motos para que os pedestres possam interagir entre si. Nessa época, são colocados brinquedos infláveis e acontece a passagem do Papai Noel, jogando balas para as crianças. Lembro-me de quando era criança e meu avô tinha uma loja de sapatos nessa avenida. Eu adorava ficar na parte da noite esperando o Papai Noel passar e conseguir pegar as balinhas que geralmente conseguiam voar para dentro da loja por conta da força que eram jogadas. Quando fui crescendo e a loja já não existia mais, a avenida ocupou o lugar de ponto de encontro entre meus amigos. Nesse período de festas, marcávamos de nos encontramos e ficarmos indo de uma praça a outra vendo o movimento da cidade. Eu e minha mãe temos a tradição de todos os anos irmos juntas ao centro à noite para fazer as compras de natal – enfeites e presentes – e depois passar na praça 9 de Julho para ver o presépio de Natal.

Em segundo lugar, a Avenida Pedro de Toledo passa por toda a cidade. Ela inicia no que há alguns anos era o começo da cidade (hoje a cidade já se expandiu para além desse ponto citado) e atravessa a cidade até o outro ponto que também era o final da cidade, mas que agora também já foi crescendo além desse marco. Ela é a avenida onde se concentram os comércios, e as principais praças da cidade, a 1º de Maio e a 9 de Julho que, para os que residem na cidade, marca o início do centro e o fim dele. Nessa primeira praça, se localiza a Escola Municipal Miguel Couto, que vai do 1º ao 5º ano, pela qual muitos dos moradores de Promissão passaram ao longo da vida. Minha mãe, pai, tios e primos também passaram por essa escola. Até os dias de hoje, essa praça recebe desde jovens até idosos que param para tomar sorvetes ou fazer “rolês” à noite. Se queremos ver se a cidade está

movimentada, é necessário passar pela Praça 1º de Maio. A outra, 9 de Julho, fica a quatro quadras da praça citada anteriormente. Ela fica de frente para a Igreja Matriz da cidade e é onde acontecem as comemorações da cidade. Lembro de quando inauguraram o chafariz da praça e todas as crianças da cidade ficavam enlouquecendo seus pais para ir tomar banho de chafariz, inclusive eu. Um dia, depois da missa minha mãe deixou que eu me juntasse às crianças da praça e brincasse com aquela dança que as águas faziam. Hoje em dia dificilmente o chafariz é ligado e a praça fica abandonada quando não há alguma festividade ou não é período de natal. Exceto alguns brinquedos e o tio do churros, que fica no mesmo lugar com seu caminhãozinho desde que me entendo por gente.

Destaco a avenida pois inevitavelmente faz parte de todos os moradores de Promissão. Seja aquela pessoa que apenas vai pagar uma conta ou aquela que gosta de sentar na praça para ver o movimento. Essa avenida não tem muitas residências, principalmente entre as praças citadas acima. Mas muitas pessoas levam os filhos para brincar de bola ou andar de bicicleta. Desde sempre, como moradora de Promissão, frequentei a Avenida Pedro de Toledo, e, até hoje, quando volto para visitar Promissão, gosto de passear pelo centro para ver quais lojas ainda estão abertas e quais já foram substituídas por outras. A Avenida faz parte da vida dos Promissenses, desde a infância até a vida adulta, mesmo você morando ou não na cidade, como eu. Já não resido em Promissão há 5 anos, mas ainda sinto um quentinho no coração quando vejo as ruas movimentadas da Avenida. Quando criança, sempre era levada às praças, às lojas, e andava pela avenida. Hoje, levo meu afilhado e minha irmãzinha para percorrer esses mesmos lugares.

(Monteiro, 2023)

Esse fragmento foi elaborado também na disciplina do Mestrado Profissional de História. A proposta educativa da aula da professora Cyntia foi pensar os patrimônios culturais da cidade para além das praças e monumentos que já são reconhecidos como patrimônio pelo município, enquanto aquilo que faz sentido para nós.

Durante a escrita dessa passagem fui tomada por memórias voluntárias e involuntárias (Benjamin, 2008), surgidas no mesmo instante, como lampejos em meio a uma noite de *blackout*. Percebi que a rememoração aproximava-se das imagens que vivem dentro de nós construindo um arcabouço de referenciais temporais, que fazem parte do sujeito, e que surgem pela via da cognição tanto de maneira voluntária quanto involuntária. A rememoração é como o ato que condensa as memórias de experiências vividas no passado, ampliando seus significados ao serem encaradas pelo tempo presente.

A historiadora e interlocutora de Walter Benjamin no Brasil, Maria Carolina Bovério Galzerani, realizou suas pesquisas com práticas de memória, entendendo que “rememorar para Benjamin é um ato político, com potencialidades de produzir um “despertar” dos sonhos,

das fantasmagorias⁷, para a construção das utopias” (Galzerani, 2021 P. 73). Ao notarmos nosso encarceramento, começamos a questionar, despertar. A rememoração é o caminho para esse acordar e agir no presente.

A pesquisadora-professora Nara Rúbia de Carvalho Cunha entende a rememoração como algo que não conseguimos controlar totalmente, pois ele está ligado à memória involuntária.

A rememoração não é um processo que só nós controlamos (tentativas durante o dia), que traz só o que buscamos intencionalmente ou conscientemente. Temos algo a dizer (voluntariamente) de nossas memórias, porém elas guardam imagens de nós, que afloram desprendidas de nosso controle (e surpreendem à noite) (Cunha, 2015).

Para trabalhar com a rememoração, precisamos também ampliar nossos olhares para a memória, pois é nela que o ato de recordar é possível. Walter Benjamin, no que tange às memórias, dialoga com diferentes áreas, como a psicanálise, a literatura e a filosofia para se apropriar de alguns preceitos, ampliando para além da perspectiva sociológica.

Pierre Nora, na ótica sociológica, nos apresenta uma dicotomia conceitual entre história e memória, entendendo a segunda como artesanal, contínua, efetiva e instável, enquanto a história é um campo de conhecimento racional, intelectual, metodológico e passível de análise explicativa. Fica nítida a separação entre memória e história quando Nora (2012) afirma que

Longe de serem sinônimos tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado (Nora, 2012, p. 9)

Nesta concepção da historiografia francesa, a memória ser vista por esse olhar sociológico possibilita uma hierarquização entre história e memória e dificulta um olhar mais atento para as possibilidades que a memória conseguiria alcançar, inferiorizando sua

⁷ Entendo fantasmagorias, baseado no que a historiadora Nara Rúbia de Carvalho delinea em sua tese *Primaveras compartilhadas: (re) significando a docência na relação com cidade, memórias e linguagens* (2016) Benjamin afirma que, no universo da fantasmagoria, se percebe a realidade como imagem, imagem fugidia e transitória, atada ao contínuo do tempo. No entanto propõe que a atenção se fixe nessas imagens, o que é diferente de fazer do transitório uma ideia fixa, como o mercado faz com a novidade.”

potencialidade. Nessa interpretação, a memória é sempre encarada com subjetividade e passível de equívocos.

Henri Bergson, filósofo francês que viveu no final século XIX e início do XX, no momento das transformações sociais e chegada da modernidade, foi conhecido pelos seus estudos sobre como a memória estende as suas reflexões para a especificidade da temporalidade, pensando como a memória auxilia o sujeito a perceber o tempo. Ele entende a memória como um tecido que se estende conforme a temporalidade e vai passando pelos seres humanos, enquanto o sujeito vai vivendo. Nessa ideia, a memória age como um filtro, este, a torna possível e palpável através das lembranças. Para Bergson, a memória seria a materialização de como os sujeitos percebem esse tempo em uma longa duração.

Ao dialogar com Marcel Proust, escritor francês, Benjamin percebe que o literato se preocupa, mais do que com o lembrar, mas com aquilo que foi esquecido. Na obra *Em busca do tempo perdido* (1907), vemos esse movimento do recordar, do retorno ao passado aberto e sensível do sujeito.

procurando equilibrar-me, firmei o pé numa pedra um pouco mais baixa do que a vizinha, todo o meu desânimo se desvaneceu [...]. Como quando provei a “madeleine”, dissiparam-se quaisquer inquietações com o futuro, quaisquer dúvidas intelectuais. [...] um azul intenso ofuscava-me os olhos, impressões de frescura, de luz deslumbrante rodopiavam junto de mim [...]. E logo a seguir, bem a reconheci, surgiu-me Veneza [...] e me era agora devolvida pela sensação outrora experimentada sobre dois azulejos desiguais do batistério de São Marcos, juntamente com todas as outras sensações àquela somadas no mesmo dia [...] (Proust, 2014, p. 148-149).

Nesse movimento vivido por Proust, entendemos que a rememoração foi potencializada por algo que vem de fora, mas inspira a surgir a lembrança que estava em esquecimento. Quando Proust come a madeleine, ele rememora aquele momento de conforto e de afetividade que há dentro de todos nós e que, quando volta à tona, no presente é passível de outras interpretações.

Benjamin reconhece a memória como um campo de conhecimento e não como algo subalterno à história, pois entende a subjetividade como parte constitutiva da produção de conhecimento. Diferenciando-se de Proust, Benjamin amplia a memória involuntária, pois não fica encarcerado no sujeito, nem mesmo preso ao saudosismo pelo passado e também acolhe as memórias voluntárias.

Quanto as memórias involuntárias, entendem-na como uma força que chega quando menos esperamos, a partir de lampejos desprezíveis. São memórias que aparecem e

desaparecem, “como lampejos bruscos” (Seixas, 2001) e nos leva para aquela memória que estava guardada no fundo da gaveta e que vem à tona, muitas vezes para nos desestabilizar.

Walter Benjamin acolhe na rememoração a memória voluntária e involuntária. Nas rememorações vêm à tona não somente as memórias voluntárias, mas as memórias involuntárias

embora a rememoração seja uma ação deliberada, intencional, as memórias não são perfeitamente cognoscíveis, visto que possuem dupla dimensão: a da lembrança e a do esquecimento. No movimento constante de recordar, com as memórias voluntárias são puxados fios de memórias involuntárias, que guardam a experiência nos esconderijos do esquecimento. Inspirado em Proust e em Freud, Benjamin desenvolve a imagem de rememoração com especial destaque para as memórias involuntárias.” (Cunha, 2016, p. 75)

Quando lembramos, um novo elo entre passado e presente é formado, entendendo a reconstrução do passado aberto num diálogo com os estilhaços do tempo (França, 2016). A aceção de rememoração de Benjamin “não remete à restauração do passado, mas a uma transformação do presente, de tal forma que, se o passado for reencontrado, ele não se conserve o mesmo, mas seja também retomado e transformado.” (França, 2016, p. 89). Galzerani (2021) reflete ao pensar a rememoração com Benjamin no escrito de *Infância em Berlim por volta de 1900*:

Ao contrário do mergulho numa espécie de devaneio complacente e infinito do qual o sujeito não quer emergir, o autor concebe a rememoração como o movimento tecido pela linguagem, capaz de se relacionar com as possibilidades e desejos libertadores do passado vivido, ressignificados no agora, como busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro. (Galzerani, 2021, p. 184-185)

A produção de conhecimentos realizada durante os Retalhos acolheu as memórias voluntárias e as involuntárias, especialmente aquelas que foram esquecidas, as histórias dos marginalizados, daqueles que não são mencionados nos livros didáticos, na historiografia oficial. “A apreensão do passado pelo presente se dá quando a continuação da história deixa de se inscrever no esquema narrativo (e prático) ditado por essa tradição dominante” (Gagnebin, 2014, p. 261). Nos encontros com professores vieram à tona aqueles sujeitos que utilizam os espaços da cidade e dão sentido a mesma, porém, são inviabilizados. Portanto, chegaram muitas narrativas e memórias que deslocaram o grupo de professores e instigaram a pensar o nosso papel político (não partidário) na construção de uma cidade mais inclusiva, democrática

e

plural.

1.3 O perpassar das linhas nos tecidos que formam os professores

A formação continuada é uma proposta obrigatória para os professores do estado que fazem parte do ensino básico no interior do estado de São Paulo. O quesito obrigatório chega nos professores a partir do momento que essa formação atribui pontos para as classificações do início de ano, permitindo que o docente que tenha realizado fique a frente dos demais que não fizeram para assumir as aulas em sala de aula. Esse tipo de formação não aborda conteúdos atrativos aos professores, e dessa forma eles não conseguem estabelecer relações com as suas práticas pedagógicas e nem mesmo são considerados sujeitos desses processos formativos.

Foi ainda na graduação, fazendo parte das discussões do Programa Residência Pedagógica, que comecei a perceber a questão da formação docente como mais uma forma técnica de padronizar os professores para os recursos que o estado busca implantar, como por exemplo, a plataformização. Tendo como parâmetro os estados do Paraná e de São Paulo, percebemos que a utilização das plataformas em sala de aula como parte de avaliações colaborou para que as formações fossem centralizadas em fazer os professores desenvolverem programas em sala de aula que chegam prontos via secretarias de educação.

Sabemos que, como tudo é ato político, o que acontece em torno das escolas também é uma consequência de atitudes que procuram extrair o básico dos estudantes. Os governos que seguem a política neoliberal e estão na liderança dos estados têm o interesse efervescente de formar mão de obra e não de proporcionar um estudo de qualidade para os jovens terem melhores oportunidades de vida. Desde a privatização de escolas públicas à política do Novo Ensino Médio, essas são maneiras de transformar o ensino em mercadoria e manter os estudantes longe de uma educação crítica e reflexiva.

É inevitável descolar o docente do ensino, por isso é importante salientar os caminhos que a educação está percorrendo no Brasil nos últimos anos para entendermos onde os professores estão sendo colocados e como as formações de docentes que estão sendo criadas, corroboram para que a formação não parta do sujeito, mas sim seja imposta a ele.

Problematizo, desta forma, a palavra “formação de professores” (a) (s), levando em consideração, como as práticas deterministas do positivismo projetam no sujeito uma perspectiva utilitária à racionalidade instrumental, capitalista, tornando o professor “pronto”, para servir as necessidades do mercado. (Oliveira, 2023. p. 29)

Tendo em mente esse contexto, ao pensar em um trabalho amparado pelos conceitos benjaminianos, sabemos que esse movimento que vem percorrendo o ensino e a posição do docente do Brasil parte de uma perspectiva de modernizar e atingir o famoso “progresso” brasileiro com o uso de tecnologias de informação e comunicação no ensino. Progresso para quem, para quê? Até que ponto o uso de tecnologias contribui significativamente para a melhoria da qualidade de ensino? Em que medida as tecnologias em sala de aula por meio da plataformização contribui para a melhorias das relações humanas quando ainda nos deparamos com alta taxa de racismo, feminicídio e genocídio em nossa sociedade?

Ao falar das práticas formativas na contemporaneidade é preciso considerar que o saber teórico e as demais práticas da construção de conhecimento intelectual foram reconstruídos aos moldes da mercadoria. O indivíduo (professor) não é concebido como participante ativo na esfera dialógica cujos conhecimentos prévios sejam considerados elementos mobilizados durante as práticas de formação.

A concepção racionalista herdada do século XVIII, ou o “Século das Luzes”, em sua essência adota a prática instrumental na formação docente. A realidade passa a ser racionalizada através do seu “afastamento” das interpretações e emoções humanas, para elaboração de resultados lógicos e cartesianamente organizados. Essa percepção herdada do mundo moderno funde-se à homogeneização do “mundo comum”, gerado pelo capitalismo e seu caráter fetichista que transforma nossa relação com o mundo material em produtos a serem consumidos, alcançando diretamente o sistema escolar.

No contexto da formação continuada ofertada pelas instâncias governamentais se torna um produto a ser redistribuído, protocolizado a cumprir metas e pontuações necessárias para progressões em trajetórias profissionais. Em Olgária Matos (2010), encontramos suas reflexões sobre a produção de fantasmagorias que dissociam os sujeitos de suas práticas, pois retiradas as correspondências do mundo sensível, as coisas adquirem uma inacessibilidade a correspondência e reconhecimento do sujeito sobre suas práticas e construções intelectuais:

O mundo da imediatez sensível é difuso e confuso, nele nada é o que aparenta ser. Um homem visto de longe e de perto é o mesmo homem? Se a diferenciação entre o percebido e o imaginado parece evidente - e na imaginação o objeto está ausente e na percepção ele é presente -, como se confunde real e imaginário a ponto de se verem fantasmas em galhos de árvores? As aparências enganam, diz-se, e muito mais porque às vezes não enganam. Esta instabilidade do mundo empírico, com sua impermanência e inconstância, tem por correlato as imagens ligadas ao sensível. (Matos, 2010, p. 214).

Assim, a prática de formação pela estética e pela sensibilidade se torna caminho de possibilidades outras, tecida nas referências subjetivas e na mobilização do uso das experiências para construir conhecimento histórico-educacional. O professor não tem seus conhecimentos prévios e suas experiências já vividas como algo à parte do conhecimento científico, mas esses caminhos se interseccionam para o processo dialógico e de formação intelectual e humano (Galzerani, 2008).

A formação não pode ser separada dos domínios da sensibilidade humana, pois a subjetividade manifesta-se em nossa apreensão do mundo, não conseguimos nos constituir em bases unicamente lógicas e racionalistas. Em Olgária Matos:

O mundo vivido converte-se em uma abstração epistemológica, transformado em ideia, metamorfoseado em um mundo pensado e representado. Como escreveu Heidegger, representar significa re-apresentar, tornar presente ao pensamento algo que está ausente do mundo, respondendo, assim, ao desejo de constância do conhecimento. (Matos, 2010, p. 216).

Para contrapor a hegemonia do capital que nos assola no espaço escolar, busquei construir com os professores e não para os professores uma formação docente contra-hegemônica, porque segundo filósofa Olgária Matos (1990), a razão moderna

separa corpo e alma pré-requisito para o conhecimento, destituindo o sujeito do conhecimento de sua corporeidade, de seus sentidos vários, de sua memória. Apenas a visão é abarcada nesse conhecimento racional moderno (técnico e instrumental), que prima pela evidência. (Cunha, 2016, p. 58)

Distante dessa perspectiva, buscamos enveredar pela racionalidade estética que permite “a explicitação de pontos de vista e não de pontos fixos; racionalidade que transforma os tempos passados em tempos redescobertos — na produção dos saberes históricos escolares —, possibilitando conferir às experiências outrora vividas atualizações de significados.” (Galzerani, 2021, p. 80)

As linhas da racionalidade estética buscam sustentar a colcha de retalhos elaborada neste trabalho, por se distanciar de uma formação docente prevendo competências e habilidades. Não pretendemos criar fórmulas a serem repassadas, muito menos técnicas de ensino que favorecem uma hierarquização de saberes e nem mesmo metodologias de ensino a serem “aplicadas”. A racionalidade pela via estética que priorizamos reconhece os professores em sua inteireza humana, também pensa em uma formação alargada, pois não diferencia as experiências vividas dos professores fora ou dentro do ambiente escolar, pois o fazer-se professor se dá na vida que é vivida em todos os lugares (Paim, 2005).

A racionalidade voltada para a dominação da natureza, que se autografa como a forma por excelência do progresso, é alienada e alienante, produz e nos faz conviver duradouramente com fantasmagorias, para afastarmos os espectros do passado que “vêm importunar o cérebro dos vivos” (Matos, 2022), é preciso recuperar o que foi deixado para trás, o lugar de onde se veio.

Caminhando pela racionalidade estética, não consideramos só o que é evidente, mas as nuances que pertencem ao indivíduo, não desvinculando o sujeito da sua materialidade, ao contrário disso, englobamos as suas sensibilidades e subjetividades, pois a “memória é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (Benjamin, 1987, p. 239). Assim sendo, as memórias são formas possíveis de produzir conhecimento.

Foi por meio dos Retalhos, encontros semanais com os professores Alexandre, Wesley, Luany e Eliane, que pensamos e construímos coletivamente uma formação docente que se concentrasse no protagonismo do professor, reconhecendo-os como sujeitos ativos, autônomos e produtores de conhecimentos (França, 2015). Delineamos dessa forma por acreditar que as “memórias e experiências vividas não podem ser jogadas fora como até então vem acontecendo em grande parte dos cursos de formação de professores” (Paim, 2002, p. 92), nesse estilo de formação sistematizado e cartesiano, os professores não tem um espaço de acolhimento para suas narrativas de experiências vividas em sala de aula. O que vem acontecendo nos tempos atuais é uma desvalorização do que é vivido pelo professor. São imposições para o cumprimento de demandas, formulações e implementação de técnicas para se alcançar um falso percentual. Falso, pois os índices não refletem a educação, as notas são reajustadas e são desenvolvidos planos para que os números alcancem o índice esperado pelos governantes. Nessa equação, as memórias e experiências dos professores são desconsideradas. É por isso que lutamos por um espaço de acolhimento e pertencimento entre os professores, um lugar onde possam expor suas angústias e partilhar suas experiências para serem reconhecidos e para entendermos a realidade educacional.

Percebendo como as formações docentes governamentais não procuram ouvir as experiências dos professores tanto dentro como fora de sala de aula, e não buscam mostrar a importância deles como produtores de conhecimento, o Retalhos foi uma proposta de formação docente pela via do pensamento benjaminiano.

O pensamento de Benjamin apresenta-se numa perspectiva de negar essa estrutura; propõe que se pense a história a partir das ruínas e não de forma determinista; assim, a formação de professores passa a ser pensada como um imenso campo de

possibilidades. Ao pensar a formação através de algumas de suas categorias - experiência vivida, memória, história aberta, escovar a história a contrapelo, tempo saturado de agoras - verificamos ser possível sair do cânone de formação no sentido acima exposto; e pensar outra formação, que dê possibilidades do professor se fazer, isto é, o profissional que sairá das universidades terá autonomia suficiente para ser sujeito do processo educacional, que seja autônomo na relação com outros sujeitos e que se perceba produtor de conhecimentos, em conjunto com seus alunos, com colegas, com as comunidades escolares, respeitando as diferenças, especificidades, que compreenda-os como possuidores de saberes que precisam ser respeitados. (Paim, 2002, p. 91)

A racionalidade estética inspirou as elaborações dos encontros desde o princípio, por instigar os professores a ampliarem seu olhar para a cidade em que vivem e a (re)laborarem seus sentidos. Desde a construção dos encontros tomamos cuidado para que em nenhum momento fosse imposta uma percepção aos professores. Estávamos preparados para as diversas possibilidades. Quando falamos de uma formação pela via estética, sabemos que não há uma técnica a ser seguida e muito menos uma fórmula com um resultado igual. E foi exatamente o que aconteceu durante os encontros realizados. Eram quatro professores rememorando as suas experiências na relação com a cidade em que vivem, e cada um com uma história diferente, produzindo narrativas potentes sobre como e se eles se percebiam nessa modernidade e como são afetados por seu espaço, pelo tempo e pelas relações sociais.

Caro (a) leitor (a), no próximo subtópico, apresento a vocês as mãos que teceram os sentidos desse trabalho. Que se dedicaram e abriram suas percepções para que juntos construíssemos um novo tecido, dessa vez, preenchido coletivamente.

1.4 As mãos que tecem os sentidos

Vamos conhecer as sedas que compõem esses retalhos? Essa pesquisa é singular por dialogar com os professores que contribuíram com o seu tempo, sua narrativa e suas histórias para que esta dissertação pudesse ser construída de modo dialógico, interativo, criativo e colaborativo.

Ao realizar os retalhos, possibilitamos a abertura de espaços para compartilhar experiências e narrá-las aos outros, o que foi/é significativo para cada sujeito. Muito é falado e produzido sobre formação docente, mas quantos desses trabalhos dialogam com o professor de igual para igual? As formações docentes consideram os professores como protagonistas do processo de construção de conhecimento?

Ao contrário das propostas de formação de professores técnicos, este trabalho contou com a participação de quatro professores da educação básica da cidade de Promissão, do

interior do estado de São Paulo. Os professores Alexandre e Eliane com mais de 10 anos de docência e os professores Wesley e Luany com menos de 5 anos de experiência, seus nomes estarão sempre presentes neste trabalho e em suas narrativas como forma de evidenciar esse ato revolucionário a respeito da modernidade que nos encarcera até para termos lugar de fala. A ideia de permanecer com o nome, sem necessidade de pseudônimos, foi mais uma forma de resistir às amarras do sistema que encarcera cada um de nós.

As mãos que teceram essa pesquisa foram: o professor Alexandre, que dentre os seus 46 anos de vida, há 24 deles está exercendo a profissão de educador. Ele dá aulas de Matemática, Artes e História, e atualmente está em duas escolas, Escola Estadual Professor Hugo Gambetti e Colégio Idealize, este segundo sendo da rede particular de ensino. Acredito ser importante ressaltar essa questão, por essa experiência proporcionar a criticidade quando pensamos a respeito do ensino. Sendo parte do quadro efetivo, anualmente realiza os cursos relacionados à formação docente concedido pelo estado de São Paulo, como na Escola de Formação da Seduc, oferecida pela Secretaria de Educação do estado, pois é um dos requisitos de classificação do docente para escolha de escolas e turmas no início do ano.

O professor Wesley Bernardo, formado em História e professor de história, sociologia e filosofia, atualmente na Escola Estadual Professor Orlando Donda. Durante seus dois anos como professor contratado do Estado de São Paulo, participou de cursos de formação docente que buscavam melhorar o aprendizado por meio das plataformas digitais. Por ser um professor negro, nascido e criado em um bairro periférico de Promissão, suas reflexões chegavam até nós repletas de emoções. Ele sentia-se tocado à cada encontro.

A professora Eliane é formada em geografia, pedagogia e gestão escolar. Atualmente é professora de Geografia no colégio E. E. Cel. João Francisco Coelho e coordenadora do colégio. Dos seus 49 anos, 24 estão dentro das salas de aula. Como professora efetiva, igual ao Prof. Alexandre, participa dos cursos de formação proporcionados pela SEDUC, Escola de formação do Estado de São Paulo.

A professora Luany Sanches, reside em Promissão há 19 anos. Sua vinda foi motivada pela busca de novas formas de viver — no quesito econômico — e para ficar perto dos avós e de seus familiares. Luany é formada em História, mas atua também em outras disciplinas, como filosofia, geografia e sociologia, o que é bem comum para os licenciados em História. Em seus dois anos em sala de aula e como professora do estado de São Paulo, já frequentou os cursos de formação da SEDUC como os demais professores deste trabalho.

O professor Alexandre esteve comigo durante muitos anos da minha vida escolar, me acompanhando nas tentativas frustradas de entender matemática. Quase em todos os

encontros, acabávamos trocando lembranças desse período. Mesmo sendo uma disciplina difícil, o professor Alexandre sempre fez de tudo e mais um pouco para que não fosse um período tortuoso para mim. A professora Eliane esteve comigo antes mesmo de eu me conhecer por gente, nossa relação extrapola os muros escolares por sermos da mesma família. Mesmo estando ao meu lado desde sempre, foi apenas com os encontros que consegui conhecê-la melhor, entender suas ânsias, suas vontades e questionamentos. Foi necessária uma brecha para que não vivêssemos no automático e nos relacionássemos.

Já os professores Wesley e Luany, nos conhecemos em virtude da pesquisa. Recebi o contato do Wesley e marcamos um encontro e logo entrelaçamos nossos interesses e indignações a respeito do andamento da educação no estado. Falamos sobre a formação docente do estado de São Paulo e debatemos como ela não tem sido pensada nos professores — como sujeitos com suas experiências e pontos de vista — e como eles têm enfrentado a sala de aula. Logo ele mencionou uma amiga que gostaria de participar, e passou o contato de Luany. Também marcamos um encontro para que eu lhe contasse como seriam o projeto e os encontros, também quais eram os interesses de trazer o professor para o centro da pesquisa, propondo uma formação docente a contrapelo e sensível, partindo das lembranças para pensarmos a relação com a cidade de Promissão. Logo ela se interessou pela pesquisa e confirmou sua presença nos encontros.

No ritmo em que estamos, os encontros eram uma forma de conseguir encontrar um tempo na agenda para pensarmos em nós mesmos e naquilo que nos rodeia. Com a participação dos professores, a proposta tinha intuito de enveredar pelas sensibilidades dos professores.

A partir dos encontros, as dúvidas vinham surgindo: como os professores conseguiriam perceber a modernidade que os rodeia e como ela impacta na sua relação com a cidade? E esse questionamento nos mostra a importância das narrativas produzidas pelos professores em cada encontro. Elas estarão apresentadas nesta dissertação como mônadas, que “são como cristais que expressam, em pequenos núcleos significativos, grandes questões: suas tensões, contradições e potencialidades, nas quais a ideia de totalidade acha-se presente” (Galzerani, 2021, p. 225)

A historiadora Máira Wencel desenvolveu, em sua dissertação denominada *As crianças na relação com os espaços da cidade: possibilidades de produção de conhecimentos históricos-educacionais um trabalho* (2022), um trabalho com mônadas amparado em Walter Benjamin. Ao conceitualizar as mônadas, ela acredita que

“é possível capturar na mônada as relações sociais presentes na sociedade, assim como Benjamin, em sua obra *Infância em Berlim por volta de 1900*, construída em mônadas, o filósofo traz o seu olhar de criança com a cidade, na visão do adulto sobre os problemas sociais a sua volta.” (p. 35).

Dessa forma, no segundo capítulo, você, caro leitor, conhecerá as sensíveis mônadas dos professores Alexandre, Wesley, Luany e Eliane. Cada uma delas foi construída com as narrativas dos professores feitas em cada Retalho. Esse foi o caminho percorrido para “abrir brechas reflexivas para construir produções dissonantes em relação às visões cristalizadas da cidade” (Santos, 2022, p. 35) e conseguir não só ver a cidade de Promissão, mas conseguir enxergá-la e se enxergar na cidade.

CAPÍTULO 2

A COSTURA DOS RETALHOS

Considerando o aporte teórico metodológico benjaminiano e as reflexões em torno da relação que os professores estabelecem com a cidade de Promissão em detrimento da modernidade, os Retalhos foram sendo elaborados. Eles tinham como objetivo partilhar a produção de conhecimento histórico produzido por relações dialógicas, inventivas e coletivas, pela via da autoridade compartilhada (Frisch, 2016).

Para a costura acontecer foi necessário um trabalho conjunto, com as mãos, os tecidos e as narrativas produzidas por eles. Encerrados os encontros e com as narrativas em mãos, passei a uma leitura atenta e sensível para a produção das mônadas.

O conceito leibniziano de mônadas desenvolvido pelo físico-teórico, está ligado aos recortes para estudo do universo, tomando o micro como repleto de significação, onde encontramos o todo no detalhe. Leibniz designa as mônadas como enteléquias, pois “trata-se sempre da mesma ideia de totalização a partir do próprio objeto e nele, da referência a uma pré e pós-história irreduzíveis ao desenvolvimento cronológico” (Gagnebin, 1994, p. 11).

As mônadas configuram-se em pequenos e invisíveis pedaços que juntos formam uma ideia, sendo cada mônada presente indistintamente em todas as demais. (Benjamin, 2009)

A ideia é mônada. O Ser que nela penetra com sua pré e pós-história traz em si, oculta, a figura do restante do mundo das ideias, de mesma forma que, segundo Leibniz, em seu Discurso sobre a Metafísica, de 1686, em cada mônada estão indistintamente presentes todas as demais. A ideia é mônada, nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos, como sua interpretação objetiva. [...] Assim o mundo real poderia constituir uma tarefa, no sentido de que ele nos impõe a exigência de mergulhar tão fundo em todo o real, que ele possa revelar-nos uma interpretação objetiva do mundo. Na perspectiva dessa tarefa, não surpreende que o autor da Monadologia tenha sido também o criador do cálculo infinitesimal. A ideia é mônada, isto significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo (Benjamin, 2009).

Para Benjamin, as mônadas são um conjunto de fragmentos de memórias que potencializa uma ideia, constituindo uma episteme para a construção de universos de experiências. Sendo assim, ela compõe um caleidoscópio, que cria imagens através de reflexos de luz em pequenos fragmentos coloridos. É uma maneira de aguçar o poder do olhar, sensibilizar nossas percepções e alcançar aquilo que está para além da linguagem puramente racionalista. Benjamin reinterpreta o conceito inicial de mônada dado pela física teórica leibneiziana, considerando o pensamento dialético e materialista, em que o recorte surge do

detalhe inesperado. Daquilo que a história hegemônica inviabiliza. A mônada é uma possibilidade de estudar a experiência dos sujeitos históricos. São “[...] minúsculos fragmentos de experiências vividas que podem ser lidos na sua singularidade, com a potencialidade de estabelecer relações entre as especificidades” (França, 2015, p. 106).

Ao trabalhar as mônadas como aporte metodológico, o diálogo foi percorrendo a racionalidade estética, percebendo as sensibilidades presentes dentro de cada mônada. Isso acontece pois a mônada flexibiliza o discurso científico pela sua propriedade empírica e experimental em lidar com as experiências de vida no nível da linguagem e da formação de imagem, mesmo tendo a sua fixação nas leis que definem sua dimensionalidade. Ao fazer o discurso em primeira pessoa, conseguimos introduzir o ato consciente da fala e do diálogo entre as temporalidades. O sujeito ao rememorar é percebido como um sujeito político, vivendo as especificidades do seu tempo em diálogo com as narrativas de seu passado na relação com o presente, que o leva à consciência das mudanças e permanências pela qual a existência passa.

As mônadas dos professores foram intituladas a partir daquilo que consegui captar de potencialidades na relação com as minhas experiências vividas. A historiadora Maíra Wencel Ferreira dos Santos (2022) em sua dissertação nos ensina que o sentido que estabelecemos ao trabalhar com as mônadas nas “leituras monadológicas [...] não é fechada, ela é aberta a novos sentidos, cada um ao entrar em contato com elas, poderá lê-las e ser tocado por elas de diferentes maneiras.” Nelas, “não buscamos encontrar o eu, o outro, ou o passado, presente e futuro, mas sim as relações existentes entre sujeitos e temporalidades, entre individual e coletivo.” (Santos, 2022, p. 36-37).

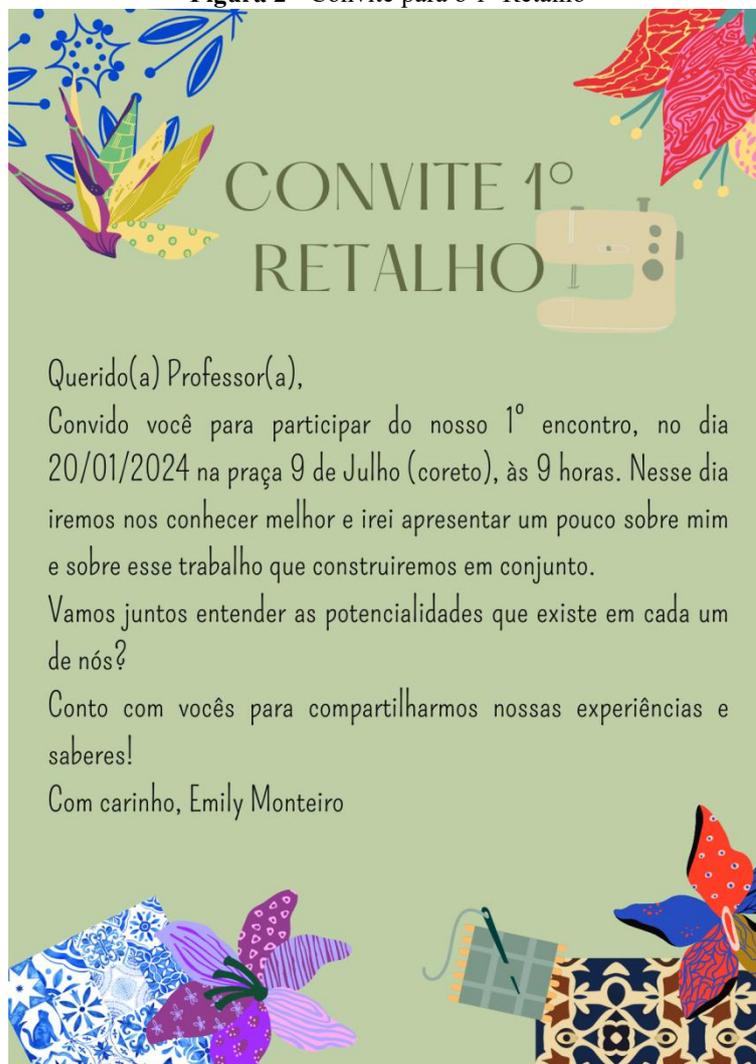
Dessa forma, esse é um caminho para resistir ao domínio da racionalidade técnica/instrumental, que hoje se faz como o grande veículo de dominação, criando um universo totalmente totalitário, que domina a mente e o corpo, mantidos num estado de mobilização.

Convido você, caro leitor, a conhecer os Retalhos e depois as mônadas que foram produzidas por essa pesquisadora.

2.1 Os retalhos monadológicos

2.1.1 Retalho 1 “O Pedaco de Tecido em Branco”

Figura 2 - Convite para o 1º Retalho



Fonte: De autoria própria

O primeiro Retalho foi realizado no dia 20 de janeiro, na Praça 9 de Julho. Essa praça, que por muitos anos foi ponto de encontro dos jovens, sempre teve pessoas transitando por ela, seja para ir à igreja — em frente à praça localiza-se a igreja matriz da cidade — ou para diversão e lazer. Hoje, a vida nesse local se restringe a datas de festividades e a eventos criados para a comunidade. A população não mais aproveita a praça para o lazer, para encontros e passeios. Isso acontece, pois, a praça tem um coreto e nele várias pessoas em situação de rua dormem e deixam seus pertences. Essa discussão permeou os retalhos, pois sempre estávamos pensando quem eram as pessoas que estavam ocupando esses lugares da cidade, e discutindo por que eles são considerados invisíveis quando perguntamos se há

vivência neste centro. No decorrer deste capítulo mais memórias irão permear a praça 9 de Julho.

Marcar as datas para os encontros era uma preocupação que me rondava desde o início da pesquisa, isso porque gostaria que elas acontecessem em um período em que os professores estivessem tranquilos em relação à demanda de trabalho, podendo assim se entregarem inteiramente ao projeto. Após um encontro inicial, foi definido que começaríamos em janeiro e terminaríamos em março, nos encontrando todos os sábados. Foi reconfortante saber que, mesmo no período de férias, eles estavam empolgados em se encontrarem aos sábados.

Fotografia 1 - “1º Retalho”



Fonte: De autoria própria

A escolha do primeiro lugar do encontro partiu de mim. Gostaria que cada encontro fosse em algum espaço público da cidade de Promissão, pois os lugares públicos também seriam *médium* de reflexão. Entendendo o contexto capitalista em que estamos inseridos, no qual nosso cotidiano está marcado pela prática do trabalho, vislumbrando um “ideal de progresso” (Benjamin, 1987), deixamos de fazer reflexões sobre nossas práticas do dia a dia e de pensarmos no que realmente estamos fazendo. Essa alienação à qual somos acometidos nos mantém inertes diante do tempo, vivendo no automático, sem encontrar o botão para desligar.

Esse “ideal de progresso” é visto pelo Benjamin com olhares além da estrutura econômica (Benjamin, 2009), e ele propõe um olhar atento, “utilizando lentes para além da economia, da industrialização e da racionalidade técnico-burocrática” (Paim, 2002, p. 82).

Para Benjamin, agir pelas brechas seria “fugir” da aceleração do tempo que nos mantém cegos para a realidade social em que vivemos e encontrar o tempo de reflexão sobre nossas experiências. Foi pensando em proporcionar um momento de desligamento do tempo cronometrado e nos voltarmos ao tempo, não do relógio, que os encontros foram propostos. Será que não poderíamos falar de um tempo de oportunidades, como o Kairós? É por meio dessa pausa de reflexão, já sugerida por Benjamin sobre a importância desses momentos, que os professores foram estimulados a pensar a sua relação com a cidade de Promissão, tecendo fios que darão pontos abertos sobre como esse tempo capitalista também afetou as cidades pequenas do interior.

Ao escolher a praça 9 de julho para o primeiro retalho, não me atentei às condições em que esse local poderia se encontrar. Quando cheguei na praça junto com meu padasto, que se fez presente em todos os encontros, frustrei-me ao perceber que o lugar que havia “idealizado”, estava repleto de roupas, calçados e objetos dos moradores de rua que dormem pela praça, eles não estavam presentes fisicamente, mas suas coisas nos mostravam que lá era o local deles. Não quis sair da praça, justamente porque estava propondo esse olhar diferenciado e essa percepção sobre os locais públicos da cidade, sobre quem os ocupava. Dessa forma, sentamo-nos próximos a esse local ocupado. A partir desse encontro, percebi que aquela situação já seria uma forma de pensarmos quem são os públicos que utilizam esses espaços, tópico que será discutido no 5º Retalho.

A cada encontro, havia um café da manhã pensado com muito carinho, sempre instigado pela ideia de banquete, a qual configura-se como um “espaço para as narrativas serem “cantadas” ou contadas coletivamente, como um ritual de hospitalidade, no qual não apenas os hóspedes, mas também os anfitriões têm a oportunidade de se identificar com as histórias contadas e, também, narrarem as suas experiências.” (França, 2016, p. 148)

Além disso, o banquete também era uma forma de acolher os professores e demonstrar que, naquele momento, aquele espaço era receptivo para que os sentimentos, as angústias, os sonhos, as utopias e as conquistas fossem compartilhados. A preparação da alimentação se deu a partir de múltiplas mãos, pois contou com importantes integrantes da minha família que tiravam um tempinho do dia para me ajudar a preparar o pão, o café, e os demais aperitivos. Nesse momento, percebo que as brechas que se abrem para as narrativas que advêm das reflexões também atingiu pessoas além dos professores.

Com tudo pronto, agora era só esperar os professores. Alguns minutinhos de atraso pareciam uma eternidade e cada vez mais o medo de que eles não comparecessem aumentava. Nesse meio tempo, um dos quatro que haviam sido convidados, informou que não poderia comparecer por motivos de saúde, mas pediu para eu compartilhar o que fosse dialogado nesse encontro. Esse professor chama-se Alexandre, ele é o único da área de exatas, mas que também dá aulas de artes e inclusive foi meu professor por muitos anos. Sua participação é sempre muito esperada por mim, pois para alguém que vive no mundo racional, das fórmulas e métodos, como o professor Alexandre, seria um desafio pensar outros modos de produção de conhecimentos histórico-educacionais.

Com a chegada dos professores, iniciamos as apresentações mais gerais de cada um e, logo em seguida, comecei a partilhar o que seria a pesquisa, bem como o que me levou a ter o interesse de escrever um trabalho que tinha como objeto de reflexão a cidade de Promissão e a relação dos professores com ela. Nesse primeiro momento, não houve muitos diálogos. Timidez, falta de intimidade com o assunto eram as explicações que eu já havia preparado psicologicamente. Além dessa conversa, acreditei ser interessante falar um pouco sobre Walter Benjamin, que embasa teoricamente todo o trabalho e a linha que embasaria as discussões dos Retalhos. Sua ideia sobre a modernidade capitalista foi o que guiou toda as discussões do encontro, pautando-se no avanço da modernidade capitalista que acaba nos impedindo de refletir sobre nós mesmos e de perceber a relação entre sujeito e cidade, tempo e espaço e as relações sociais.

Como parte de explicar o motivo de nossos encontros se chamarem Retalhos, e também para me apresentar, contei sobre minha bisavó Ilda, que me criou e cuidou de mim desde bebê e se manteve sempre presente na minha vida. Quando a professora Cyntia me apresentou a ideia de retalhos, ela achava que tinha muito a ver com a minha proposta, lembro-me de me arrepiar e ficar emocionada no mesmo instante. Dona Ilda era uma costureira de mão cheia. Sempre concertando e fazendo roupas para a família e para pessoas de fora. A agulha, linha e máquina de costura fazem parte do conjunto quando me lembro dela e das suas histórias, bem como das experiências após as centenas de perguntas que eu disparava para ela e sempre eram respondidas. O espaço acolhedor que era sua casa, sempre com cheirinho de café fresco que fazia com que a família se reunisse na cozinha para falar sobre a vida. A casa dela era a minha brecha, o espaço de acolhimento, reflexão e compartilhamento sobre a realidade corriqueira que assombrava os dias. Quando pensei nessa formação docente, gostaria de produzir com os professores muitas histórias, juntando vários retalhos (memórias) e em conjunto, elaborar a Colcha de Retalhos de nossas histórias na

relação com a cidade. Cada parte é fruto de linhas que foram construídas até formar parte desse tecido.

Ainda me apresentando aos professores, levei um objeto que conectava com a minha história de vida e relacionado com a cidade de Promissão. A escolha foi o uniforme do LEO Clube⁸, por ter sido através desse movimento que perfurei a bolha na qual vivia e pude me relacionar com diferentes grupos e espaços da cidade de Promissão, principalmente os grupos e espaços invisibilizados, como veremos ainda no 5º Retalho.

Era importante reforçar a parte burocrática de trabalhar com seres humanos, e para isso deixei claro aos professores que ao final dos encontros seria entregue um formulário de autorização de uso de dados e de participação, como também a possibilidade de usarem pseudônimos dentro da dissertação. Contudo, ao falar sobre esse último ponto, fui surpreendida por professores que exigiam utilizar seus verdadeiros nomes, como uma forma de se posicionarem e estarem presentes na pesquisa. Essa atitude me fez refletir sobre o momento político que estamos vivendo. Após quatro anos de um governo federal negacionista e conservador, tivemos a vitória popular por meio das eleições que nos rendeu suspiros de esperanças, sem mais medo ou receio de exigir mudanças e denunciar o que nos incomoda. Nessa fala, também entreguei as autorizações de uso de voz e imagem para cada um dos professores, que está arquivada com a pesquisadora.

Nessa conversa, alguns fios foram tecidos pelos professores, como eles não perceberem essa falta de utilização dos espaços da cidade e de estarem à mercê do capitalismo até mesmo em seu tempo de lazer, pois ficam ligados em seus aparelhos celulares que lhe dão essa falsa percepção de descanso (lazer). Eles compartilharam que não tinham refletido como a cidade passou a ser apenas um espaço de vivências em conjunto em não mais de experiências coletivas. (Benjamin, 1985)

Ao final do encontro, foi entregue o convite para o 2º Retalho, solicitando que os professores trouxessem objetos que contassem a sua história de vida, mas que ao mesmo tempo tivesse relação com a cidade de Promissão.

⁸ LEO Clube é um clube de serviço voluntário, vinculado ao Lions Clube Internacional. Existem diversos clubes ao redor do mundo e um deles é o LEO Clube de Promissão “Terra Prometida”, no qual permaneci por quatro anos, até me mudar para Campo Mourão – PR, para ingressar na universidade.

2.1.2 Retalho 2: Os Pedacos dos Professores

Figura 3 - Convite para o 2º Retalho

Convite para o 2º Retalho

Prezado(a) Professor(a), convido você para participar do nosso 2º encontro, na praça 9 de julho (coreto). Peço que vocês tragam algum objeto, imagem, poesia, filme ou música que possibilite conhecer mais sobre você e sua relação com a cidade de Promissão.

Escreva uma narrativa que estabeleça uma relação da sua história de vida com o artefato cultural escolhido e a cidade.

Queremos conhecer mais de vocês e como vocês se percebem na cidade de Promissão! Conto com sua participação.

Grande abraço! Emily Monteiro

Fonte: De autoria própria

Para o 2º Retalho, que foi costurado no dia 27 de janeiro de 2024, nos encontramos na Praça da Câmara Municipal. A escolha desse local foi em consenso com os professores. A Câmara estava fechada — onde seria o local de encontro — então decidimos ficar na praça ao lado. Essa praça é muito conhecida pelos senhores de mais idade, pois é o ponto de encontro para os jogos de xadrez, damas e baralho. Decidimos ficar ali pelas mesas redondas que facilitariam a conversa e pela sombra gostosa de um dia quente de verão.

Fotografia 2 - Encontro 2- Praça da Câmara Municipal



Fonte: De autoria própria

O convite para o segundo encontro já apresentava um pedido aos professores: trazer um artefato que pudesse contar a história pessoal de cada professor e ao mesmo tempo entrelaçasse com a sua experiência vivida na cidade de Promissão. A escolha de um artefato foi porque “os objetos são veículos privilegiados para o pensamento sobre a própria historicidade do ser humano atual. Afinal, somos criadores e criaturas de artefatos. Fazemos e usamos objetos e, na mesma medida, somos feitos e usados por objetos.” (Ramos, 2016, p. 71)

O historiador Francisco Régis Lopes Ramos pesquisa a respeito dos museus como parte do ensino de história e muitos de seus trabalhos refletem sobre a relação que estabelecemos com os objetos. Para ele,

O trabalho com objetos geradores não se vincula a relações nas quais o sujeito simplesmente descobre o objeto. Não se trata da revelação à luz de métodos cujos passos estão seguramente definidos. Antes de tudo, o potencial educativo dos objetos geradores reside no exercício de alargamento do nosso ser no mundo, da experiência de viver a historicidade do ser que dá existência a nós e ao mundo, em suas múltiplas ligações (Ramos, 2016, p. 74).

Ao ser solicitada a escolha de um objeto, nós encaramos tudo o que temos e aprofundamos o olhar para um sentido mais profundo. Que objeto conta a minha história com a cidade de Promissão? Qual objeto me fez perceber a cidade para além daquilo que eu vivia? Foram esses questionamentos que me impulsionam a fazer a minha escolha, um objeto que me fez lembrar as experiências que tive com lugares que não eram do meu convívio, lugares que não são enxergados pela sociedade e esse era o motivo de eu estar presente. Um objeto deve ser percebido, devemos “entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano.” (Ramos, 2016, p. 73). Eles são criadores, pois o que vivemos com cada objeto cria uma atmosfera de sentido próprio, que

nos desperta para algo; e também são criaturas pois impomos os sentidos sobre eles, definimos qual será o impacto deles em nossa vida.

A professora Maíra Wencel dos Santos observou em sua dissertação a criança enquanto produtora de conhecimento, e para as reflexões utilizou os objetos. Ela afirma que “A criança recria os objetos, reconstrói com os destroços, refaz a partir das ruínas seus brinquedos e atribui sentidos e significados” (Santos, p. 42). Os objetos não atribuem sentido apenas às crianças, mas deixam marcas em todas as faixas etárias.

Trazer os objetos foi uma forma de os professores conseguirem refletir sobre sua própria historicidade, pois em cada objeto deixamos a marca do que ele significa para nós.

Pensando sob uma perspectiva contra hegemônica motivada pela racionalidade estética, esperava que os professores trouxessem objetos pessoais que, ao apresentar para os demais participantes, os potencializaria nas memórias coletivas. No entanto, dentro de um trabalho que parte da autoridade compartilhada (Frisch, 2016), os colaboradores para o trabalho devem sentirem-se livres e acolhidos por suas escolhas, trazendo o que fazia sentido para sua história.

A professora Eliane e o professor Alexandre levaram uma edição do livro “Promissão. Sua história e sua gente”. Meu conhecimento a respeito da existência de duas edições do livro sobre a história de Promissão foi recente. Quando eu morava na cidade de Promissão, esse livro nunca esteve em minhas mãos ou foi apresentado por professores dentro de minha vida escolar. Tive conhecimento dele apenas após pesquisar sobre a cidade. A obra conta sobre a construção da cidade de Promissão, mencionando os imigrantes, as terras produtivas, os povos indígenas, tudo de forma generalizada, até mesmo com termos que remetem a uma não civilidade dos povos indígenas que habitavam aquela terra e a fácil retirada desses povos do território. Dessa forma, esse livro não representa a multiplicidade de histórias que existem dentro da cidade e, por isso, seu intuito para meu trabalho seria nulo, visto que o intuito desta dissertação não é criar uma nova história da cidade de Promissão, mas sim, recordar as experiências dos professores que vivem nesse município. No entanto, ao ver o livro ser representado com as experiências dos professores percebi que era a hora de acolher as contradições e problematizar possíveis reflexões.

A princípio, me incomodei pela escolha pois gostaria que eles tivessem escolhido algo pessoal. No entanto, trabalhar com o outro é acolher aquilo que ele oferece, e, por meio das narrativas, percebi que aquele livro foi um potencializador para as memórias individuais afetivas. O livro, um objeto que narra uma dita história oficial, também poderia ser ressignificado pela professora Eliane com suas memórias. A professora Eliane nasceu e

creceu em Santa Maria do Gurupá, um Distrito de Promissão que é afastado e não tem visibilidade social para as pessoas da comunidade de Promissão, mas é através do livro que ela vê a região que ela cresceu sendo representada.

A IDA PARA PROMISSÃO

Quando criança morava no sítio no Distrito de Santa Maria do Gurupá. Passei minha infância brincando de escolinha sozinha por não ter amigas e nem irmã, por esse faz de conta, veio o sonho de ser professora. Permaneci até os 17 anos de minha vida no sítio, após esse período me mudei para Promissão, morando com os meus irmãos. Aqui nesta cidade, passei minha juventude trabalhando na Ótica Promissão e estudando Magistério na escola Antônio Figueiredo Navas, me formando no curso de magistério. Minhas lembranças e histórias do passado aqui em Promissão são diversas, uma das com a qual me identifiquei no passado foi a Casa de Menores de Promissão, onde trabalhei como monitora da escola que atendia as crianças que ali permaneciam internas. Foram alguns anos de trabalho e aprendizado com as crianças e as professoras que prestavam seus serviços. A entidade era mantida por doações e pela Prefeitura Municipal. Assim como tudo se transforma, o espaço foi totalmente modificado com novas estruturas, mostrando a presença do capitalismo que é marcada em nossa sociedade atual.

Professora Eliane

Na mônada “A ida para Promissão” podemos perceber como ela consegue contar sua trajetória por meio do objeto, trazendo caminhos que foram enfrentados ao ter que se mudar para o centro urbano de Promissão. Esse êxodo era muito frequente por conta das escolas de ginásio, que só existiam no centro urbano. A vida nas regiões rurais ainda hoje é ignorada pela comunidade local, que não se preocupa o suficiente para dar-lhes melhores condições de vida e assim não terem que se deslocar para os centros urbanos. Nos nossos diálogos, percebemos que o descaso com a Região do Gurupá, como é chamado o Distrito, é fruto da falta de eleitorado que possa fazer a diferença nas eleições. Sem pessoas para ver as melhorias, então a situação acaba se estacionando e permanecendo a mesma por anos.

O professor Alexandre também levou como objeto o livro de Promissão. Para ele, o livro tem o poder de fazê-lo voltar às origens: logo que sua família chegou na cidade de Promissão.

CARREGO AS MEMÓRIAS DA CIDADE

Havia algo de mágico nas páginas amareladas do livro da história de Promissão, onde as lembranças do passado se entrelaçavam com as potencialidades de um futuro ainda por ser escrito. A cidade de Promissão é mais do que um simples conjunto de ruas e prédios; é um testemunho vivo da passagem do tempo. Como havia comentado anteriormente, o capitalismo ajudou a minha história e a minha relação com a cidade, a criação de novos bairros que serviam de alojamento para os funcionários que construíram a Usina Hidroelétrica da cidade serviu de residência provisória para meu pai, que conheceu minha mãe e chamou a cidade de lar. [...] Minha relação com Promissão remonta a tempos imemoriais, refletidas nas

histórias contadas pelos meus pais, parentes e amigos. Como um elo entre o presente e o passado, eu carrego as memórias da cidade, assim como ela carregará as minhas.

Professor Alexandre

Na mônada “Carrego as memórias da cidade”, o professor apresenta como as cidades são constituídas pelas pessoas na mesma intensidade. Mesmo quando deixamos esse espaço, ainda podemos cultivar o pertencimento sobre ele, da mesma forma que, quando deixamos a cidade, nossas marcas ficam sobre ela e em nós. O papel de professor, é uma dessas formas que nos fazem permanecer nas memórias das pessoas e da cidade, pois além de se fazer presente na vida de muitas crianças e adolescentes, ainda podemos ser os impulsionadores de muitos deles. O objeto do Alexandre remonta a uma fase em que nem mesmo ele era nascido, com a chegada de seu pai para trabalhar na construção da Usina Hidrelétrica de Promissão. Após conclusão da mesma, instalaram-se comércios e bancos e com isso a cidade começou a tomar forma, fazendo os trabalhadores permanecerem na localidade. Dessa forma, o capitalismo influenciou na permanência de muitas famílias que enxergaram naquela região, uma possibilidade de se estabelecer.

Contrapondo a isso, temos a ambivalência desse progresso que surgiu atrelado ao capitalismo e foi fomentando a ilusão da modernidade. A modernidade traz a ilusão de que os sujeitos caminham na mesma velocidade, enquanto na realidade os sujeitos se apegam a uma incessante vontade de controle que não existe. O progresso, na realidade, produz fantasmagorias para os indivíduos. É um descolamento da realidade para começar a produzir imagens espontâneas difusas perante as práticas cotidianas dos indivíduos. É como, por exemplo, o anseio dos sujeitos por objetos do mundo material como uma tentativa de suprir a falta de sensibilidades do mundo que os cerca e a dominação dos próprios sonhos dos indivíduos.

Já o professor Wesley levou o jogo de computador chamado *Assassin's Creed*.

A CONQUISTA DO OLHAR CRÍTICO

O objeto que levei para fazer a ligação com a minha história e a cidade de Promissão foi um tanto quanto contraditório, pois foi um objeto extremamente elitizado. Minha história em relação a Promissão foge completamente desse aspecto elitista. Pelo contrário, olhando para o passado, é nítido enxergar algumas desigualdades que grupos periféricos da cidade enfrentam, como falta de infraestrutura em alguns bairros e acesso a meios culturais. Porém, foi só através desse objeto, um jogo de PS4, que consegui aflorar meu senso crítico e buscar entender a realidade em que vivemos, tendo uma outra visão do passado. A importância desse objeto é como a primeira peça do efeito dominó. Sem ele, não conseguiria fazer essa ponte entre passado e futuro e olhar para trás de forma crítica para entender os processos.

Hoje consigo olhar para o passado em Promissão e trazer problemáticas de classe e raça dentro da minha realidade. A exclusão de acesso a meios culturais, tanto públicos quanto privados, como teatro e shows. Parte dessa exclusão se dá pela falta de tempo para o lazer dentro da realidade de determinados grupos, revelando de forma sutil a desigualdade da cidade.

Professor Wesley

Esse jogo foi o potencializador para que ele se interessasse pela história e percorresse o caminho da licenciatura. Ele narra durante o encontro que por ser de um bairro periférico e de escola pública, não sentia que a vida das universidades seria para ele, até citou uma frase que algum familiar que dizia, “estudar é coisa para gente que tem dinheiro”. Foi por meio do jogo, que aborda alguns períodos históricos, que Wesley sentiu o interesse pela licenciatura em história e decidiu entrar na faculdade. Foi por isso que ele conseguiu refletir sobre o que estava por detrás de todo esse desinteresse e falta de estímulo. Se deu conta do lugar que havia crescido e como poderia mudar a sua realidade social. Conseguimos durante o encontro pensar um pouco sobre a marginalização dos bairros e o estereótipo criado na cidade para com aqueles que moram em regiões periféricas.

A professora Luany levou itens como uma botinha de bebê, um ursinho de pelúcia, uniforme de colégio e um calendário referente a igreja de que ela participa. Luany não era de Promissão, mas sim de Buritama, também cidade do interior paulista. Quando ela se mudou para Promissão, sua família não tinha parentes ou amigos na cidade e foi na igreja que eles foram construindo as relações sociais com a comunidade.

A MAGIA FOI DESAPARECENDO

Os objetos pessoais são um par de botas pink, que faz referência ao sítio da minha avó paterna e também traz lembranças do meu avô falecido; camiseta de uniforme do Colégio LC Anglo, onde foi uma grande conquista pessoal poder estudar durante os cinco últimos anos escolares; um tigre de pelúcia; e uma foto da igreja que eu frequento até hoje. Esses pertences pessoais se encontram na casa da minha mamãe dentro de um baú. Quando a Emily propôs esse retalho fez com que eu e a mamãe revissemos episódios da nossa vida e relembássemos histórias de família. Fez-me refletir que há meses não vou ao sítio da avó Dita, devido a rotina de trabalho. Mas esse lugar ainda é mágico: o cheiro de terra molhada, a casa da avó é praticamente a mesma, só mudam a cor e a posição dos móveis, as fotografias me lembram do quanto brinquei no curral e nadava no cocho das vacas. Que todo final de ano passávamos lá. Mas o tempo foi passando, as primas e primos foram crescendo, meu avô faleceu, um casal de amigos da família se separou, tivemos algumas perdas na família, duas tias, tia Ia e tia Neuza, e então toda essa magia foi desaparecendo.

Professora Luany

A professora Luany trouxe objetos de experiências significativas e de pertencimento com a cidade, de momentos que ficaram no passado e compartilhou que, com a sua rotina atual, não é possível viver a vida com a mesma intensidade.

Nas mônadas é possível sentir nas entrelinhas a crítica ao sistema capitalista que nos ronda e formata nossas vidas em estruturas rígidas, impossibilitando que as experiências sejam vividas plenas em significados coletivos. Ramos (2014) escreve sobre a modernidade refletida nos objetos que são produzidos e consumidos em massa. Para ele, há cada vez mais objetos consumidos, mas que não atribuem nenhum sentido à vida dos sujeitos. Além disso, o tempo de existência/utilidade dos objetos, vem diminuindo a cada ano, para que assim nós sejamos forçados a comprá-lo novamente.

Uma proliferação incessante de objetos. Essa é, certamente, uma característica do mundo no qual vivemos. Além do aparecimento constante de certas novidades que rapidamente se tornam de uso mais ou menos comum, como o telefone celular, o videocassete ou o CD, coisas já inventadas ganham rapidamente outras cores e formatos. Estamos, como diz Jean Baudrillard, no “tempo dos objetos”. No passado, não muito distante, havia uma perenidade que hoje já não há: “os objetos viam o nascimento e a morte de gerações humanas. Atualmente, são os homens que assistem ao início e ao fim dos objetos. (Ramos, 2016, p. 78)

Essa perenidade facilita que os objetos percam seu sentido, tal como a cidade que estamos refletindo. Os objetos são substituíveis e perdem seu significado para os indivíduos. Entendendo essa questão, trazemos os objetos com uma prática a contrapelo, como diz Walter Benjamin, em que iremos propor o rompimento desse *continuum* da história. É isso que vemos nas mônadas dos professores, diferentes objetos que os fizeram encarar o mundo de forma diferente.

Finalizamos o encontro comendo pãezinhos e tomando café, falando sobre como as tecnologias também estão interferindo no modo como nos ligamos à cidade, pois preferimos ocupar nossos espaços privados a estabelecer relações com os lugares públicos da cidade. Levando até a pensar corriqueiramente que aqueles que estão nesses espaços da cidade estão abaixo de quem fica em casa vivenciando as coisas pelo celular — que é um modo de estabelecer contato com o público.

2.1.3 Retalho 3: O Pedaco de Passagens

No terceiro Retalho (encontro) falamos sobre o tempo, refletimos sobre como o sentido de tempo se modifica conforme vamos crescendo e começamos a sobreviver e deixar de viver.

Figura 4 - Convite do 3º Retalho

Convite para o 3º Retalho

Leia a letra da música Epitáfio, da banda nacional Titãs, lançada em 2002 e se preparem para embarcar na reflexão a respeito do tempo.

Com essa músicas do Titãs, conseguimos perceber como a rapidez da modernidade capitalista que Walter Benjamin acredita, nos impede de refletir sobre os acontecimentos que nos atravessa, fazendo com que as nossas experiências se diluam em meio aos ponteiros dos relógios que nos cercam. Nessa canção, podemos perceber o impacto da perda de experiência que quando formos ver, tudo já se esvaiu pelo tempo e não conseguimos aproveitar nada.

Queridos Professor(a), pensando nessa rapidez que a modernidade nos impacta, na qual nos impede de viver as experiências, e de ter tempo para refletirmos sobre nós mesmos, produzam uma narrativa pensando em como esse tempo racionalizado te atinge na cidade de Promissão. Tragam no nosso próximo encontro, para conseguirmos pensar como o tempo modificou nossa forma de viver no coletivo e no individual.

Grande abraço! Emily Monteiro

Fonte: De autoria própria

Fomentamos a conversa de como percebemos o tempo nessa modernidade capitalista. Para isso, foi escolhida a música Epitáfio, da banda Titãs, lançada em 2002, para estimular a rememoração. Trago abaixo a letra.

Epitáfio - Titãs

Devia ter amado mais
 Ter chorado mais
 Ter visto o Sol nascer
 Devia ter arriscado mais
 E até errado mais
 Ter feito o que eu queria fazer
 Queria ter aceitado
 As pessoas como elas são
 Cada um sabe a alegria
 E a dor que traz no coração
 O acaso vai me proteger
 Enquanto eu andar distraído
 O acaso vai me proteger
 Enquanto eu andar
 Devia ter complicado menos
 Trabalhado menos
 Ter visto o Sol se pôr
 Devia ter me importado menos

Com problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar
Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o Sol se pôr
(Titãs, 2001)

No convite desse Retalho também contava com um texto para relacionar o pensamento benjaminiano com a música, além de constar a data do dia 3 de fevereiro e a localidade do encontro na Praça dos Pneus. Os professores escolheram essa praça por ter certo movimento, área verde e tranquilidade. A última vez que estive nesse local, ele fazia jus ao nome Praça dos Pneus. Havia diversas esculturas e brinquedos feitos de pneu, que faziam a graça das crianças do bairro e também embelezam o local. No entanto, quando chegamos para o encontro, encontrei uma praça vazia, com poucos bancos e sem os brinquedos que a caracterizavam. Ficamos nos questionando o porquê da retirada e como, diferentemente das outras praças que havíamos ido, essa não tinha muitos bancos ou lugares para sentar. Nem mesmo mesas para fazer um piquenique. Mais um lugar que não foi só espaço de encontro, mas também alvo de nossas reflexões.

Fotografia 3 - “Encontro 3 na Praça dos Pneus”



Fonte: De autoria própria

A música nos instigou a pensar a questão de como não temos mais o tempo para parar e refletir sobre nossas práticas de educação e tampouco sobre nossa realidade e o tempo que se passa na cidade. Pensando nisso, indaguei: “Como vocês percebiam a cidade quando eram crianças? Qual lugar a cidade ocupava na vida de vocês? E como percebem a cidade hoje?” Acreditam que cada vez mais estamos presos nas engrenagens da máquina capitalista que inibe as experiências que podem ser vividas na cidade? Nossas memórias relacionadas à cidade acabam ficando presas na nossa infância e adolescência e hoje nós apenas passamos inertes pela cidade?

Para instigar as problemáticas, partilhei a minha relação com a cidade no passado e no presente, rememorando as experiências vividas no período em que eu era moradora de Promissão e interligando-as com as experiências que vivo no agora. Assim, percebi que a forma que percebo a cidade é uma forma em movimento, como um carro em movimento (Benjamin, 2009). Quando visito Promissão passo a maior parte do tempo dentro do carro, tentando dar conta de ir aos lugares que sinto falta, visitar os familiares e amigos e realizar tudo que planejo, que só são possíveis de serem feitas em Promissão. Quando a música *Epitáfio* fala sobre como deveríamos ter feito muito mais coisas, percebo que vivemos em um eterno tentar. Uma tentativa infinita de concluir planejamentos e, com essa ideia, só nos preocupamos em finalizar o que propusemos deixamos de nos importar com o que vivemos no processo. Deixamos de aproveitar a travessia pela cidade no anseio de chegar logo até o ponto determinado, sendo que no caminho há diferentes experiências que podem nos tocar (Larrosa, 2002). Quantos momentos deixamos de viver pensando em concluir rapidamente um objetivo final? Quantas vezes olhamos para trás e pensamos nos caminhos que poderíamos ter percorrido?

Na mônada do professor Alexandre, podemos perceber como a expectativa não suprida o levou a escolher um caminho “mais fácil” em que o próprio se “julgou”. Mas, ao rememorar o caminho percorrido, identificou como a mudança foi essencial para sua formação. Não é possível voltarmos no tempo, mas podemos por meio das nossas lembranças recolher os cacos que ficaram e reelaborar os sentidos das nossas experiências.

A BUSCA NO FAZER A DIFERENÇA

Houve um momento, na minha vida como educador na cidade de Promissão, em que tomei uma decisão que, para muitos, poderia parecer incompreensível. Decidi deixar uma grande escola, E.E. Prof. Orlando Donda, onde eu poderia ter feito a diferença na vida de tantos alunos, e optei por dar aulas em uma escola pequena e remota, no Distrito de Santa Maria do Gurupá, longe da minha comunidade. Essa escolha foi resultado de uma série de experiências e reflexões que me levaram a reavaliar meu papel como educador. No Orlando Donda, eu tinha todos os recursos

à minha disposição. Havia salas de aula bem equipadas, programas educacionais avançados e um corpo docente experiente. Eu acreditava firmemente que poderia fazer a diferença ali, inspirando e capacitando os alunos a alcançarem seu máximo potencial. No entanto, conforme o tempo passava, percebi que minhas expectativas estavam longe da realidade. Apesar dos recursos disponíveis, eu me vi lutando para realmente impactar meus alunos. A burocracia da instituição muitas vezes dificultava a implementação de novas abordagens de ensino, e eu me sentia limitado em minha criatividade e inovação. Além disso, o ambiente muitas vezes era impessoal, e eu não recebia o apoio e o reconhecimento que esperava dos colegas e da direção da escola. O momento decisivo veio quando percebi que, apesar de todo o meu esforço e dedicação, muitos dos meus alunos simplesmente não estavam respondendo. Sentia-me desanimado e desgastado, perguntando-me se realmente estava fazendo a diferença que tanto desejava. Foi então que tomei uma decisão radical. Decidi buscar uma nova oportunidade em uma escola pequena e remota, situada longe da agitação da cidade, no Distrito de Santa Maria do Gurupá. Lá, encontrei um ambiente acolhedor e uma comunidade unida, onde cada aluno era reconhecido e valorizado individualmente. Embora os recursos fossem limitados, havia uma sensação de paz e tranquilidade que me permitia focar no que realmente importava: os alunos e seu aprendizado. Nessa nova escola, pude finalmente experimentar o tipo de conexão e impacto que sempre desejei como educador. Os alunos respondiam positivamente ao meu ensino, e eu podia ver claramente o progresso que estavam fazendo a cada dia. Além disso, recebi o apoio total da comunidade escolar, que reconhecia e valorizava meu trabalho de maneira significativa. Embora tenha sido uma decisão difícil deixar para trás “a escola grande”, não me arrependo. Na escola pequena e remota, encontrei não apenas paz e tranquilidade, mas também um senso renovado de propósito e realização como educador. Aqui, posso verdadeiramente fazer a diferença na vida dos meus alunos, e isso faz tudo valer a pena.

Professor Alexandre

Na mônada “A busca no fazer a diferença”, percebo como o professor Alexandre, se sentia frustrado ao compor uma escola estadual maior da cidade de Promissão. O professor não sentia que conseguia fazer a diferença na vida dos alunos, proporcionando um novo olhar para a realidade em que eles estavam inseridos. Mesmo sendo uma escola com mais recursos, o número de alunos também era maior e, em muitas situações, não é compatível com o tamanho das salas. Em sua mônada, ele confirma a dificuldade de implementar novas metodologias devido a burocracias institucionais. Devemos lembrar que muitos professores vivem nessa situação de trabalho, que não é uma responsabilidade dos alunos e, às vezes, nem da coordenação escolar, mas sim de um sistema educacional que está acima disso. Ao se ver em uma situação de desgaste, o professor Alexandre conseguiu uma transferência para um colégio menor, no Distrito de Promissão, em Santa Maria do Gurupá. Essa escolha do professor foi motivada pelo fato de que, mesmo que tivesse menos recursos, era uma escola periférica, com poucos alunos em sala de aula e menores implicações burocráticas, que permitia ao professor desenvolver aulas criativas que pudessem ser significativas para ele e para os estudantes.

Larrosa (2002) já estabelecia que, com a modernidade, pensamos muito no quanto fazer, na quantidade. Deixamos de pensar naquilo que realmente nos toca, que faz sentido para os sujeitos. Percebemos que o professor Alexandre fez a escolha de ser aquele que consegue estabelecer uma relação com seus estudantes, por isso, em uma escola menor essa posição poderia ser mais fácil de se concretizar. Além de ensinar matemática, ele queria que o ensino fizesse sentido para os estudantes, que fosse uma experiência com trocas e não uma vivência passiva de ensino.

No atual cenário em que se encontra a educação no Brasil, esse apoio a cada dia se torna mais escasso e nossos professores encontram-se desanimados e desesperançosos com as condições nos colégios. A falta de incentivo vai do topo até a base, dificultando cada vez mais que os estudantes recebam um ensino de qualidade, crítico e reflexivo. O professor Alexandre conseguiu identificar que o tempo capitalista nos mantém refém de pensarmos em nossas trajetórias e os caminhos percorridos. Pensarmos em nossas escolhas e nas que poderíamos ou não ter feito. Quando penetramos na brecha desse tempo corriqueiro que nos permite pensar em nossos caminhos, percebemos como eles são significativos para quem somos hoje e como estabelecemos a relação com o outro e com os espaços. Partir para essa nova escola fez com que o Alexandre estabelecesse uma relação diferente com a cidade, pois agora estava convivendo em espaços invisíveis e estabelecendo um vínculo com a região que o acolheu.

A professora Eliane traz imagens ambivalentes ao pensar a música na relação com as suas experiências vividas na cidade, como arrependimento e fonte de esperança. Vamos conhecer essa mônada “lamento ou estímulo”.

LAMENTO OU ESTÍMULO

A música Epitáfio, resgata a ideia de “aproveitar bem a vida”. É composta como se fosse um recado que diz que se não aproveitarmos os momentos ao lado das pessoas que amamos e os lugares que nos fazem bem, vamos deixar de viver a vida com intensidade “Devia ter amado mais... meu pai que partiu pra eternidade, curtir mais os lugares que me trazem boas lembranças.” O espírito capitalista que rege nossa sociedade, a lógica das relações de troca entre valores (trabalho, dinheiro, produtos) são tão impregnadas no senso comum que muitas vezes nos impedem de ver a beleza da vida e da natureza. Beleza que se revela em coisas simples, cotidianamente. Provoca reflexões profundas sobre a vida, o tempo e o valor das pequenas coisas que muitas vezes deixamos de lado por ganância e busca de poder. A letra fala sobre o tempo passando rápido e a consciência da finitude da vida. Para alguns, ela pode ser vista como uma lamentação, uma reflexão melancólica sobre como o tempo é passageiro e como, muitas vezes, não valorizamos o que realmente importa até que seja tarde demais. Pode ser um lamento sobre oportunidades perdidas, relações que não foram cultivadas ou sonhos que não foram realizados. Por outro lado, também pode ser encarada como um estímulo para vivermos mais conscientemente, aproveitando cada momento, dando valor às relações e às experiências significativas. Ela nos lembra da importância de não deixar para depois, de não adiar nossos desejos e de buscar a felicidade.

Professora Eliane

A professora Eliane ressalta como o tempo capitalista é rápido e com isso a letra da música que demonstra um arrependimento do que poderia ter sido vivido é clara. Os dias passam em um piscar de olhos e até mesmo desejamos que isso aconteça. Sempre esperando para chegar em casa e conseguir descansar, sempre esperando para chegar ao fim de semana, ansiando por alguma pausa. Vivemos em um eterno desejar e esquecemos de perceber aquilo que está ao nosso redor e, quando decidimos virar para o lado, esse tempo já passou, as pessoas já se foram.

Ela constrói sua relação com a música pensando no sentido de sobrevivência. Estamos inseridos em uma filosofia de “trabalhar para viver” e não viver e trabalhar. Essa filosofia faz parte da construção do pensamento capitalista, que nos impulsiona ao consumo exagerado daquilo que não temos, e é essa vontade do que não temos que nos faz ser parte da engrenagem do capitalismo. Ao estar nesse meio — de forma involuntária, pois somos naturalmente influenciados a estar nesse papel — nos tornamos inertes àquilo que nos rodeia e apenas vamos sobrevivendo ao que a vida nos oferece.

Pensando nesse sentimento do que poderíamos ter feito no passado e que só conseguimos identificar isso no presente, conversei com os professores sobre o que eles poderiam ter feito, tendo em mente essa ideia de que sempre esperamos algo e, nessa espera, nos tornamos alienáveis ao tempo que nos controla com suas amarras. A narrativa do professor Wesley me chamou atenção, pois para ele tudo o que já foi feito era o que dava para ser feito. Não tem como olharmos para trás e pensamos nas atitudes diferentes que poderíamos ter tomado, visto que no momento era o que dava para ser feito.

Para a professora Eliane, ao perceber o tempo capitalista que nos assola, podemos olhar de maneira diferente para onde vivemos, e assim aproveitar a trajetória, as experiências e voltar a viver os espaços da cidade de Promissão. Enquanto a professora Luany relaciona a questão do tempo com o espaço, pois com o excesso de obrigações e trabalhos que somos acometidos, também deixamos de utilizar os espaços públicos da cidade. Refletimos sobre essa questão no encontro, ao percebermos que, quando éramos jovens e não estávamos atrelados ao mercado de trabalho, nos fazíamos presentes nos espaços da cidade, tendo uma relação diferente da que temos no presente, sendo adultos.

POVO DE CORAÇÃO BOM

A racionalização do tempo mesmo em uma cidade pacata como Promissão-SP é evidente nas mudanças estruturais, culturais e sociais que a modernidade trouxe com o decorrer do tempo. Os locais públicos da cidade, como as praças (1 de Maio e 9 de Julho ambas se localizam no centro) antes utilizadas pela população em geral para eventos da cidade, para crianças andarem de bicicleta, atualmente é ocupada por

moradores de rua e alguns pontos de lanchonetes. O “Lanchódromo” localizado perto da feira da cidade antes era aberto ao público, possuía vários comércios alimentícios e um palco; hoje é cercado e fechado, um dos quiosques funciona no período da manhã como ponto de castração de animais, e o pátio serve para guardar ônibus da prefeitura. A praça da Colônia da Imigração Japonesa, apesar de ter poucos atrativos, é a mais preservada, acredito que seja por não estar dentro da cidade, se localiza na pista da entrada da cidade. A Lagoa dos Patos também é um espaço público inutilizável a meu ver, tem equipamentos de exercícios e um campinho, porém tudo a céu aberto e, em algumas épocas do ano, o cheiro é insuportável. Lá persiste problema igual ao das praças, o público que frequenta usa drogas e o ambiente não é nada agradável. E você aí deve estar pensando que eu não gosto nem um pouco da minha cidade, mas isso não é verdade. Sou sincera, Promissão-SP não é nem um pouco atrativa como ponto turístico, mas, de modo geral, pensa em um povo de coração bom! Ah, a comida na casa da minha mãe e da minha sogra, os cultos da igreja, o afeto das velhinhas, o aconchego de lar que eu encontrei aqui. Não sei se vou me tornar um marinheiro navegante, mas tenho certeza de que Promissão sempre será lembrada como a cidade que me acolheu, onde passei a minha infância e mocidade, onde me apaixonei e me casei com o amor da minha vida, onde arrumei meus primeiros empregos, onde descobri a profissão que me impulsiona a ser uma cidadã melhor, uma cidade que tem suas adversidades, mas onde vale a pena lutar.

Professora Luany

Com a mônada da professora Luany, fica evidente como, com o passar do tempo, até mesmo as cidades interioranas enfrentam cada vez mais efeitos da modernidade capitalista, existentes há tempos nos grandes centros urbanos do país. As praças não são mais frequentadas pelos mesmos públicos de antigamente, pois a maioria das pessoas estão dentro de seus trabalhos tentando sobreviver ao mundo em que vivemos. Mas ainda há formas de resistir às amarras do capitalismo, como quando nos lembramos que a vantagem de ser parte de uma comunidade é o acolhimento, o conhecer o outro. Para muitos, essa pode ser a parte negativa. Ser conhecido por todos como a neta de alguém ou o filho de alguém. Mas essa relação nos faz reconhecer a comunidade de que fazemos parte, diferentemente do que acontece nos grandes centros. Quando Benjamin escreve *Paris, Capital século XIX*, ele consegue identificar como as modificações propostas por Haussman para modernizar Paris, têm um impacto entre os parisienses que não conseguem mais se sentir parte da cidade que já não os engloba como cidadãos.

Ainda tecendo fios sobre a música e o tempo, pensamos sobre o trecho “o acaso vai me proteger, enquanto eu andar distraído”. Com esse trecho, partilhamos sobre como isso é uma justificativa para que a gente continue vivendo um declínio de reflexão. “Enquanto eu andar distraído”, isto é, enquanto estivermos alienados ao trabalho e ao tempo, aos mecanismos do capitalismo, estaremos “protegidos” de não praticar uma reflexão sobre meu eu e sobre a sociedade, ou ainda de não entendermos o cerne dos problemas que nos rondam e

nos forçam a fazer parte da engrenagem. Dessa forma, o sentido da música se entrelaça com a ideia do *flâneur* de Baudelaire. Esse personagem é a alegoria dos sujeitos que, ao se depararem com a modernidade que traz o consumo e a abundância, ficam observando aquela movimentação. Para Benjamin (1994), o *flâneur* que vai até a multidão é entendido como metáfora para a alienação das massas. Esse é o sentido que nas conversas atribuímos à música escolhida.

O professor Wesley narrou que, para ele, estar distraído, recai sobre o estar trabalhando a todo momento e procurando formas de sobreviver, e que, afinal, realmente ficando sem o tempo para reflexão, sem conseguir pensar nas nossas experiências. E com isso o sistema nos protege.

A CULPA É ESTRATÉGICA

A música me traz sentimentos ruins, angustiantes, uma impotência, por entender e saber que não somos donos do nosso tempo, não temos controle sobre ele. Ainda mais quando penso na minha realidade e nas pessoas à minha volta. A maioria aqui sempre faz o que dá, esse fazer nem sempre é o que a sociedade espera. É difícil refletir sobre o tempo gasto, quando o tempo que temos é para nos mantermos vivos. Pensar sobre o tempo é um privilégio de poucos. O pior é nos culparmos por tudo isso, nos culparmos pela pobreza, pela fome, pela falta de oportunidade, nos culparmos pela desumanização que acontece nesses lugares. A culpa é estratégica, só se tem culpa daquilo que é exclusivamente sua responsabilidade, essa é a única hora que as pessoas aqui pensam no tempo, para se culpar por aquilo de que não têm culpa. Somos vítimas do tempo, o tempo vai passar e não temos planejamentos, não temos sonhos, às vezes nem vontade de continuar. É por isso que a música Epitáfio é tão angustiante e triste de ouvir, trazendo sentimento de culpa, mas como todo mundo daqui, essa culpa não é nossa.

Professor Wesley

Na mônada “A culpa é estratégica” do professor Wesley, notamos que ele narra a realidade de quem nasceu e cresceu em um bairro periférico. Neste 3º Retalho, relacionamos sobre o tempo escapar por entre nossos dedos, pois não há lacunas em nossos dias para refletir sobre ele e é exatamente esse ponto que o professor Wesley retrata em sua mônada. É possível conectar essa mônada com a da professora Eliana “Lamento ou estímulo”, pois ambas falam sobre esse sentimento de sobrevivência ao cotidiano da vida. Chegamos em casa após um dia intenso de trabalho e para relaxar acessamos redes sociais e vemos os influenciadores comprando uma casa com o resultado de um vídeo, enquanto pagamos nosso aluguel e contas com grande esforço enquanto sonhamos com a casa própria, viagens, lazer.

Nesse caminho, vemos que as pessoas estão conseguindo se identificar nesse processo proposital do capitalismo, e algumas já estão fazendo movimentos contrários a esse viver de sobreviver. Um exemplo disso é a discussão sobre o fim da escala de trabalho 6x1, em que o indivíduo trabalha seis dias por semana e tem direito de folgar em apenas um,

independentemente se for ou não final de semana. A deputada Erika Hilton elaborou a proposta de Emenda à Constituição⁹ (PEC) de redução da jornada de trabalho para 36 horas semanais. Ao expor nas redes sociais, muitos trabalhadores fizeram o movimento de divulgar a PEC esclarecendo os motivos para que ela fosse aprovada e votada pelos demais deputados. Em muitos vídeos e posts de Instagram, X (antigo Twitter) e Tiktok a população vem se movimentando com informações e relatos a respeito do impacto desse sistema na vida das pessoas. São histórias como: perder festas de aniversários, casamentos, não conseguir ir a consultas médicas ou acompanhar alguém que está enfermo. Quem vive na escala 6x1 luta para uma condição de vida melhor. Essa é a realidade de muitos brasileiros que vivem em um sistema pesado, injusto e altamente explorador da força de trabalho.

Quando pensamos sobre o que deveríamos ter ou não feito, vivido ou não vivido, motivados pela música *Epitáfio*, vemos mais uma vez na mônada do professor Wesley que ao viver nessa corrida imaginária, deixamos de viver o que importa e o que faz sentido, nos dando conta apenas quando já não temos mais a chance de viver novamente.

Esse sentimento de angústia se entrelaça ao sentimento de culpa que os moradores de seu bairro e ele mesmo sentem, pois acreditam merecer viver nas condições em que se encontram. Eles deslocam a responsabilidade municipal para si, colocando-se como não merecedores de melhoria de vida ou incapazes de exigir mudanças. As condições desumanas que acometem o bairro estão interligadas à falta de atenção dos órgãos públicos em visualizar melhorias nessas regiões periféricas. Conseguimos nos deslocar para imaginar esse sentimento de indignação que toma Wesley. Um sentimento de consciência pelo que vive e por conseguir perceber o que outros não enxergam.

Adentrar as brechas e permitir refletir sobre como estamos percebendo a cidade foi o objetivo desses encontros. E em cada um deles criamos uma estampa em um tecido branco que possibilitava leituras plurais. Cada professor rememora e condensa suas percepções no diálogo com as suas experiências vividas. Foi com os encaminhamentos desse encontro que ficou mais evidente o caminho que as discussões estavam permeando. Estávamos, sem perceber, denunciando o que a modernidade capitalista estava tomando de nós.

Para Benjamin, escrever a história a contrapelo é preencher as lacunas, as brechas, o que ficou interdito através de argumentações diferentes, não apenas fazendo outro discurso e sim fazendo explodir o discurso dado. Não fazer uma história no contra-

⁹ Para saber mais acesse o site da câmara dos deputados, disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1110526-proposta-de-reducao-da-jornada-de-trabalho-e-fim-da-escala-6x1-gera-debates-no-plenario-da-camara/> > Acesso em 22 de novembro de 2024.

discurso e, sim, fazer aparecer nela o outro que ficou apagado, expropriado, tirado de cena; é integrar os excluídos. (Paim, 2002, p. 84)

2.1.4 Retalho 4: “O Pedaco Chamado Promissão”

O quarto encontro pretendia refletir sobre como deixamos de usufruir diversos espaços públicos da cidade. Para isso, foi enviado o convite com a data e endereço para o 4º encontro.

Figura 5- Convite do 4º Retalho

Convite para o 4º Retalho

Leia a letra da música Memória, de Gonzaguinha, lançada em 1982 e se preparem para embarcar na reflexão a respeito dos espaços.

Os espaços da cidade também sofrem com esse tempo da modernidade que impede ou diminui a frequência com que os sujeitos utilizam os espaços públicos. Esses espaços que antes eram preenchidos por pessoas, hoje são preenchidos de memória. Pensando nisso, produzam uma narrativa pensando em como esse tempo nos impede de usufruir dos espaços da cidade. Tragam para o próximo encontro, para pensarmos sobre a utilização desses espaços da cidade e o impacto da modernidade capitalista.

Grande abraço! Emily Monteiro

Fonte: De autoria própria

O 4º Retalho aconteceu no dia 17 de fevereiro de 2024 na Praça Moacir Barreira, localizada no bairro Nosso Teto. Também por escolha dos professores, as praças foram sendo cada vez mais perto de suas residências e, de certa forma, fomos nos afastando do centro urbano e adentrando os bairros. Esse local partiu das escolhas dos professores, motivadas pelo fato de essa ser uma das praças mais conhecidas e por ter algum fluxo de encontros. Essa praça que, para alguns professores, era lugar de comícios políticos, hoje tem parque e instrumentos de alongamento e musculação para a população. Além disso, também possui uma lanchonete, que permanece ali há muitos anos e é conhecida pela comunidade. Estar nessa praça, em um sábado de manhã, e vê-la vazia, desencadeou muitos questionamentos que perpassaram nesse retalho.

Fotografia 4 - Praça Moacir Barreira



Fonte: De autoria própria

Para esse encontro, foi enviado o convite com a letra da música *Memória*, de Gonzaguinha, para que já fosse possível pensar a relação do espaço atingido pela modernidade capitalista. A letra estimula percebermos a passagem do tempo nas cidades.

Memória - Gonzaguinha

Houve um dia aqui uma praça
 Onde tantas crianças cantavam
 Houve um dia aqui uma praça
 Onde os velhos sorriam lembranças
 Houve um dia aqui uma praça
 Onde os jovens em bando se amavam
 E os homens brincavam trabalhando
 Um trabalho sem desesperança
 Digo meu filho que esse jardim
 Era o viço da vida vingando
 Digo meu filho que esse jardim
 Era o branco dos dentes brilhando
 E a festa da vida seguia
 Pelo o franco dos gestos libertos
 Digo de fresca memória que não aqui não havia
 Do medo este cheiro
 Digo de fresca memória que não aqui não havia
 De estátuas canteiros
 Houve um dia aqui
 uma praça, uma rua, uma esquina, um país
 houve crianças e jovens e homens e velhos
 um povo feliz.
 (Gonzaguinha, 1983)

Quando chegamos ao nosso ponto de encontro e nos acomodamos, coloquei a música para tocar e perguntei se alguém conseguia perceber algo que se ressaltava na letra da música conectando-a ao que estávamos discutindo durante esses encontros. O primeiro a falar foi o professor Alexandre, que expõe a percepção de a música retratar aquilo que já existiu um dia e hoje não existe mais, como as movimentações sociais que eram vividas nas praças, por

exemplo. A praça estava vazia, em um sábado ensolarado e num local repleto de árvores, que faziam uma sombra refrescante, lugares para sentar e brinquedos. Um lugar propício para ser aproveitado em sua inteireza por todos os tipos de público. Mas estava vazio. Será o empobrecimento das experiências coletivas em uma cidade interiorana vivendo os sintomas do avanço da modernidade?

A professora Eliane partilha que ia com seu pai, político, ao local, onde era os comícios, e ressalta como era um espaço onde se discutia políticas municipais e se vivia em sociedade compartilhando diferentes culturas, pois nesses espaços eram realizados muitos shows. Com essa narrativa, voltamos à antiguidade grega, quando o professor Wesley ressalta como as praças e os espaços públicos eram espaços onde aconteciam as discussões a respeito da vida em comunidade. A respeito disso, Hannah Arendt (2007, p. 37) discorre sobre a separação entre vida privada e pública: “A distinção entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública corresponde à existência das esferas da família e da política como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-estado”. Nesse sentido, entendemos como a questão de público e privado foi se modificando com a modernidade, “o homem privado não se dá a conhecer, e, portanto, é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros” (Arendt, 2007, p. 68).

A professora Luany fez uma conexão pensando em como os Shoppings são as novas praças da contemporaneidade. Estabelecemos até uma reflexão ao perceber que o Shopping da cidade de Araçatuba, interior de São Paulo, próxima a Promissão, tem o nome de “Praça Nova”, exemplificando o que estava sendo comentado.

Nesse contraponto entre shoppings e praças, podemos pensar na discussão feita por Benjamin com *Paris, Capital do Século XIX* em que ele fala sobre a modificação dos espaços públicos para espaços privados. As pessoas deixam de caminhar nos espaços públicos da cidade para caminhar nas galerias e nos shoppings em busca de segurança. O sujeito vai caminhar procurando restringir seus olhares para aquilo que lhes interessa, o consumo, os aliados, e não para os que estão de fora desse novo plano moderno.

Os shoppings que temos hoje são a versão modernizada das galerias de que Benjamin fala. Utilizando de algumas características arquitetônicas como os vitrais das igrejas, temos as vitrines do interior das galerias, que corroboram para que os sujeitos mantenham os olhos nelas, sem perceber o tempo que passam e perdem nesses espaços. Surge um novo estilo de templo, o templo do consumo (Paim, Guimarães, 2012). Como afirma Alison Paim e Maria de Fátima Guimarães ao analisar como Benjamin entende os espaços públicos e privados, é a

busca por uma singularidade dos espaços privados em troca de um “conforto, tranquilidade e segurança”. É importante a reflexão de Benjamin pois sabemos que os shoppings são abertos para a comunidade, mas que não são receptivos a um certo tipo específico de público. Essa relação foi sendo discutida ao voltarmos a falar sobre os grupos marginalizados e como em sua grande maioria são pessoas negras. E esse mesmo grupo ao frequentar um shopping sofre com perseguições inexplicáveis motivadas apenas pelo preconceito. Destaca-se também o shopping como um lugar de produção de fantasmagorias e da perda da percepção temporal e espacial.

O historiador-professor Fábio Vedovato (2021, p. 50), em diálogo com Benjamin, ajudou a compreender o que diz a professora Luany.

nos encontramos vivendo com várias mazelas, como a exclusão social em virtude das transformações de toda órbita em nome do progresso e práticas mercantis. Muitas vezes para a construção de grandes espaços comerciais, restringimos os locais de convivência coletiva, a mercadoria em exposição cria em nós uma imagem ilusória da realidade e dessa forma o homem de nosso tempo, vai assumindo as características de sujeitos que vagam pela cidade como seres invisíveis em um espaço criado para a contemplação de mercadorias ou em patrimônios culturais criados para contar histórias únicas ou serem consumidos como um produto mercantil. (2021, p. 50)

Foi interessante percebermos que enquanto os grupos marginalizados, como as crianças e adultos de bairros periféricos, são os que ainda utilizam — mesmo que em minoria — os espaços públicos da cidade, eles não são bem recebidos em outros espaços elitizados. Tornando privados os espaços públicos e seguindo a lógica de uma reorganização, higienização das cidades que nas entrelinhas visa a jogada para escanteio daqueles que não são bem-vindos. Dos que não transparecem o que a cidade moderna deve parecer.

Ao falarmos de espaço, pensamos em público e se existe alguém que ainda permanece nesses espaços e então conversamos a respeito dos moradores de rua e os grupos marginalizados, do preconceito e estigma que criam um medo de ocupar o mesmo espaço que esses grupos, pois há várias pessoas pedindo dinheiro ou um constante medo de sofrer alguma violência. Voltei à ideia do shopping, e como por mais que eles sejam públicos, sabemos que se você não se veste de acordo com a norma padrão ou tem uma cor específica, esse espaço pode não ser receptivo a você. Falamos da questão de segurança e que isso faz com que o público se sinta seguro ao contrário das praças, que não demonstram tanta segurança. Mas ao olharmos o outro lado da moeda, sabemos que os seguranças estão nos shoppings para evitar certos tipos de pessoas, e isso prova-se com a perseguição do olhar àqueles fora do padrão

social. Mas quem produz esses padrões sociais? Eles estão a serviço de quem? É possível viver a contrapelo de regras sociais?

A mônada compartilhada pelo professor Wesley nos leva a entender sua concepção sobre o espaço em que vive, com todas as problemáticas que os envolvem, mas ainda assim é o lugar que lhe pertence.

UMA OUTRA PROMISSÃO

Gosto de Promissão. É difícil não gostar do lugar onde você viveu a vida inteira. Não sei se esse gostar é legítimo por nunca ter conhecido outros lugares, ou se realmente gosto daqui. Essa dúvida fica mais evidente quando penso sobre a minha história em Promissão. A minha história também é a história de Promissão.

Sinceramente, tenho tantas críticas sobre essa cidade. Uma política centralizada nos interesses da classe média local é notória quando olhamos para a questão cultural. A cidade proporciona cultura apenas para uma parcela da população, em locais restritos e às vezes de difícil acesso. Isso é reflexo do imaginário da cidade sobre os bairros periféricos. Quem vem de onde eu venho entende isso, sabe como as coisas funcionam, mas não tem voz ou não sabe como expressar com palavras. No entanto, sabem expressar de outras formas, como através da cultura. Mas, aqui, a cultura é negada. Apesar de gostar da cidade, sinto ódio quando penso sobre meu passado em Promissão. Apesar de ser uma cidade pequena, não estamos livres da violência institucionalizada e legitimada pelo estado, da opressão da polícia. Apenas quem mora nas periferias da cidade vai entender.

Parece que vivemos em outra Promissão, uma Promissão pré-esquecida. Não totalmente, pois é necessário simular uma certa preocupação, fazer um pouco menos do que o mínimo, para que os esquecidos se sintam um pouco lembrados. Mesmo entendendo que tudo não passa de uma ilusão, carregada de interesses, para quem não tem nada, menos que o mínimo se torna mais que o máximo. Quem já tem tudo dificilmente vai entender o que estou falando.

Professor Wesley

Na mônada do professor Wesley, conseguimos perceber que a experiência vivida é o que o faz estabelecer uma relação com a cidade de Promissão. E por isso essa relação se altera entre gostar e odiar a cidade por tudo que ela representa em sua vida. O professor narra que seu bairro é periférico e alvo de muito preconceito e estigma pela comunidade de Promissão, que afirma ser um bairro perigoso. O professor destaca como o centro da cidade acaba sendo mais perigoso que o bairro, pois lá todos se conhecem e se respeitam e o centro acaba sendo perigoso para as pessoas de seu bairro. Ele, um homem negro, afirma sentir mais medo da polícia do que das próprias pessoas do bairro. Além disso, ele conta sobre a falta de oportunidades e projetos culturais municipais nos bairros para afastar os jovens do índice de criminalidade e até mesmo proporcionar que os jovens descubram novas áreas de afinidade que possibilitem proporcionar melhores oportunidades de vida. Ainda narra sobre a reforma de uma quadra poliesportiva em seu bairro, que vive trancada e nunca é utilizada. A prefeitura

justifica que estão impedindo que depredem o espaço. No entanto, antes da reforma, a quadra ficava aberta para o uso coletivo, e toda comunidade cuidava do local sem nenhuma violência.

Falamos sobre a falta de espaços próprios para atividades que estão em falta e isso corrobora para muitas questões em torno da comunidade. Além da quadra trancada, temos a retirada da Escola da Família, um projeto estadual que acontecia nas escolas aos finais de semana e que desenvolvia diversas oficinas e práticas para os jovens terem atividades nesse tempo de ociosidade e não ficarem nas ruas. Essa falta de espaços também é uma consequência da modernidade capitalista, pois cada vez mais o público fica recluso nas suas residências, vivendo as alienações que o impedem de exercitar o senso crítico. Sobre esses projetos e espaços que propiciem atividades para a comunidade, a professora Luany rememora:

FALTA DE IDENTIDADE COM A CIDADE

Relembramos que as praças tinham a finalidade de comércio, atrações da cidade (apresentações no Coreto da Praça 1º de Maio) e que hoje é substituída pelos shoppings de Araçatuba e Penápolis. É lamentável vivenciar a perda da infância e da juventude por tecnologias atuais, estamos colhendo os frutos desses hábitos tecnológicos: uma sociedade fraca emocional e fisicamente, antipática e nada solidária, onde não sabem o que é perder o tampão do dedo jogando bola, nunca brincaram na praça da cidade, não tiveram a oportunidade de ir no Programa Escola da Família aos finais de semana, competição de pipa no ginásio de esporte perto do bairro Morumbi...

Os únicos espaços públicos que as crianças e jovens ainda utilizam são as escolas. Os trailers alimentícios se localizam nas praças. Eu frequento aos domingos de manhã a Praça 9 de Julho por causa das feiras livres tradicionais de hortifrúteis.

A falta de identidade e de pertencimento com a cidade é tamanha, que o desfile de 7 de Setembro, que era atração da cidade, hoje em dia nem dando um ponto para os alunos eles querem desfilar.

Neste 4º Retalho discutimos vários pontos de vista, desde os impactos urbanos, culturais, econômicos e sociais. Eu não defendo o fim do capitalismo, apesar de reconhecer que necessitamos urgentemente de uma educação ambiental. Acredito que os embates não são só econômicos, mas também sociais, pois enquanto houver mazelas políticas e uma cultura desenfreada de ter vários filhos, somada a falta de estrutura e de planejamento familiar acredito que esse cenário não vai mudar.

Professora Luany

Como professores, compreendemos os impactos das tecnologias na vida dos estudantes e de toda comunidade. Entendemos os prós e os contras que o uso ininterrupto dos celulares e computadores acarreta, principalmente na educação e vida social dos estudantes. Muitos deixam de viver as experiências canônicas da vida para ficarem vivendo o mundo virtual. Isso não é uma crítica à tecnologia, mas sim um outro olhar que está ampliando a concepção das experiências vividas. Cada vez menos temos experiências para serem compartilhadas, e isso era algo previsto por Benjamin ao falar sobre a modernidade capitalista. Além da diminuição da experiência, temos o declínio das narrativas por não termos espaços

de escuta e fala, salvaguardando se for contado por meio das redes sociais. Os espaços públicos da cidade que antes eram cheios de vida de todas as idades agora ficam vazios porque a população tem aderido cada vez mais ao seu espaço privado.

Ao dialogarmos sobre essa dimensão no encontro, chegamos à conclusão de que, ao ficar em casa, a população fica em massa nas redes sociais, onde alguns espaços são públicos, porém virtuais. As pessoas vão deixando de compartilhar a vida presencialmente para compartilhar a vida de modo virtual, tendo uma ilusão de que estão vivendo em seu espaço privado, mas com centenas de pessoas observando o que está fazendo. Ainda sobre os espaços, a professora Luany diz na mônada sobre os shoppings que também substituíram os espaços públicos da cidade. Ao debater com os professores, refletimos como os shoppings são lugares teoricamente públicos, mas que na realidade só recebe bem um certo estereótipo de pessoas. Há diversos relatos de pessoas negras que foram perseguidas em shoppings simplesmente por estarem frequentando aquele local. Um tipo de vestimenta, de andar, de ser, pode te fazer não ser bem recebido nesses locais “públicos”.

A professora Luany ainda narra sobre a perda do pertencimento, da identidade promissense que vai sendo esquecida a partir do momento que não mais vivemos a cidade de Promissão.

Durante o encontro percebemos como, no passado, a cidade de Promissão tinha seus espaços usufruídos pela população. Frequentavam as praças e eventos e estabeleciam uma relação diferente com a que é vivida na atualidade, como o professor Alexandre fala em sua mônada.

INFÂNCIA EM PROMISSÃO

Minha infância em Promissão, SP, foi marcada por dias ensolarados e tardes preguiçosas e muitos finais de semanas passados nas praças da cidade [...] Nas tardes quentes de verão, as praças se enchiam de vida. Famílias inteiras se espalhavam pelos bancos, enquanto as crianças corriam e brincavam livremente. O cheiro irresistível de pipoca fresca pairava no ar, enquanto os trailers de lanche vendiam seus quitutes deliciosos. Jovens paqueravam timidamente ao redor do coreto, criando memórias que durariam uma vida inteira.

No entanto, ao olhar para as praças hoje em dia, não consigo deixar de sentir um aperto no coração. O que antes era um centro vibrante de atividade social agora parece vazio e desolado. Os trailers de lanche ocupam o espaço que antes era utilizado para encontros e conversas, e poucas pessoas se aventuram por ali.

Em vez de risadas e conversas animadas, o que se ouve são os gritos ocasionais de pessoas em situação de vulnerabilidade, pedindo trocados para alimentar seus vícios. É uma cena desoladora, que contrasta fortemente com as memórias felizes da minha infância. Onde antes havia comunidade e conexão, agora há isolamento e desespero. É doloroso testemunhar essa transformação nas praças de Promissão. É como se uma parte da alma da cidade tivesse sido perdida ao longo dos anos. Mas apesar das mudanças, ainda guardo com carinho as lembranças dos dias felizes que passei nessas praças, e espero que um dia elas possam recuperar sua antiga glória e voltar a ser o ponto de encontro vibrante que um dia foram.

Professor Alexandre

As discussões a respeito dos espaços pensados a partir da música *Memória* nos fizeram estabelecer reflexões sobre os grupos sociais existentes na cidade de Promissão. No trecho “Houve um dia aqui uma praça, uma rua, uma esquina, um país, houve crianças e jovens e homens e velhos, um povo feliz.” que finaliza a música de Gonzaguinha, encaramos como se hoje não houvesse mais esses lugares, mas não em um sentido de demolição e ruínas, mas como se hoje ninguém pudesse perceber esses lugares.

Os lugares passaram a ser ocupados por grupos em situação de vulnerabilidade, como diz a mônada da professora Eliane.

INVISÍVEIS DA SOCIEDADE

Fazendo meu percurso de carro para o trabalho o que me chama atenção em minha cidade é a Praça João XXIII no centro, que a cada dia vem atraindo novos moradores de rua que ficam ali o dia todo.

Esse público muitas vezes é xingado de vagabundo, mendigo, sujo, indigente, desocupado.

Esses são apenas alguns estereótipos pelos quais diversos cidadãos que vivem nas ruas passam diariamente. Tais condições desses moradores são o retrato da miséria social que se apresenta no poder público, onde morar na rua é o reflexo visível desse agravamento e da falta de políticas públicas que garantem a esses cidadãos condições mínimas de sobrevivência.

Os moradores de rua, na grande maioria das ocasiões, encontram-se invisíveis para a sociedade, uma vez que são marginalizados, rejeitados e julgados. Nesse ínterim, as pessoas que moram embaixo de viadutos e em outros locais inóspitos sofrem demasiada exclusão social.

Haja vista são mal recepcionadas em hospitais, restaurantes, praças, por causa da presença do preconceito já que são, em sua maioria, uma população negra.

Em uma sociedade cada vez mais capitalista e desumana, há a ausência da preocupação com o próximo e de políticas públicas.

Professora Eliane

Os julgamentos com os grupos que ocupam o espaço da cidade de Promissão são altíssimos, e os cuidados com eles são quase inexistentes. Durante as tessituras do 4º Retalho, fomos percebendo que a falta e o fechamento de projetos que envolvam a comunidade nos espaços da cidade também dificultam que seja estabelecida uma nova relação com a cidade de Promissão. Além também de reforçar uma exclusão dos grupos vulneráveis que ocupam esses espaços públicos, sem nenhuma oferta de auxílio a eles.

Fomos delineando as linhas traçadas e percebendo que lado a lado ao caos da modernidade capitalista também está o apagamento de grupos marginalizados e o não interesse em restaurar os espaços da cidade de Promissão, buscando trazer novamente atividade e projetos que possibilitam a comunidade estar nesses espaços públicos.

2.1.5 Retalho 5: “O Pedaco Não Visto”

No quinto encontro falamos sobre a invisibilidades de grupos e espaços públicos que não estão no entorno central da cidade de Promissão e por isso não são lembrados ou vistos. Quais são os grupos sociais e os espaços? Como conseguimos estabelecer uma relação com eles?

Figura 6 - Convite do 5º encontro

No “Quarto de Despejo” escrito pela Carolina Maria de Jesus e na mônada “Anjo de Natal” de Walter Benjamin, podemos ver como a modernidade capitalista marginalizou e segregou grupos da sociedade. Pensando nisso, gostaria que você, professor(a), refletisse sobre quem são esses grupos marginalizados da cidade? Para nosso próximo encontro, peço que fotografem os espaços e grupos sociais que vocês percebem que estão à margem da sociedade de Promissão. Com base nessas fotografias montaremos um mosaico para entendermos quem são esses sujeitos e onde estão esses lugares na cidade que não aparecem ao contarmos sobre a história oficial de Promissão.

Produza uma narrativa explicando a escolha do que fotografaram e tragam para nosso encontro.

Abraço grande! Emily Monteiro

Fonte: De autoria própria

No convite para o 5º Retalho compartilhamos dois fragmentos: o primeiro de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, dos dias 30 de outubro, 25 de dezembro e 27 de dezembro de 1955, publicados em 1992; o segundo a mônada Um Anjo de Natal, de Walter Benjamin, publicado em 1987, que compõem o livro *Rua de Mão Única*. Ambos os textos buscam falar sobre os espaços frequentados pelos públicos que a sociedade não quer enxergar e a percepção sobre esses públicos.

1º Fragmento: Quarto de Despejo - diário de uma favelada 30 de Outubro de 1955

...Saí com a Vera. Notei anormalidade porque a Polícia está nas ruas. Fui conversar com um servidor municipal. Ele queixou-se que pagou 5 cruzeiros de ônibus. Eu segui. Olhando os paulistas circular pelas ruas com a fisionomia triste. Não vi ninguém sorrir. Hoje pode denominar-se o dia da tristeza. Eu comecei fazer as contas quando levar os filhos na cidade quanto eu vou gastar de bonde. 3 filhos e eu, 24 cruzeiros ida e Volta. Pensei no arroz a 30 o quilo. Uma senhora chamou-me para dar-me papéis. Disse-lhe que devido o aumento da condução a polícia estava nas ruas. Ela ficou triste. Percebi que a notícia do aumento entristece todos. Ela disse-me: —

Eles gastam nas eleições e depois aumentam qualquer coisa. O Auro [35] perdeu, aumentou a carne. O Adhemar perdeu, aumentou as passagens. Um pouquinho de cada um, eles vão recuperando o que gastam. Quem paga as despesas das eleições é o povo!

25 de Dezembro de 1955

...O João entrou dizendo que estava com dor de barriga. Percebi que foi por ele ter comido melancia deturpada. Hoje jogaram um caminhão de melancia perto do rio. Não sei porque é que estes comerciantes inconscientes vêm jogar seus produtos deteriorados aqui perto da favela, para as crianças ver e comer. ...Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome! Naquela época, os que não queriam morrer deixavam de amar a Cristo. Mas nós não podemos deixar de comer.

27 de Dezembro de 1955

...Eu cansei de escrever, adormeci. Despertei com uma voz chamando Dona Maria. Fiquei quieta, porque não sou Maria. A voz dizia: —Ela disse que mora no número 9. Levantei de mau humor e fui atender. Era o senhor Dario. Um senhor que eu fiquei conhecendo na eleição. Eu mandei o senhor Dario entrar. Mas fiquei com vergonha. O vaso noturno estava cheio. ...O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada.

2º Fragmento - Um Anjo de Natal

Tudo começava com os pinheiros. Ao saímos para a escola certa manhã, surgiram grudados nas esquinas os lacres verdes que pareciam fixar a cidade em centenas de pontos, como se fosse um enorme presente de Natal. Não obstante, um belo dia a cidade rompia esse invólucro, e de suas entranhas brotavam brinquedos, nozes, palha e adornos para a árvore: o mercado do Natal. Mas com ele surgia também outra coisa: a pobreza. Pois assim como maçãs e nozes podiam se exibir no prato natalino, com um pouco de ouropel, ao lado do maçapão, também os pobres apareciam com lantejoulas e vela coloridas nos melhores bairros. E os ricos mandavam os filhos à frente para comprar dos filhos dos pobres as ovelhinhas de lã ou para distribuir esmolas que, por vergonha, não davam pelas próprias mãos. Entrementes, já estava instalada na varanda a árvore que minha mãe comprara em segredo e que fizera trazer para dentro de casa pela escada dos fundos. [...]. Estava esperando no quarto soar as seis horas. [...] Já estava escuro; apesar disso, não acendi a lâmpada para não desviar o olhar das janelas que davam para o pátio, atrás das quais se viam agora as primeiras velas. De todos os momentos da existência da árvore de Natal, aquele era o de maior ansiedade, momento em que sacrifica à escuridão agulhas e ramos para não ser nada além de uma constelação inacessível e, no entanto, bem próxima, atrás da janela embaçada de uma moradia dos fundos. Porém, como aquela constelação por vezes agraciava uma das janelas abandonadas, enquanto muitas permaneciam escuras, e outras, ainda mais tristonhas, se atrofiavam à luz de gás da noite emergente, parecia-me que essas janelas natalinas continham em si a solidão, a velhice e a indigência – tudo aquilo que os pobres calam. Então de novo me veio à lembrança a distribuição de presentes organizada por meus pais; porém, mal me desviara da janela com o coração aflito, como só o faz a proximidade de uma alegria certa, senti uma presença estranha no quarto. Não era nada além de uma aragem, de modo que as palavras que se formaram em meus lábios foram como as pregas que um velame inerte lança subitamente à brisa fresca: “O Menino Deus volta todos os anos/ À terra onde vivemos nós, humanos”. Com tais palavras se volatizou também o anjo que nelas começara a tomar forma. Porém, não fiquei mais tempo naquele quarto vazio. Chamaram-me para o aposento defronte, no qual a árvore entrara gloriosa, o que dela me alienou até que, desprovida de seu suporte, terminou a festa enterrada na neve ou reluzente sob a chuva, lá onde um realejo a tinha iniciado. (Benjamin, 1995, p. 200).

O encontro aconteceu no dia 24 de fevereiro, às 9 da manhã no Parque Yassunaga, mais conhecido pelos moradores como Parque do Japonês. Esse local foi escolhido pelos

próprios professores, por acreditarem que falando de espaços não visitados, esse era um ótimo local de exemplo. Esse parque se localiza na Via de Acesso Shuhei Uetsuka, distante da parte urbana do município. Representando os imigrantes japoneses que chegaram à cidade, inclusive sendo chamado de “berço da imigração japonesa”, o parque anualmente realiza um festival voltado para essa imigração. O local tem brinquedos fixos em ferros, um campo em chão de terra e alguns locais cobertos para realização de eventos. Também tem o monumento, em pedra, homenagem ao Shuhei Uetsuka, que lá está enterrado. Esse monumento despertava a atenção das crianças que frequentavam.

Lembro-me de quando minha mãe levava meus amigos e eu para fazer piquenique nesse parque. Era sempre muito divertido aproveitar aquele grandioso espaço com grandes árvores e brinquedos, tendo contato com a natureza. Quando cheguei para o encontro, essas lembranças me tomaram com força, pois eram latentes as brincadeiras entre os amigos e com a própria natureza, o que dificilmente acontece hoje em dia com as crianças que passam a maior parte do dia em frente a celulares ou computadores dentro de suas residências. Quando chegamos, achei que o parque estaria descuidado, com mato alto e brinquedos quebrados, no entanto, encontramos um parque inteiro e cuidado sem ninguém para aproveitá-lo.

Vimos que a pista de corrida já não tem mais formato de pista e a grama está crescendo em grande parte da terra batida — talvez resultado das chuvas — e vimos ainda que a grandiosa árvore fica perto da pista de corrida, e ficamos algum tempo tentando desvendar o nome dela. A professora Eliane diz que quando leva os alunos para pesquisa de campo na área da geografia, essa árvore, com seus grandes cipós, se torna o próprio balanço.

Fotografia 5 - “Parque do Japonês”



Fonte: De autoria própria

Fotografia 6 – “Parque do Japonês”

Fonte: De autoria própria

Fotografia 7 - “5º Retalho”

Fonte: De autoria própria

Iniciamos o encontro percebendo as nuances que esse lugar apresenta e como sua utilização acaba ficando restrita ao período de celebração da imigração japonesa. Nessa época, várias atividades acontecem nesse campinho e é quando esse espaço recebe a comunidade de Promissão que ainda segue a tradição de participar das brincadeiras do evento, como os pais que foram com seus pais e agora levam seus filhos.

Perguntei para os professores como tinha sido registrar as fotografias solicitadas no convite e o que eles sentiram ao pensar nesses espaços e públicos, a partir dos fragmentos

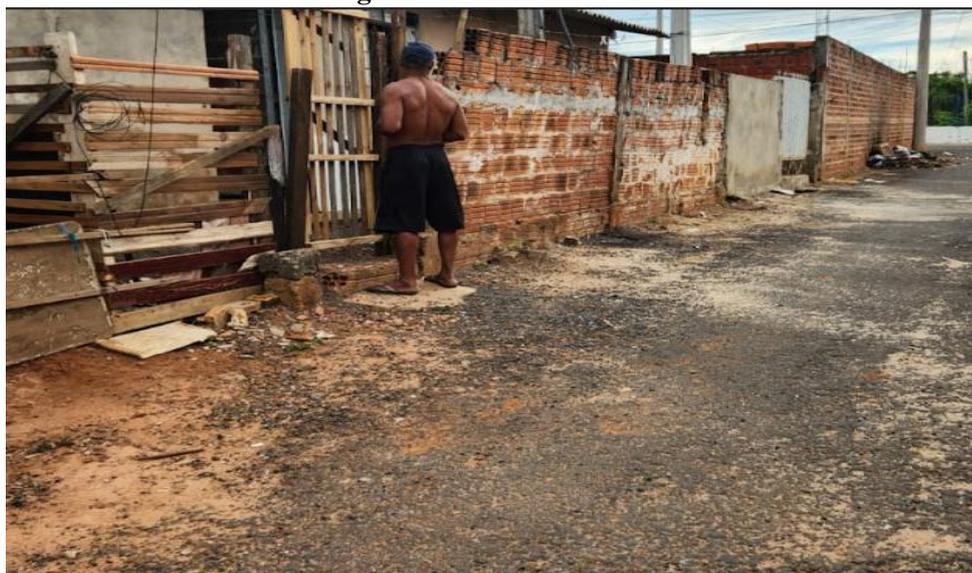
entregues. O professor Wesley fez registros sobre seu bairro, Jardim São João, mais conhecido como Vila São João. Esse bairro já foi comentado em alguns outros encontros por ser um bairro periférico e marginalizado da cidade de Promissão. Ele registrou as ruas que ainda não são asfaltadas e os esgotos “boca de lobo” a céu aberto, que ficam entre as brincadeiras das crianças da região. E foi interessante perceber como os outros professores, que não são desse bairro, não sabiam das condições em que ele se encontrava, pois ninguém visita esse bairro e não existe nenhuma atividade que aconteça por ali que atraia a população. Wesley comenta como ninguém vê as condições do bairro e que os moradores pensam que viver daquela maneira é algo merecido pelo seu esforço não ter sido o suficiente para sair dali. Como se melhorar de vida fosse equivalente a não pertencer mais ao bairro, em vez de tentarem melhorar o próprio bairro.

Fotografia 8 - “Vila São João 1”



Fonte: professor Wesley, 2024

Fotografia 9 - “Vila São João 2”



Fonte: professor Wesley, 2024

Wesley ainda fala sobre a desunião entre a comunidade do bairro registrado, que já está acostumada a não ser vista pelas autoridades e não pensa em unirem-se para exigir melhorias pois cada um está focado na sua própria vida. Enquanto registrava as imagens, Wesley disse que encontrou alguns colegas de infância que o admiravam por seguir a carreira de professor, uma forma de seguir um caminho diferente do que é “pré-determinado”. Emocionou-se ao falar da raiva e do ódio que sentiu ao pensar nas vivências da comunidade do bairro, nas crianças que são seus alunos brincando perto do esgoto, enquanto a quadra construída pela prefeitura ficava trancada.

Na mônada “Na imagem ideal não tem preto nem pobre”, podemos enxergar os sentimentos do professor Wesley.

NA IMAGEM IDEAL NÃO TEM PRETO NEM POBRE

As fotos sempre vão falar por si só. É evidente em Promissão, como em tantos lugares, que os mesmos rostos dos esquecidos são sempre semelhantes. Não é uma coincidência.

Essas pessoas contribuíram tanto quanto os lembrados, senão mais, para construir esta cidade. Contudo, é revoltante testemunhar como são jogadas à margem da sociedade, sendo negligenciadas. O esquecimento desses grupos é também político. Esquecimento que pode ser lido como apagamento; é deixar morrer. Quando se fecha os olhos e nada se faz, já estão fazendo. Isso parece um paradoxo, mas não é. As fotos revelam o abandono de pessoas e espaços que são inúteis para uma cidade formada por uma classe média branca e parasitária. Em uma cidade ideal, não há preto nem pobre. Então segregam esses grupos, mas uma segregação legitimada, uma segregação de oportunidades, para evitar a chegada, roubando todo o tempo e a vida desses grupos. Se tempo é dinheiro, a gente tá muito atrasado.

Professor Wesley

O professor Wesley narra sensivelmente como o bairro em que mora é realmente visto como um quarto de despejo, é o lugar em que nem gostamos de entrar para não encarar a bagunça. Da mesma forma que Carolina Maria de Jesus recebe as visitas dos políticos apenas em época de eleição com promessas que nunca são cumpridas, a Vila São João também tem essa característica. Os próprios vereadores que deveriam estar exigindo melhorias se satisfazem em apenas receber seu salário e esquecer o que acontece na realidade daquela comunidade.

O professor Alexandre, também registrou sobre o lugar em que mora. Ele fotografou a condição de sua rua, em Santa Maria do Gurupá, distrito de Promissão que há muitos anos era o berço dos prefeitos que, quando subiam ao cargo, não olhavam para sua própria base. Ele comentou que em grande parte do distrito o esgoto é feito em fossas, e a cada determinado período a prefeitura manda um caminhão para esvaziar as fossas.

Fotografia 10 – “Santa Maria do Gurupá”



Fonte: professor Alexandre, 2024

Fotografia 11 – “Santa Maria do Gurupá”



Fonte: professor Alexandre, 2024

Pensamos em como o próprio Gurupá é esquecido quando pensamos em Promissão. Nunca é lembrado para possíveis melhorias. Mesmo sendo uma região majoritariamente rural, não se tem grande investimento e as pessoas da região sempre precisam se deslocar para a região urbana de Promissão caso queiram ir ao supermercado ou ao hospital. Podemos associar a imagem do rural e do urbano, e como essas regiões são esquecidas pela comunidade. Em sua mônada, “Um lugar esquecido”, Alexandre escancara as sensibilidades de ser o sujeito das fotografias que trouxe.

UM LUGAR ESQUECIDO

Distante do perímetro urbano, entre a poeira que dança ao sabor do vento e os murmúrios dos moradores resignados, encontra-se o Distrito de Santa Maria do Gurupá. Distante da parte urbana de Promissão SP, separada por terras que produzem o combustível e o açúcar que nos adoça, como se fosse um mundo à parte, isolado da agitação da cidade.

As ruas, ásperas e irregulares, parecem desafiar os pneus dos carros e as pernas dos pedestres, que precisam se equilibrar entre os buracos que mais se assemelham a crateras lunares. Não há pavimentação que resista ao abandono e à negligência das autoridades, transformando o simples ato de caminhar em uma jornada de obstáculos.

A ausência de rede de esgotos é uma marca indelével do bairro, onde fossas improvisadas se acumulam em frente às casas, exalando odores nauseabundos e representando um risco constante à saúde dos residentes. É como se o esgoto, literalmente, jorrasse pelas ruas, deixando uma trilha de descaso por onde passa.

E quando se aproxima o período eleitoral, os políticos emergem do anonimato, como se fossem figuras míticas que só habitam aquele cenário durante as promessas de campanha. Promessas vazias ecoam pelas ruas empoeiradas, enquanto os

moradores, caledados pela desilusão, assistem ao espetáculo político com um misto de desconfiança e resignação.

No entanto, apesar de todas as adversidades, o bairro guarda em seu âmago uma comunidade resiliente, que se apoia mutuamente e encontra nas pequenas alegrias do dia a dia a força para seguir em frente. Entre as ruas esburacadas e as promessas não cumpridas, há uma essência de solidariedade que floresce, mostrando que, mesmo nas condições mais adversas, a esperança ainda encontra um lugar para brotar.

Professor Alexandre

Ao narrar a falta da rede de esgoto, é possível para nós nos relacionarmos com a situação vivida por Carolina Maria de Jesus na favela, onde também não havia esgotos ou melhorias sanitárias. A visita dos políticos apenas em ano eleitoral também é uma característica comum dos lugares abastados de atenção. As mil promessas feitas que não serão atendidas, mas esquecidas, por mais quatro anos. A impotência de se tomar consciência das condições em que vivemos e de que a melhora não depende do indivíduo regeu as discussões do encontro.

A professora Eliane fez uma narrativa interessante sobre como, no trajeto de trabalho até sua casa, não enfrenta nenhuma situação parecida com a dos outros professores. Como sua residência fica em um bairro mais elitizado, as demandas são atendidas, diferenciando-se das regiões dos professores Wesley e Alexandre. Ao registrar sua fotografia buscou trazer um grupo que passa por nós e não é visto. Isso não significa que eles não existam, mas que são invisibilizados pelas pessoas que os rondam. Enquanto não recebem ao menos cumprimentos cordiais, respeito ou demandas atendidas pelos órgãos municipais.

Fotografia 12 – “Os visíveis da cidade”



Fonte: professora Eliane, 2024

Essa fotografia faz um paralelo com as condições em que Carolina Maria de Jesus relata em seu diário. As pessoas estão tão atreladas em suas movimentações do cotidiano que não se deixam ser impactadas pelo que está a seu redor, os grupos que não são vistos pela comunidade de Promissão, que já está acostumada a balizar e pensar sobre eles. Se tornou algo normal e nada impactante encontrar moradores de rua dormindo nas praças ou pessoas pedindo dinheiro. Na mônada da professora Eliane, conseguimos acompanhar sua reflexão a respeito da falta de interesse municipal em ajudar essa população.

ELES ESTÃO ALI, A GENTE É QUE NÃO VÊ

Andando pela cidade de Promissão, observo que vem aumentando a população em situação de rua, o que me deixa triste e preocupada. A questão social dos moradores de rua representa atualmente um desafio a ser enfrentado de forma mais organizada pela sociedade brasileira. Isso se evidencia não só pelas condições desumanas em que esses indivíduos sobrevivem, mas também pelo aumento expressivo desta população nos últimos anos.

Pessoas que habitam em locais públicos vivem marginalizadas em situação de exclusão social e extrema pobreza. Visto que se tornam invisíveis aos olhos da sociedade e do poder público, que é ineficaz na elaboração de políticas que amenizem o problema. Um exemplo, claro, são os abrigos e albergues, por vezes insuficientes para a alta demanda principalmente em épocas mais frias. Nesse sentido, tal problemática está em expansão, haja vista os altíssimos índices de desemprego no país, onde por falta de condições financeiras alguns se veem obrigados a deixar seus lares. É dever do Estado proteger e expandir direitos a todos cidadãos. Dessa forma, para modificar esse cenário é preciso que os governantes de cada município elaborem um projeto social que assegure mais do que abrigos e ofereça cursos de qualificação, possibilitando às pessoas em situação de rua retornarem ao mercado de trabalho. As empresas do setor privado, por sua vez, em parceria com o poder público municipal, poderiam disponibilizar oportunidades de emprego aos que concluírem a formação e estiverem aptos ao exercício da função, contribuindo assim para a reinserção do indivíduo na sociedade.

Professora Eliane

As falas proferidas no diário de Carolina Maria de Jesus explicitam como alguns lugares são vistos como “quarto de despejo”. Mas não só esses lugares são importantes de serem pensados, como as pessoas que estão nele ou são designadas a eles. Percebemos que nosso olhar deve estar acima quando estamos passando por esses grupos e espaços, devemos encarar as atrocidades para que não passe despercebido, para que nos toque como uma experiência que exige uma ação e não apenas uma passividade.

Seguindo por esse caminho, a professora Luany fotografou dois registros que, na sua percepção, eram espaços e grupos marginalizados na nossa sociedade. Novamente, resalto que esses grupos podem ou não identificar essa ausência de políticas ou atenção para suas condições, mas para o indivíduo que estava registrando, no caso, a professora Luany, chamou a atenção o descaso com esses grupos e lugares.

Fotografia 13 – “Os visíveis da cidade”



Fonte: professora Luany, 2024

Fotografia 14 – “Lugares escondidos”



Fonte: professora Luany, 2024

A Fotografia 14 é à última estação de trem construída para a cidade de Promissão, em 1935. Já a fotografia 13 é sobre a praça Praça João XXIII que é frequentada por muitos moradores em situação de rua que se estabelecem por ali. Essa praça, inclusive, recebe poucas pessoas e durante o encontro os professores relataram o receio de frequentar, mas serem abordados por esses grupos. Percebemos aqui a escolha em ignorar a presença e até mesmo desviar do caminho para assim não ter esses grupos fazendo parte do cotidiano. Na mônada “São os lugares escondidos que dão profundidade”, a professora Luany traz memórias sensíveis.

SÃO OS LUGARES ESCONDIDOS QUE DÃO PROFUNDIDADE

Em meio às ruas movimentadas de Promissão, uma cidade do interior de São Paulo, existem espaços não vistos que guardam segredos e histórias que poucos conhecem. Entre os campos verdejantes e as margens serenas do Rio Tietê, Promissão reserva lugares que escapam ao olhar casual do dia a dia.

Um desses lugares é a antiga estação de trem, com suas paredes de tijolos gastas pelo tempo e pela história. Nas sombras das vigas de madeira, murmuram os ecos dos dias em que o comércio era a vida pulsante da cidade. Hoje, construções antigas como a estação de trem, prédios antigos, praças permanecem em silêncio, como um guardião solitário das memórias de um passado que se desvanece lentamente.

Os espaços não vistos de Promissão são como capítulos escondidos em um livro aberto apenas para aqueles que se aventuram além das ruas principais e dos pontos conhecidos. Entre os bastidores da cidade, onde a vida cotidiana se desenrola em seu ritmo próprio, existem histórias e lugares que muitas vezes passam despercebidos.

É nos espaços não vistos que reside a verdadeira essência de uma comunidade, pulsando com vida e história. Dois desses espaços são a Praça 9 de Julho e o Antigo lanchódromo, que guardam em suas entranhas os segredos das transações comerciais e das conversas entre os vendedores locais. Entre as bancas de frutas coloridas e os corredores cheios de aromas, ecoam as vozes dos moradores, trocando histórias e receitas enquanto fazem suas compras diárias.

Nos bairros periféricos, onde as ruas se estreitam e as casas se amontoam umas sobre as outras, há uma vida pulsante que muitas vezes passa despercebida pelos visitantes ocasionais. São comunidades unidas pelo calor humano e pela solidariedade, onde os vizinhos se conhecem pelo nome e as crianças brincam livremente nas praças improvisadas.

E que dizer dos campos que se estendem além da área urbana, onde os agricultores trabalham arduamente sob o sol escaldante para cultivar a terra e garantir o sustento de suas famílias? São espaços de trabalho árduo e dedicação, onde a conexão com a natureza é tão profunda quanto as raízes que se entrelaçam no solo fértil.

Os espaços públicos não vistos me tocam ao refletir sobre o abandono da cidade tanto por parte dos governantes quanto pela população local; “quando que as praças deixaram de ser úteis?” ; “em que momento falhamos com a cidade?”; “quando falharam com o povo promissense?”; as desigualdades presentes nos bairros, falta de pavimentação, ausência de atratividade/lazer; muitos moradores de rua, pobreza, muitas crianças abandonadas, sem mencionar os usuários de drogas; não há projetos de restauração e manutenção de construções antigas da cidade.... Isso tudo me traz um sentimento de indignação misturado com o anseio de superar as inúmeras adversidades da cidade; me faz pensar na importância do nosso protagonismo para potencializar Promissão; me faz pensar quando perdemos as rédeas da nossa vida e da nossa cidade, quando que a família deixou de ser prioridade de cada ser humano, até que ponto é responsabilidade nossa e do município...

Assim, por trás da aparente simplicidade de Promissão, há uma riqueza de espaços não vistos, cada um com sua própria história e significado. São esses lugares escondidos que dão profundidade e autenticidade à cidade, transformando-a de um mero ponto no mapa em um lar para aqueles que conhecem seus segredos mais íntimos.

Professora Luany

Nesse encontro a lembrança foi o questionamento das condições de vida e uma forma de denúncia da sociedade em que vivemos. Percebemos que, ao registrar essas fotografias, escancaramos a indignação pela falta do olhar sensível com esses espaços e grupos e identificamos como o capitalismo fomentou a discussão sobre não prestarmos mais atenção ao outro. Percebemos como normalizamos o abandono dos grupos em vulnerabilidade social e dos espaços que mais precisam de atenção. Como professores que lutam e desejam

melhorias em suas condições, também fazemos parte dos grupos que não têm suas demandas atendidas.

Foi ressaltado o parâmetro racial de quem frequenta os espaços que estamos trazendo à tona e quem são essas pessoas, percebendo que a população negra em sua maioria é que está dentro no nosso recorte. Essa percepção tocou as sensibilidades de todos, mas o professor Wesley carrega a dor desse apagamento quando compartilhou “a gente se culpa pela nossa vulnerabilidade, mas na verdade não temos culpa nenhuma. Somos as vítimas dessas não políticas”.

Foi com essas memórias compartilhadas que percebi como a cidade toca os professores e como eles se sentem tocados com a invisibilidade de grupos que constituem os espaços públicos.

2.1.6 Retalho 6: “Os Pedacos Preenchidos”

O último retalho aconteceu no dia 02 de março de 2024, às 15 horas. Para esse encontro, que seria a última costura da pesquisa, nos encontramos na Igreja Cristo Rei do Gonzaga, localizada na estrada vicinal de acesso à Igreja Cristo Rei dos Vinte e Seis Mártires.

Figura 7 - Convite para o 6º Retalho

Convite para o 6º Retalho

Querido Professor(a), te convido para nosso último encontro que será realizado no dia 02 de março de 2024. Nele, vamos refletir sobre como esses lugares e grupos sociais retratados nas fotografias te tocam?

Escreva um narrativa refletindo sobre as imagens trazidas no último encontro e como elas te atravessam.

Grande abraço! Emily Monteiro

Fonte: De autoria própria

A igreja acaba sendo mais acessível para a população do Distrito Santa Maria do Gurupá, que pertence a Promissão. Foi escolha do professor Alexandre realizar esse encontro por lá, o que foi aceito por todos os demais participantes dos Retalhos, pois a igreja é um ponto turístico da cidade e por essa razão recebe muitos visitantes durante o dia.

Ao escolhermos o último lugar, percebemos nossa migração do centro para as áreas afastadas da cidade. Mesmo que a “Igreja do Gurupá”, como é chamada popularmente a Igreja Cristo Rei dos Vinte Seis Mártires, seja conhecida pela comunidade de Promissão, nem todos vão visitá-la. Eu mesma nunca havia conseguido visitar o local em 23 anos de vida. No primeiro retalho, a escolha do local dependeu de mim, mas em cada um dos outros cinco, os professores foram nos levando para os lugares que faziam sentido para eles.

Fotografia 15 - “6° Retalho”



Fonte: De autoria própria

Nesse encontro, tivemos nosso banquete que, desde o primeiro encontro, se fez presente para trazer um acolhimento aos professores. Sentamo-nos no ponto mais alto do lado de fora da Igreja — pois ela se encontrava fechada — e iniciamos as rodas de conversas.

Para isso, levei um tecido e uma caneta para que os professores pudessem escrever aquilo que eles conseguiram sentir no desenrolar dos cinco Retalhos. Várias palavras começaram a compor o que posteriormente formou o centro de nossa colcha de retalhos e, assim, conseguimos perceber os caminhos que as discussões tinham percorrido. Política, desigualdade, denúncia, crítica, foram algumas palavras que falamos muito no 5° encontro, quando tivemos as discussões a respeito da modernidade capitalista na interferência com a cidade de Promissão. Através das fotografias, percebemos que os espaços e grupos que não

são vistos pela comunidade de Promissão permanecem isentos de quaisquer atitudes políticas ou comunitárias. Ver esses espaços e pessoas abandonados se tornou algo tão corriqueiro que as preocupações passam ao seu redor e não te atingem.

Vimos as crianças brincando ao lado dos bueiros abertos da Vila São João enquanto a quadra construída para aquela comunidade segue trancada. Observamos os asfaltos desintegrados do Distrito Santa Maria do Gurupá e como as políticas não chegam até eles pela falta de eleitorado, de pessoas que irão certificar aquelas mudanças municipais. O Parque dos Patos, antes lugar de lazer, saúde, e hoje abandonado, sem ações ou melhorias atrativas à comunidade. Vimos os moradores de ruas, que dormem nas praças e pedem dinheiro e isso se normalizou na nossa sociedade a tal ponto que nada é feito para melhorar a situação, nenhum amparo ou acolhimento.

Percebemos com as fotografias, que os retalhos conseguiram acolher as memórias sensíveis dos professores. A inconformidade dos professores sobre os espaços da cidade que deveriam ser vistos, utilizados, repaginados para a comunidade de Promissão, somados aos grupos não vistos estavam sendo escancaradas nas fotografias registradas.

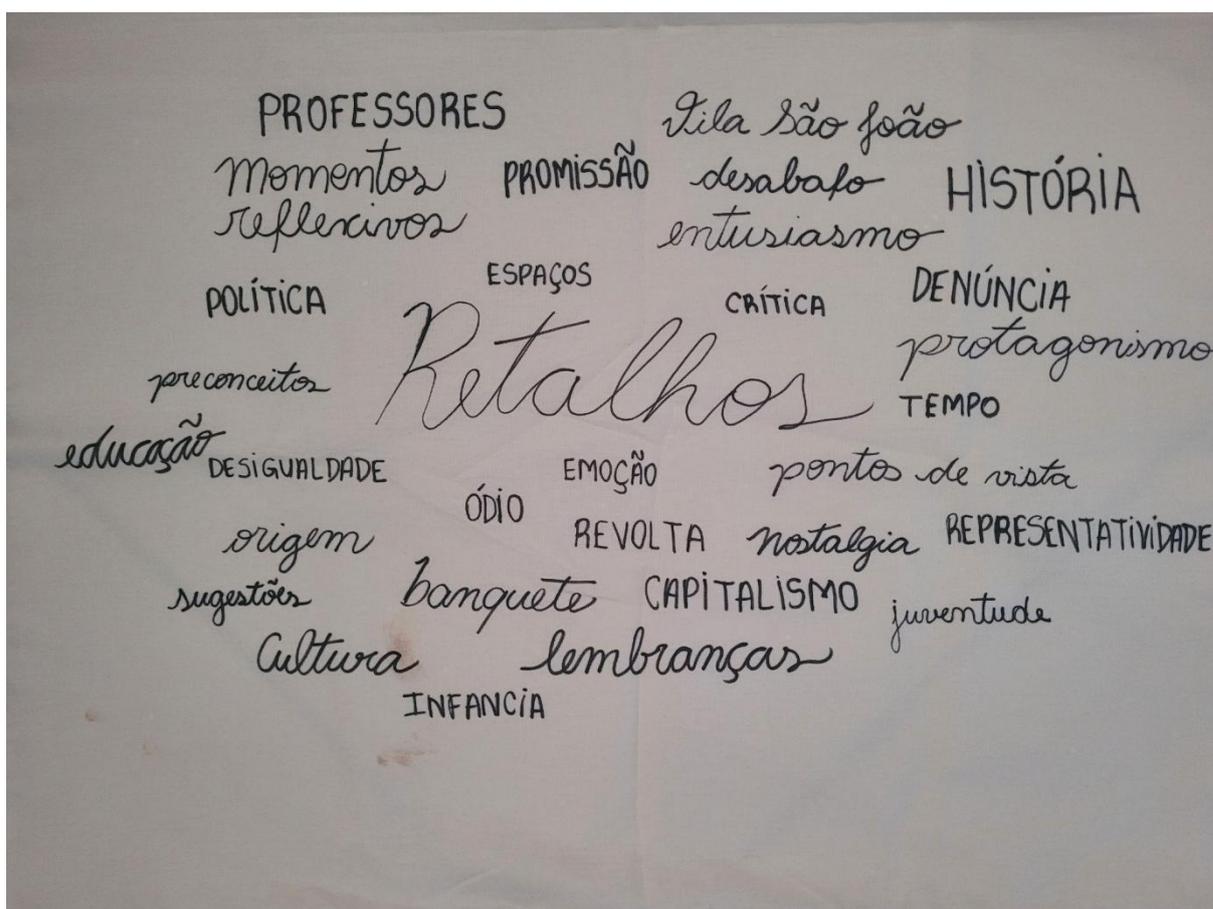
Outras palavras também compuseram nossa colcha, como aqueles sentimentos que vieram à tona, o ódio, a nostalgia, as lembranças, os desabafos, as histórias de vida. Acabamos por permear nossos passados, rememorados com essas investigações a partir do presente e, dessa forma, essas lembranças chegaram potentes de significados. De novos significados. O sentimento de raiva e ódio foi bastante presente no 4º encontro, quando falamos sobre os espaços públicos. O nome Vila São João compõe nosso retalho por termos ido até lá em diversas reflexões. O descaso com esse lugar, o preconceito e a criação dos estereótipos fazem com que os moradores sejam marcados e invisibilizados.

Ainda compondo nosso retalho, temos as palavras: educação, protagonismo, representatividade, pontos de vista e enfim, professores. Essas palavras nos fazem pensar em cada retalho e o nosso fazer docente, nossas salas de aula, estudantes e a escola. Isso porque muitos alunos fazem parte desses espaços marginalizados e essa “marca” os persegue no ambiente escolar. Percebemos durante as reflexões no 2º Retalho a importância de sermos os potencializadores desses jovens que chegam na sala de aula sem uma perspectiva de futuro, sem entender o que os faz estarem nessas condições e como é possível driblá-las. Percebemos como nosso formar-se constante (Paim, 2005) é importante para que mantenhamos nossos ideais ativos na nossa escola e na comunidade. E que esse formar-se em relação a cidade nos faz olhar para dentro de nossas experiências e refletir sobre as adversidades que nos

acorrentam à alienação, nos fazendo ficar cada menos críticos perante o que acontece ao nosso redor.

Foi interessante que, nesse momento em que colocamos o tecido escrito no centro e as imagens ao redor, os professores sugeriram tirar ainda mais fotografias, não só desses espaços e grupos marginalizados, mas de nós, nos espaços que frequentamos nos Retalhos. Também foi sugerido que pudéssemos colocar imagens dos objetos que levamos no 2º encontro.

Fotografia 16 - “O tecido preenchido”



Fonte: De autoria própria

Com isso, foi solicitado no último Retalho que produzissem um texto jornalístico sobre o que discutimos durante os encontros. Como sobre o modo capitalista de agir na sociedade, sobre as percepções a respeito dos espaços e grupos que existem nessa cidade, sobre o tempo corrido que nos impede de ter esses momentos de trocas de experiências. Esse texto jornalístico trará o fechamento das discussões feitas nos seis encontros.

**DESCASO COM O DISTRITO DE SANTA MARIA DO GURUPÁ:
PROMESSAS VAZIAS E LAMA NAS RUAS.**

Promessas eleitorais se repetem ano após ano, enquanto moradores do Distrito de Santa Maria do Gurupá lutam contra a falta de infraestrutura básica. As ruas sem pavimentação se transformam em lamaçais durante a estação chuvosa, dificultando o acesso ao transporte público, a serviços essenciais e até mesmo à casa dos próprios moradores. A situação se agrava com a ausência de guias de sarjeta, que contribuem para o alagamento das vias e a proliferação de doenças.

A falta de uma rede de esgoto também é um problema crônico. As fossas sépticas, solução improvisada utilizada pela maioria das casas, representam um risco à saúde pública e ao meio ambiente. O mau cheiro e a contaminação do solo são constantes, colocando em risco a saúde das famílias, especialmente das crianças.

Apesar das promessas repetidas a cada eleição municipal, nada muda. Os candidatos assumem o compromisso de resolver o problema, mas após eleitos, as promessas se transformam em mero discurso. A população se sente abandonada e sem voz, condenada a conviver com a lama e o esgoto nas ruas.

É urgente que as autoridades tomem medidas concretas para solucionar essa situação precária. A população de Santa Maria do Gurupá merece respeito e dignidade, e isso passa por ter acesso a infraestrutura básica de qualidade. As promessas vazias já não bastam. É necessário um compromisso real com a melhoria de vida das pessoas.

A comunidade clama por soluções:

- Implementação de um plano de pavimentação das ruas e construção de guias de sarjeta.
- Implantação de uma rede de esgoto adequada, com coleta e tratamento dos dejetos.
- Fiscalização rigorosa para garantir a qualidade das obras e o cumprimento dos prazos.

Chega de promessas vazias! É hora de agir e garantir que os moradores de Santa Maria do Gurupá tenham o direito básico de viver com dignidade.

Professor Alexandre

SERÁ QUE VIVER VALE A PENA?

Na pré-história, as primeiras cidades e o desenvolvimento sofisticado de ferramentas ocorreram a partir da sedentarização, porque as pessoas passaram a ter tempo para pensar em melhorias para a vida em sociedade. A gente anda tão ocupado com os "problemas" da vida, com coisas pequenas e muitas vezes básicas como alimentação, moradia e saúde, que esquece de pensar sobre a estrutura que nos sufoca. Acredito que seja proposital, já que não temos tempo para viver, como vamos refletir sobre a realidade à nossa volta? De onde virá a vontade, a energia, a libido para pensar sobre as raízes estruturais dos problemas? Analisando o micro (minha realidade) para compreender o macro, é notória a falta de tempo das pessoas daqui do bairro. Saem cedo para trabalhar, passam 8 horas em um serviço que está desassociado de suas vidas, cuja única lógica é o salário no final do mês. Quando chegam em casa, a última coisa que querem é ler um livro ou ir para um curso. Isso é compreensível; o desgaste é tanto que às vezes colocamos em jogo até se a vida vale a pena. Será que viver é só isso?

O mais triste disso tudo é que esquecemos de nós mesmos. Quem vai lembrar? Pessoas esquecidas não existem, são como sombras; a única importância é a utilidade que posso vir a ter em algum momento específico. Esse esquecimento é arquitetado, construído, pensado, não é por acaso. Não somos um grupo "inferior" inato; esse papel do esquecimento nos foi dado. A marca do fracasso já é o endereço em que se mora, junto com a marca do esquecimento. Esse esquecimento se materializa nos espaços periféricos, na infraestrutura desses lugares. Mais uma vez entra o cansaço; as pessoas estão tão cansadas que acabam aceitando a realidade em que vivem. Não é que nunca fizeram barulho para serem lembradas; já gritamos muito para isso. Os crimes cometidos são uma forma desses gritos: "NÓS EXISTIMOS E QUEREMOS UMA VIDA DIGNA TAMBÉM, QUEREMOS OPORTUNIDADES, OLHEM PARA NÓS". Mas eu vejo que já cansamos de gritar, e também nem temos mais tempo, energia e nem força. Precisamos comer; ninguém

luta com fome, e essa busca pelo mínimo nos esgota ao máximo. Eu me questiono, será que viver vale a pena?

Professor Wesley

A CIDADE CARECE

Enfrentam diariamente uma dura realidade de abandono por parte dos órgãos públicos.

Muitos são os problemas sociais e estruturais de nossa cidade como:

A ausência de serviços essenciais como calçamento, coleta de esgoto, drenagem de águas pluviais, lixos amontoados nas ruas como galhos de árvores e descartes de residências tem gerado sérios transtornos à comunidade.

O bairro carece até mesmo de calçadas, e o mato alto presente coloca em risco a segurança das famílias locais, com terrenos baldios e carros velhos entulhados gerando abandono.

Sem falar do descaso e do perigo que nós, munícipes, vimos sofrendo com os fios de internet ou outros equipamentos caídos ou pendurados pelas ruas e calçadas de nossa cidade, colocando em risco muitas pessoas que circulam a pé ou de moto.

Por isso, nossos relatos carecem de ação para melhorar os pontos críticos e precários da cidade de Promissão, onde os gestores públicos precisam se atentar com mais compromisso aos bairros mais carentes ou menos observados.

Formamos um grupo de pessoas que, em vários momentos, se reúne em lugares públicos da cidade para contar, conversar, dialogar sobre os problemas que afligem os munícipes de Promissão. Propondo mostrar à população local as fragilidades encontradas, para que sejam melhoradas por parte das autoridades competentes.

Professora Eliane

TERRA DA PROMESSA CORROMPIDA

A cada encontro dialogando sobre a nossa cidade, revivemos lembranças e sentimentos que iam do ódio ao amor, pois refletíamos as permanências e as poucas rupturas com o passado, ao percebermos com as fotos e com os relatos orais que os embates ainda persistem, através das ruas esburacadas, da falta de atrativo de lazer na cidade, da inversão de funcionalidade das praças que antes eram usufruídas pelas famílias cidadãs e hoje são destinadas aos moradores de rua, do alagamento cotidiano da escola Sílvio de Almeida, da falta de paisagismo na cidade, das precariedades nos bairros Jardim América e Jardim Alvorada que possuem muitas ruas esburacadas, da percepção do bairro São João, que tem bueiros a céu aberto e ruas de terra.

As evidências são a própria realidade que denuncia os embates vividos pelos cidadãos promissenses, os relatos e a experiência de nós, moradores. Os cafés filosóficos nos impulsionam a lutar por nossos direitos e pelo futuro de Promissão, a rever nossa função como cidadãos e o nosso protagonismo como professores.

Professora Luany

A História Pública está muito presente neste 6º Retalho, pois conseguimos perceber a relação que se estabelece com as políticas públicas. “O trabalho com história pública também implica no aprofundamento de estudos relativos à conservação do patrimônio material e imaterial e na responsabilidade político-social com a memória social e coletiva” (Simpósio Nacional De História, 2013). Com a mônada “Descaso com o Distrito de Santa Maria do Gurupá: promessas vazias e lama nas ruas” do professor Alexandre, conseguimos ver sua preocupação com aquele lugar que é seu: onde ele se encontra fisicamente, mas que também faz sentido para ele. Percebemos como ele desacredita de um olhar permanente e não só em

período político dos políticos da cidade. Essa desesperança e súplica para ser ouvido é comum para aqueles que residem em bairros periféricos e cansam de exigir mudanças.

Ao entrelaçar a mônada do professor Alexandre com a mônada “*Será que viver vale a pena?*”, do professor Wesley, é possível estabelecer semelhança com o pensamento expresso por Carolina Maria de Jesus em seu livro *Quarto de despejo*, que foi trabalhado em outros relatos. A questão de pensar sua própria vida expressa no livro, também é possível ser identificada na mônada do professor Wesley. Seu questionamento vem se ligando ao capitalismo, questionando a sua própria realidade e a de milhares de brasileiros que trabalham 8 horas por dia — ou mais — e, ao chegar em suas residências, estão exaustos. É uma alienação mecânica que vai consumindo os sujeitos e eles nem se dão conta. E pensando na sua realidade de um bairro periférico em que grande parte da população residente precisa trabalhar mais tempo que o normal, ele questiona: “O mais triste disso tudo é que esquecemos de nós mesmos. Quem vai lembrar?”. Vivendo acorrentado a esse ritmo em que nem mesmo os sujeitos conseguem pensar sua existência, ele questiona quem se lembraria. Os membros da prefeitura não lembram e as políticas públicas passariam longe, e o cansaço de exigir reconhecimento e atenção afeta a luta pois essa possível notoriedade vai sendo perdida gradativamente.

As mônadas “Terra da Promessa Corrompida” e “A cidade carece”, da professora Luany e da professora Eliane, respectivamente, mostram como nossos retalhos foram importantes para a retomada de consciência sobre a cidade. Essa alienação mencionada na mônada do professor Wesley encontra um embate pessoal comprometido com a reflexão sobre sua realidade. Pessoas que querem mudanças em seus bairros e, principalmente, nas relações sociais e políticas estabelecidas. É perceptível a forma com que eles entenderam a formação dos retalhos como algo além da vida acadêmica-profissional, mas sim fortalecendo o sujeito como indivíduo que vive em um espaço coletivo. As exigências por melhorias na cidade nada mais são do que a pausa para reflexão surtindo efeito, os indivíduos saindo de seus mecanismos e fincando seus pés no chão e reivindicando o seu lugar de pertencimento. A cidade de Promissão agora é deles, o poder de reconhecer que aquela cidade precisa ser sentida pela comunidade os faz ter certeza de que a cidade é uma questão de identidade.

CAPÍTULO 3

OS PEDAÇOS QUE FORMAM A COLCHA DE RETALHOS

And when I'm back in Chicago, I feel it
E quando volto para Chicago, sinto isso
Another version of me, I was in it
Outra versão de mim, eu estava nela
I wave goodbye to the end of beginning
Eu aceno adeus ao fim do começo
(Keery, 2022)

A música *End Of Beginning*, de Joe Keery, me acompanhou durante toda a dissertação. A sua melodia e letra conseguiram traduzir tudo aquilo que eu sentia ao retornar para a cidade de Promissão. Colocá-la como epígrafe deste último capítulo é também fazer um retorno simbólico para a cidade natal, e agora compreendendo o sentido de pertencimento. Um retorno marcado pela sensibilidade de reconhecer novamente a cidade em que vivi dezoito anos. É reconhecimento porque este trabalho mostrou a Promissão de que eu e muitas pessoas não tinham conhecimento, com seus lugares esvaziados e esquecidos e seus grupos que tanto sofrem com essa tentativa de serem invisibilizados. Mas nós trouxemos esses avessos para o centro das discussões, para que possamos lutar políticas públicas que cuidem da comunidade promissense. Então quando lemos a respeito dessa “volta para Chicago”, é sobre esse retorno para Promissão que recebe uma nova versão não só minha, mas também de todos que participaram dessa pesquisa.

Neste capítulo, iremos abordar o fechamento da colcha de retalhos, como o arremate que costura os pedaços para formar um todo. A história pública com o seu viés de história para o público e com o público me conduz à exposição desse trabalho à comunidade de Promissão, com o objetivo de poder instigá-la a pensar suas memórias com a cidade de Promissão no passado e no presente, assim percebendo as alterações que o mundo capitalista causa no cotidiano dos seres humanos e como eles irão lidar com os espaços públicos e mudar realidades. Nele, vemos as considerações finais que ressaltam aquilo que, até o momento, me modificou e modificou os professores envolvidos na pesquisa, que pensaram o tempo, o espaço e os grupos impactados pela rapidez na modernidade.

Como na epígrafe, os pedacinhos que nos constroem podem ser transformadores ou descartáveis. Na maior parte da nossa vida, não percebemos aqueles momentos que são descartados, que vão perdendo os significados. Isso acontece pois permitimos que a aceleração do cotidiano também nos leve a fazer parte da maratona ilusória. Nesse último capítulo, as narrativas dos professores nos mostram como é importante se distanciar da

rapidez no mundo e focar em nós, com nossas experiências e nossas memórias, que fazem parte da construção de cada indivíduo. Com essa distanciação, conseguimos enxergar a realidade para além da nossa, conseguimos enxergar a realidade dos sujeitos que vivem ao nosso redor e dos espaços que resistem à passagem do tempo.

Um dos principais pontos da História Pública está focado na dimensão “para” o público, onde fazemos o movimento de divulgar os conhecimentos acadêmicos, produzidos dentro da academia, para outros públicos que não se encontram na universidade. Esse engajamento foi estabelecido por meio de reflexões sobre o encastelamento de pesquisadores e suas produções científicas, que acabam não dialogando com o público nem retornando a ele. Isso não aconteceu com essa dissertação, que, sendo um trabalho com o público e para o público, também teve sua esfera divulgada para a comunidade de Promissão por meio da exposição *Colcha de Retalhos* e assim retornou aos professores envolvidos na pesquisa.

Ao estabelecer meu projeto de dissertação, a certeza que tinha era de que o trabalho inteiro seria feito por várias mãos. Não apenas utilizaria as narrativas, mas nós, em conjunto, produziríamos um conhecimento a partir de trocas durante todo o trabalho. Isso aconteceu na escolha dos lugares dos retalhos, nas discussões estabelecidas, nas devolutivas das narrativas, na troca sensível das experiências de quatro professores promissenses em debate sobre seu lugar na cidade. Desse modo, todo o trabalho foi feito por meio da autoridade compartilhada (Frisch, 2016), propondo igualdade entre os envolvidos. É um trabalho feito em via de mão dupla (Frisch, 2016) em que a pesquisadora e os professores contribuem com diferentes conhecimentos para um mesmo objetivo.

Além de um retorno aos professores também queria expandir esse trabalho para a comunidade promissense, possibilitando que todos os interessados pudessem fazer parte dessa construção. Meu intuito estava em partilhar a dissertação para o público, para que, ao verem a colcha de retalhos, conseguissem também refletir sobre a cidade em que está inserido e qual o papel dela na vida de cada um. Qual retorno podemos dar a essa cidade que tanto contribui para a história dos seus munícipes? Ao nos percebermos, conseguimos nos recolocar no cenário como protagonistas de nossa história.

A pesquisa consegue ser uma extensão repleta de possibilidades e uma delas é os professores se perceberem como sujeitos importantes da comunidade para além de educadores em sala de aula. Isso porque, no movimento da dissertação, conseguimos compreender o processo de formação do indivíduo expresso em cada retalho, todos fomos abertos ao aprendizado que nossas reflexões conjuntas poderiam potencializar. É importante entender

que professores, além de formar novos cidadãos, também se formam, também existem, passam por angústias e anseios não só deles, mas daqueles que eles ensinam.

Para dar esse passo, planejamentos foram necessários. O primeiro deles era a confecção física da colcha de retalhos. Ao transformá-la em objeto físico, atribuímos sentido a ela e partilhamos com a comunidade de Promissão as fotografias dos espaços não vistos, os grupos marginalizados e principalmente, as mônadas dos professores.

Ao escolher as mônadas e as imagens que estariam presentes na colcha, os professores participaram do processo, podendo alterar aquilo que para eles não estivesse fazendo sentido ou que não fosse condizente com sua ideia. Após esse “croqui”, o modelo foi enviado para uma empresa que iria imprimir em tecido as imagens, que depois seriam costuradas uma a uma em tecidos diferentes, formando um só material, uma Colcha de Retalhos.

E, que em uma cidade temos comunidades plurais que se articulam no espaço urbano, reinventando lugares e modos de viver, que reafirmam relações de poder e exclusão e, ao mesmo tempo, muitas vezes, as subvertem e as transformam. Acreditamos que sem a percepção dessa pluralidade de histórias e memórias que uma cidade acolhe, é difícil para qualquer pessoa, na condição de cidadão, vivenciar o sentimento de pertença a uma comunidade, conceber a existência de laços identitários e um destino compartilhado e comum, entre si e as demais pessoas com as quais convive, nessa situação.” (Paim, et al. 2012, p. 7)

Com as imagens prontas, levamos até a Dona Cida, uma costureira indicada pela gráfica que iria transformar o sonho da colcha em realidade. Dona Cida viu que seria possível a montagem da colcha em cima de uma colcha já existente, o que deixaria o trabalho mais simples pelo tempo que tínhamos.

Com a colcha em produção, ainda precisávamos acertar os alfinetes para os arremates finais. Com a ajuda dos professores, decidimos fazer uma exposição na Casa da Cultura de Promissão. Entrei em contato com o Secretário da Cultura de Promissão, Gabriel de Lima, para reservar o local e a data para a exposição. A partir desse momento a data ficou decidida e todos os processos estavam em andamento. Acionei a família para ajudar na preparação e deixar tudo pronto para receber a comunidade na Casa da Cultura no dia 8 de fevereiro de 2025.

O convite foi entregue para o secretário e prefeito da cidade de Promissão. Também foi divulgado no jornal “A cidade”¹⁰ e pelas redes sociais. Esse tipo de divulgação é importante pois vai ao encontro da ideia de divulgar um trabalho de História Pública para um público não acadêmico. Os jornais conseguem atingir diferentes tipos de pessoas de uma

¹⁰ A publicação do jornal “A cidade” foi feita no dia 1º de fevereiro de 2025. A imagem está em anexo.

comunidade, desde jovens até pessoas mais idosas. O engajamento permite que o trabalho ultrapasse a esfera acadêmica e atinja a comunidade local, que pode demonstrar interesse pelo trabalho que fala sobre sua cidade.

Figura 8- Convite para Exposição Colcha de Retalhos

Fonte: De autoria própria

Para a concretização da exposição, contei com o apoio presencial familiar em Promissão, que ajudou com estrutura, som e comida. No sábado de manhã, dia da exposição, cheguei na Casa da Cultura, onde já estava meu pai e o assessor da cultura, para enfim colocar a colcha em exposição e ver, pela primeira vez, nossa produção estendida como foi imaginada desde o início do projeto. Arrumamos as cadeiras, as comidas e as pessoas foram entrando e se achegando. Pude ouvir as conversas de quem não se via há muito tempo, como os professores da pesquisa. Na escadaria da Casa da Cultura, estavam os quatro professores conversando sobre como vem sendo a docência, compartilhando as angústias e os apertos de quem ainda não conseguiu aulas, trocou de escola ou pegou novas disciplinas. Uma conversa corriqueira em nossos encontros nas manhãs de sábado.

Entramos e demos início. Não me senti nervosa ao falar e isso me fez conseguir perceber como estar em Promissão e fazer esse trabalho foi importante. Expliquei o porquê de realizar uma dissertação sobre a cidade de Promissão, reforçando que, se não fosse dessa

forma, o trabalho não teria significado nem sentido para mim, ele poderia ficar perdido. Também narramos sobre os encontros, as ideias que os nortearam, como o eu na cidade, o tempo, o espaço, os grupos invisíveis, e as discussões que fomos delineando em cada um deles.

Ao final da minha fala sobre a pesquisa, sobre o que eram os retalhos e sobre o porquê da colcha de retalhos, passei a palavra para os professores, para que eles pudessem compartilhar suas memórias com a comunidade. Nesse momento, a partilha das narrativas inundou todos com aquilo que cada um rememorava sobre Promissão.

Fotografia 17 - A Colcha de Retalhos



Fonte: De autoria própria

A CIDADE ENQUANTO FORMAÇÃO FAMILIAR

Minha história em Promissão tem um pouco a ver com esse bairro onde a gente mora. Nessa região foi sendo construídas algumas casas, e essas casas trouxeram meu pai para Promissão. E em Promissão, conheceu a minha mãe. E quando eu passo por essas casas, elas resgatam muito a minha história.

Professor Alexandre

MOTIVAÇÃO FINANCEIRA

[...] Como o Alexandre, o motivo de eu vir para a cidade de Promissão foi a situação financeira, por conta do trabalho dos meus pais. Ele era dono da antiga sorveteria Gulu, vocês devem se lembrar. E foi isso, eu vim pequena pra cá, casei aqui, vivi minha infância e adolescência aqui. [...]

Professora Luany

Ao ouvir as narrativas dos professores Alexandre e Luany, nós vemos como a situação financeira modifica a vida das pessoas, fazendo-as irem atrás de onde houver oportunidade para construir uma vida melhor. O pai de Alexandre veio para a cidade para trabalhar na construção da Usina Hidrelétrica de Promissão, como ele já mencionou em sua primeira mônada. Ao chegar e se estabelecer, conheceu quem seria a mãe de Alexandre e assim construíram sua família. Chegou, fortaleceu e padeceu na cidade onde havia encontrado uma chance.

Nós podemos ver esse movimento migratório em busca de oportunidades de trabalho em escala maior nas capitais. As pessoas deixam o interior para tentar a vida nas cidades grandes, onde há muitas empresas, indústrias e, conseqüentemente, oportunidades. Essas cidades, como São Paulo, por exemplo, recebem grande contingente migratório por conta de sua modernidade, por ser vista pelos brasileiros como uma megalópole de ofertas. As empresas lucram com esse movimento, recebem currículos e contratam pessoas por um valor bem menor do que o esperado. Mas essa situação foi se ampliando, foi aderindo as cidades vizinhas e também as cidades interioranas. Na cidade de Promissão, temos o frigorífico Marfrig, que emprega em massa pessoas para trabalhos braçais de abate, embalo e corte das peças de carne, além de funções administrativas. É um forte conglomerado que gera oportunidade de emprego tanto para os cidadãos que não têm ensino superior ou médio completo, como para os que são graduados. Da mesma forma que a Usina Hidrelétrica fez ao contratar o pai de Alexandre. Uma grande empresa que emprega e dá oportunidade para centenas de pessoas.

Essas grandes empresas, que visam lucro, são peças centrais do capitalismo, pois seus tentáculos pouco a pouco vão dominando todas os espaços da cidade. Esse capitalismo desenfreado movimenta os trabalhadores para fazerem o que for necessário para garantir o lucro da empresa. Não estamos negando a quantidade de empregos que as grandes corporações garantem aos promissenses, mas sim problematizando sua chegada. E principalmente estamos tecendo uma crítica a como essas empresas tratam seu trabalhador,

que na maioria das vezes não entende que é apenas uma peça do jogo de xadrez, onde ele é apenas o peão nas mãos da rainha.

A família da professora Luany, por outro lado, vem para Promissão e instala uma sorveteria, da qual eu mesma me recordo. Uma portinha na principal rua da cidade, onde se vendia as melhores raspadinhas e que, por muito tempo, foi meu ponto de encontro com meu pai. Um pequeno comércio, como os demais que pertencem a Rua Pedro de Toledo que geram o sustento para muitas famílias. Após a saída da sorveteria, muitos outros comércios passaram por lá, como acontece com certa frequência. Sempre ao chegar em Promissão, vejo os comércios que fecharam ou foram substituídos, e também aqueles que permanecem mesmo com os longos anos e a mudança de mundo. Esses pequenos comércios locais são parte da vida da cidade de Promissão, eles nos contam histórias sobre a cidade e suas mudanças com a chegada gradativa de uma modernidade. Os comércios que antes tinham portas de ferro que se enrolavam passam a substituí-las por vidros e iluminação de led, a população tem que ver o que há dentro daquela loja, mesmo estando fechada no momento. Essa chegada da vidraria já era vista por Benjamin (2007) no seu livro *Paris, Capital do século XIX*, caracterizando o material como próprio dessa cultura moderna, pois o vidro impele o sujeito. Ele reflete e mostra suas marcas, ele é frio e deixa a dimensão privada exposta à pública.

Na fala do professor Wesley, nós vemos uma outra perspectiva ao nos debruçarmos sobre sua narrativa da cidade de Promissão. Ele faz quase uma súplica, relatando a vida das pessoas que pertencem aos bairros periféricos, em especial, ao seu bairro, Vila São João.

TENHAM UM OLHAR DIFERENTE

“[...] Vou tentar não chorar, porque em todos os encontros eu acabava chorando. Hoje eu vou tentar trazer um pouquinho aqui mais uma reflexão sobre os bairros mais abandonados de Promissão, os bairros esquecidos. Quantos de vocês já foram na Vila São João e já deram uma volta ali no bairro e viram a situação daquele bairro? [...] Então eu queria trazer aqui para vocês. Tentem olhar para esses lugares de forma diferente e para as pessoas que vêm desses bairros. Nem sempre eles querem ser assim, a realidade é realmente um pouco agressiva e falta oportunidade, falta uma chance dessas pessoas conseguirem ascender, em todos os sentidos. Falta o olhar do Estado, falta o olhar da família. [...] Eu peço para que vocês tenham um olhar diferente para as pessoas que vêm desses bairros, um olhar mais acolhedor. Às vezes a vida dessa pessoa foi tão agressiva que ela vai perpetuar essa agressividade, mas se você falar de uma forma diferente, ela pode saber que pode agir diferente.”

Professor Wesley

Na mônada “Tenham um olhar diferente”, nós conseguimos sentir o desespero, a súplica de um morador do bairro que, desde a sua infância, sente a diferença na pele por ser preto e pertencer à Vila São João. As pessoas que residem neste bairro estão inseridas em uma

realidade da qual muitas vezes eles não enxergam uma saída. São gerações que passaram pelas mesmas situações sem serem vistos, sem grandes oportunidades de trabalho. Ao carregar o endereço, você já é carimbado pela sociedade e, a depender da sua cor, o pré-julgamento vai ser seu guia. O professor Wesley enfatiza a falta de chance que essas pessoas têm na vida, a falta de um olhar do Estado que possa levar investimentos e projetos para a comunidade. Podendo oferecer cursos, aulas, espaço seguro e, principalmente, dando atenção. Mostrando novos caminhos a serem percorridos.

À medida que as narrativas iam sendo partilhadas, despertavam as memórias voluntárias e involuntárias da comunidade promissense. Foi o caso da narrativa feita pelo Secretário da Cultura, Gabriel, que me ajudou na preparação da exposição. Ele não imaginava que tudo que estávamos organizando também faria sentido para ele. Enquanto o professor Wesley fez sua fala sobre a luta contra o preconceito e o racismo, um lampejo de memória disparou sobre Gabriel que decide partilhar suas experiências enquanto morador do Bairro São João, amigo de Wesley e homem branco.

EU ACHO QUE A GENTE CARREGA MARCAS

“Como o Wesley falou, a gente veio de realidades diferentes. Nossa amiga faleceu e, quando nós estávamos descendo para o velório a polícia parou a gente e nós fomos enquadrados. Mas só o Wesley foi enquadrado e eu não fui. Quem era preto foi, eu não fui. Nossa realidade foi muito diferente mesmo. Tirando eu e o Wesley, ensino superior acho que ninguém teve. Fora os que estão presos e muitos que morreram. E eu acho que a gente carrega marcas. Ninguém queria investir em nada no bairro. Estávamos fazendo um trabalho social de artes marciais e estávamos ensinando os golpes e a polícia chegou e começou a bater no Rafael, pisou na cabeça dele e chutou, olhou pra mim e falou “Se você continuar dando aula pra bandido aqui, vai sobrar pra você também”. Lá as pessoas já apanham por si só. Olhem com mais carinho, gente, acolham mais as crianças.”

Gabriel, Secretário da Cultura.

Na narrativa do Gabriel, conseguimos ampliar o olhar que o Wesley nos apresenta. Ele reforça como o racismo é presente nesse bairro e como as pessoas pré-julgam quem reside por lá. Ao tentar levar um projeto social, Gabriel foi ameaçado por policiais que afirmaram que ali não era lugar para isso. Mesmo isso tendo acontecido há alguns anos, no 5º Retalho, em que os professores levaram as fotografias que destacam os lugares abandonados, Wesley registrou um grupo de crianças brincando ao lado de um bueiro, enquanto a quadra poliesportiva que deveria ser um espaço de acolhimento e socialização, permanecia trancada. Vemos então que não houve mudanças, apenas uma máscara para a comunidade acreditar que é vista pelos vereadores e prefeito.

O racismo estrutural é um problema real de nossa sociedade, que se apresenta não só nas cidades grandes, mas também nas cidades pequenas. Conseguimos ver o tratamento discrepante entre um morador de condomínio fechado e um morador da Vila São João em uma cidade de 40 mil habitantes. Um problema ainda maior é que deixamos a comunidade acreditar que eles merecem esse tratamento, que eles que não se esforçaram para sair de lá. Mas o local não é o problema, o problema é como este local é tratado pela comunidade que também perpetua com discurso de exclusão e racismo. Como o professor Wesley narra: “As pessoas desumanizam muito quem vem da periferia. Se em uma cidade pequena nós vemos essa desigualdade gritante, imagina nas grandes capitais”.

Conforme as mônadas da exposição foram se construindo, fomos ampliando as ideias presentes nas narrativas dos professores e, com a narrativa do professor Wesley, adentramos direto a uma marginalização que tem local e tem cor. Conseguimos, a partir das memórias, tecer os fios que nos levam a enxergar que “o racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica” (Almeida, 2019, p. 50). É um conjunto de eventos que se desencadeiam na exclusão de grupos como parte da sociedade. É com a consciência que conseguimos mostrar resistência e exigir reconhecimento, melhorias e atenção para a comunidade.

Na mônada da professora Eliane, “O capitalismo é bem selvagem”, a desigualdade que existe na sociedade de Promissão é tão explícita, que é possível perceber professores do mesmo ramo vivenciam seus cotidianos de maneira oposta. A professora Eliane problematiza a própria realidade em que está inserida, de viver um caminho direto de casa para o trabalho e não se deslocar para outros lugares da cidade de Promissão. Foi necessário que os Retalhos acontecessem para que ela percebesse a desigualdade que a rodeia, os locais que não estão mais sendo ocupados e os grupos marginalizados.

O CAPITALISMO É BEM SELVAGEM MESMO

“Foram seis momentos de reflexão, de bate papo, de comida. Foi assim pra gente refletir sobre nossa cidade. Como está Promissão? Desde quando eu nasci, desde o agora. Quais são as situações que marcam nossa cidade? Dentro desse momento histórico que faz parte do capitalismo, que vai sugando nossa sociedade, com o desenvolvimento, com o enriquecimento de alguns e a pobreza de outros. O capitalismo é bem selvagem. ele mostra as partes que são tristes, que é duro de ver, a realidade. Uns cuidados demais e outros que não tem cuidado de nada. Uma sociedade que é isolada, esquecida e uma sociedade que é vista, bonita, cheirosa. Tivemos vários momentos de prática reflexiva, onde eu falei pro grupo dos lugares que eu não conhecia, porque minha realidade é diferente da realidade do meu amigo. Cabe a nós como sociedade participativa atuar chamar o poder público para atuar nas necessidades dos bairros, dos lugares mais distantes. No meu trajeto de casa para o trabalho eu não rodo as periferias, não tenho tempo, muitas vezes a

gente não quer. E não quer ver esses lugares tão abandonados precisando de cuidado político.

Professora Eliane

O mundo capitalista nos molda para muito além da questão econômica. Ele nos faz criar um bloqueio para o que é de fora, o que é diferente, de forma que nos parece distante. Da mesma forma que Benjamin relata em sua mônada “Mendigos e Prostitutas”, em *Infância em Berlim por volta de 1900* (1987), a professora Eliane também vai ao encontro do outro. No entanto, Benjamin ressalta o não saber de onde vieram os pobres, até se dar conta de que eles são fruto dos trabalhos explorados e da exclusão social. Enquanto que, para a professora, por ser consciente das condições do mundo, ela enxerga a existência dos povos marginalizados, mas em o seu caminho do dia a dia e sua realidade, não encontra esses grupos pelas ruas em que passa. A desigualdade social que tanto é falada nas capitais do país também acontece nas cidades interioranas e nos cerca, impedindo que haja possibilidade de refletirmos sobre nossa realidade. Por essa razão é tão necessária a proposta benjaminiana de construção de conhecimento e reflexão de memórias e experiências, para que possamos nos tornar críticos sobre a nossa realidade social. Mais do que isso, ainda que o capitalismo seja ruim, é possível criar meios de sobrevivência a contrapelo, como nos convida Benjamin. As realidades distintas na cidade de Promissão não são vividas de forma antagônicas, mas amalgamadas.

Após o compartilhamento dos professores sobre as reflexões que os Retalhos potencializaram neles, o público presente, a comunidade de Promissão, sentiu-se acolhida para compartilhar suas memórias que são também trazidas neste trabalho através de mônadas.

Fotografia 18 - A Exposição Colcha de Retalhos



Fonte: De autoria própria

PROMISSÃO É UMA CIDADE PROMETIDA

“Fiquei ouvindo as histórias e as confissões. Minha visão disso tudo, de quem chegou há uns vinte e pouco anos na cidade, sempre trabalhando em comércio... Também numa realidade um pouco difícil. Mas, sob nossa ótica, Promissão é uma cidade Prometida, todo mundo que chegou veio por uma questão de trabalho e de alguma forma se alocou e procura por uma vida melhor. A oportunidade de ir para alguns lugares que eu não conhecia, nos momentos de ir para as praças aos sábados e ver a cidade acontecendo enquanto estávamos sentados falando sobre ela, foi uma experiência única. E fica aqui o sentimento de orgulho.”

Francisco, morador da cidade

SÃO AS COISAS QUE PASSAM NA CABEÇA DA GENTE

“Logo quando eu entrei aqui, esses quadros me trouxeram memórias à cabeça. Como o campo do japonês. Quando eu era moleque, ficava esperando agosto e muitas vezes a gente ia em cima de caminhão e voltava a pé. Memória que hoje tem ainda, mas que passa, as vezes passou agosto e eu lembro do Udokay. A igreja São Benedito perto da rodoviária que vinha circo e a gente ficava em volta. E o que me marcou muito foi o coreto do jardim, que antigamente todo domingo ficava todo mundo reunido lá, o centro da paquera. e hoje você passa lá e não tem mais nada, só os moradores de rua. São as coisas que passam na cabeça da gente e a gente, 53 aqui, tem muita lembrança. Procurar participar mais da vida de Promissão.”

Edmilson, morador da cidade

TAMBÉM É CULPA NOSSA NÃO IR ATRÁS DISSO

“Eu estou aqui e por acaso eu tenho uma história com Promissão. Já fui embora cinco vezes de Promissão e estou aqui. Estávamos conversando aqui e lembrei que só viemos para cá em razão de um convite que minha família recebeu para trabalhar no frigorífico. E aí vieram meus pais, irmãos e ficamos por aqui. Eu nunca apanhei da polícia, mas já corri para não apanhar. Em razão de racismo e muitas coisas que ainda acontecem em Promissão. Uma coisa de que me lembro bem era a banda

marcial, que eu participei. No começo dos anos 90, a banda ia sempre inaugurar as praças, eu fui inaugurar a Praça Moacir Barreira. Hoje nós não usamos as praças que um dia eu ajudei a inaugurar. Nossa cultura não é mais de ir lá e lembrar. E também é culpa nossa de não ir atrás disso.”

Sergio, morador da cidade

É UMA CIDADE QUE ME ABRAÇOU E ME ACOLHEU

“Eu tô aqui em Promissão faz 20 anos, que eu cheguei. Quis mudar de vida e Deus preparou essa cidade e a realidade é completamente diferente. Em São Paulo tudo que você faz enche de gente e quando vim pra cá eu pensei o que é que eu vou fazer? Era tudo diferente e ainda é, né. Eu precisava fazer alguma coisa pra sustentar eles, né. Eu não sabia cozinhar e não tinha Youtube, não tinha como pesquisar. Comecei a perguntar e assim com Deus e o amor e a dedicação fomos subindo, subindo e conquistando um espaço. Não é fácil, mas de Promissão eu só tenho que falar bem, porque foi uma cidade que me abraçou, me acolheu.”

Silene, moradora da cidade

Nas mônadas percebemos que as falas dos professores foram lampejos para as lembranças dos convidados. Em suas partilhas, conseguimos perceber o entendimento da ausência dos eventos e dos lugares da cidade. Os momentos vividos no Parque do Japonês no mês de agosto, que marcou a infância e juventude do Edmilson, foram sendo esquecidos pela vida adulta e pelo cotidiano de trabalho. Será que não é mais um sintoma do avanço das relações de produção capitalista que nos enclausura com o capital nos deixando com menos tempo para o ócio e para a sociabilização nos espaços públicos? Estamos pobres de experiências coletivas?

O Sérgio, que participou da inauguração da Praça Moacir Barreira, percebeu que hoje em dia raramente a frequenta, e com as falas dos professores, ele conseguiu refletir sobre essas não ocupações dos espaços públicos. Em contrapartida, mesmo com as ausências, vemos o sentimento de gratidão e acolhimento da cidade de Promissão com sua comunidade fortaleceram os que chegavam com uma expectativa de vida melhor, como retratam em suas mônadas. A cidade de Promissão e seus munícipes não são os vilões dessa história, pelo contrário, somos sujeitos históricos e podemos mudar realidades, construir tempo mais significativo de experiências vividas com a coletividade (Benjamin, 1985).

GUARDO ESSA MEMÓRIA COMIGO

“A docência é um sacerdócio, na verdade. Você se dispõe a ensinar alguém e cuidar desse alguém. A gente não sabe de onde veio nem pra onde vai. Cada um traz a sua bagagem com suas experiências. E, quando dei aula aqui, eu tinha três alunos que haviam me avisado que passavam mais tempo na diretoria do que na sala. O caderno do aluno é o espelho dele e o caderno de um deles quase não existia mais. Mas percebi que ele era curioso, então fomos nos aproximando e descobri que ele era da periferia. Iria ter um projeto na escola e eu precisava de ajuda para construir um poço e esse aluno quis ajudar e fez um trabalho perfeito. Com isso levamos esse trabalho para uma redação e fomos assim desenvolvendo outras áreas. Olhar para as pessoas individualmente faz parte desse processo docente e eu

sempre fui muito acolhida na cidade de Promissão e guardo essas memórias comigo. Queria compartilhar esse retalho sobre a docência.”

Silvia, moradora da cidade

Na mônada “Guardo essa memória comigo” da Silvia, tivemos um olhar de uma professora que, ao escutar sobre as problemáticas e desigualdades sociais, rememorou um acontecimento de seu passado em sala de aula. Ela retoma como o professor deve ser empático e buscar entender a realidade de seus alunos, fazendo aquilo que o professor Wesley pediu em sua narrativa, tendo um olhar diferente. A Silvia enxerga os sujeitos de carne e osso e não massa homogênea trancada em uma sala de aula. Muitos alunos das escolas públicas municipais ou estaduais só estão à espera de alguém que os enxergue, que lhes dê atenção, que não os julgue. Essa mônada consegue se entrelaçar com que foi tecido durante os Retalhos nas dimensões da formação docente. Enquanto professores que percebem o mundo ao seu redor, também percebemos os nossos estudantes que vivem nesse mundo e conseguimos acolher e ajudar a construir uma outra história.

Com o fim da participação ativa da comunidade e dos professores, convidei-os para que se deslocassem a frente e pudessem enxergar a colcha de retalhos em detalhes. Também estendemos o convite para o banquete, que se fez presente em todos os retalhos e, com a exposição, não poderia ser diferente, foi o momento de partilha de memórias “outras”, carregadas de afetividade (França, 2016).

A exposição Colcha de Retalhos foi construída para publicizar a dissertação, partilhando cada passo de como a colcha foi sendo construída e, principalmente, narrada pelas mãos que a teceram, sendo, assim, uma formação pela via da autoridade compartilhada (Frisch, 2016). Realizada em conjunto, partilhando a agulha, o tecido e o arremate. Ao trazer a exposição para a comunidade promissense, fizemos também o trabalho de mostrar para as autoridades presentes que a população de Promissão percebe as ausências sobre si e sobre os espaços públicos. Mesmo sem a presença do prefeito, que não pôde estar presente na ocasião, pudemos ser ouvidos pelo Secretário da Cultura e também pela filha do prefeito, Juliana Foz, uma mulher muito engajada nas pautas feministas e sociais da cidade de Promissão.

Esse trabalho, por ser aberto ao público, também atende a uma demanda sobre as políticas públicas existentes e, principalmente, as que ainda estão em falta na cidade de Promissão. Políticas que precisam existir e olhar para os grupos sociais que existem na cidade de Promissão, abrindo oportunidades, dando acolhimento, fazendo-os serem vistos e terem uma vida digna.

Ao praticar a escuta atenta, tanto nos retalhos como na exposição, me encontrei na busca de um mundo mais justo, mais sensível, um mundo onde as desigualdades diminuem e onde conseguimos manter nossas relações sociais de maneira profunda. Um mundo que infelizmente não será alcançado por não ser interessante para aqueles que o dominam e que sempre vencem. Mesmo entendendo que o mundo inteiro não vai mudar com as reflexões que construímos durante os retalhos, não só os professores se transformaram como eu também me transformei.

O que fica desse trabalho é a clareza de que precisamos lutar por formações docentes sensíveis que possam ser um respiro em meio a correria do sistema em que vivemos, que modifica nossas relações, nos fazendo perceber o outro e o local em que vivemos, ressignificando nossas memórias e dando mais vida a elas. Partindo desse ponto, conseguimos construir uma produção de conhecimentos educacionais contra-hegemônica, que coloca os professores como protagonistas do processo e os faça perceber que a formação docente é contínua, sendo tudo aquilo que se constrói durante a vida.

Para fazer o fechamento da exposição, escolhi o poema “Sou feita de Retalhos”, de Cora Coralina. Na busca por uma poesia que pudesse dar o fechamento poético e sensível para a exposição, me deparei com esse poema que me fez sentir como se a autora tivesse participado de todo o processo da construção do nosso trabalho, mas, além disso, que ela pudesse transcrever aquilo que eu senti quando pensei em trabalhar com retalhos.

Nem sempre somos formados apenas por pedaços bons, todos nós temos pedacinhos que nos fizeram tristes em algum momento da vida. Mas na poesia e na construção deste trabalho, entendemos que cada experiência que vivemos faz parte de nossa formação e formou a pessoa que somos. Ainda, Cora diz que sempre haverá um novo retalho para ser adicionado à alma, pois ainda temos muitas experiências pela frente. E agora que passamos pelo processo de percebermos a importância das experiências, entenderemos o papel de cada pedacinho novo na nossa vida e como precisamos deixá-los serem preenchidos com aquilo que for bom ou ruim.

“Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de ‘nós’”.

Cora Coralina.

OS ARREMATES

Os arremates não finalizam a obra, eles dão o ponto final para que tudo o que foi construído não seja desfeito, possibilitando começar a tecer uma nova ideia. As considerações que podemos chegar até aqui são baseadas nos rastros de giz que desenharam o tecido. Esse giz foi substituído e preenchido pelos Retalhos, e cada um deles fez com que a Colcha de Retalhos fosse muito além de um objeto construído em uma dissertação. Ela representa uma ampliação dos olhares que os professores e a pesquisadora conseguiram enxergar. Os arremates nos mostram que o avesso também deve ser levado em consideração. Retornando à mônada “Caixa de Costura” de Benjamin, ele relata sobre o avesso.

A concepção de história que Walter Benjamin anuncia caminha no sentido de quebrar o abismo, a separação que ocorreu entre vida material e vida espiritual – hábitos, valores, ideias, sentimentos, humores, práticas – os quais foram deixados de lado pelo materialismo ortodoxo. Para nosso autor, os hábitos mentais – materialidade de nossa vida, fê no progresso – não são mundos da superestrutura: fazem parte de um todo, tem historicidade, os valores, as ideias, os sentimentos se articulam junto com as condições materiais. (Paim, 2023, p. 42)

Para Benjamin, a história contra-hegemônica, aquela dos vencidos e dominados, já ficou por muito tempo à espreita, e agora precisa ser contada em alto e bom som — e precisa ser vista pela sociedade. Ao ler a frase “Os avessos estão reivindicando seus direitos” no Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, refletimos sobre ela e como ela se aproxima da história que Walter Benjamin acreditava. Será que não é no avesso que temos as histórias que nunca foram contadas, as histórias esquecidas pela sociedade? Benjamin responde que sim, e, amparado sobre ele, esse trabalho impulsiona as histórias dos grupos que vivem à espreita da sociedade de Promissão.

Passar pelo processo do mestrado foi uma viagem turbulenta e prazerosa para minha vida de professora-pesquisadora. O meu intuito ao iniciar o mestrado era conseguir aproveitar o auxílio acadêmico para escrever a dissertação, no entanto, durante o primeiro ano, já tive que me preparar para o segundo e, com isso, começar a atuar como professora. Mesmo sendo algo que fugiu do esperado, os caminhos já haviam sido trilhados. Se eu não tivesse participado do espaço escolar, pouco saberia sobre os enfrentamentos da vida do professor. Quando finalizei o primeiro ano, com os Retalhos marcados para 2024, me sentia mais preparada para partilhar também minhas experiências com os docentes, sendo uma formação para todos os envolvidos, inclusive para a professora-pesquisadora. Nas falas de agradecimento das professoras Luany e Eliane fica explícita a gratidão por construirmos

juntos um trabalho tão sensível, que nos fez pensar sobre os espaços públicos, os grupos não vistos, assim apresentando Promissão em sua inteireza para a sua comunidade.

“Participar do seu trabalho foi surreal, trazer uma visão de realmente parar e pensar sobre os espaços públicos, fazendo um caminho de reflexão.”

Professora Luany

“Foram seis momentos de reflexão, de bate papo, de comida. foi assim, pra gente refletir sobre nossa cidade. Foram momentos de aprendizado sobre o movimento da nossa cidade com muitos lugares que eu não conhecia, morando aqui. Infelizmente o capitalismo é isso.”

Professora Eliane

Em cada Retalho que os professores rememoravam e narravam suas experiências na cidade de Promissão, eu também fazia o mesmo movimento, e isso foi essencial para conseguirmos construir algo em conjunto, sem nenhum tipo de imposição ou hierarquização, afinal, eu estava me formando junto com eles. Estava me percebendo na cidade junto com eles. Estar aberta a viver esta experiência no sentido benjaminiano (*erfahrung*) que me proporcionou uma viagem ao desconhecido e inesperado, mas estava aberta a todo o ensinamento que poderia surgir desse processo de formação coletiva.

Essa pesquisa não teria sido possível sem o aporte metodológico de Walter Benjamin, as mônadas e as memórias. As mônadas possibilitaram um acesso às sensibilidades dos professores pois “a monadologia benjaminiana nos permite trazer à tona um trabalho tão sensível que foge da maneira cartesiana de produzir conhecimento” (Santos, 2022, p. 130). Esta dissertação foi para além de um trabalho formativo ou de um título de mestre alcançado, a tornando um trabalho que transformou todos os envolvidos. Não é à toa que durante os Retalhos, em nossas discussões, chegamos à conclusão de que se não estivéssemos juntos nos encontros, estaríamos vidrados em nossas redes sociais, cheias de propagandas orgânicas e camuflagens para que não déssemos conta do que está acontecendo no mundo e conseguíssemos tecer críticas sobre ele.

Foi importante entender como a modernidade capitalista interfere a tal ponto na vida dos indivíduos que não percebemos seus tentáculos em cada área dela. Não percebemos como vamos deixando de viver nossas experiências e de perceber os nossos arredores e os sujeitos no mundo. Foi para ir contra essa maré que este trabalho foi construído, buscando a retomada de nossa independência, do nosso senso crítico e da nossa percepção da com a cidade.

A História Pública foi importante neste trabalho como possibilidade, mas também como atitude, de um processo de formação compartilhada e dialogada com o outro (Frisch, 2016). Ela nos auxilia na maneira de conduzir um trabalho em conjunto, em que as narrativas dos professores foram o coração do projeto. Mais do que isso, ao assumir o papel de historiadora pública, me responsabilizo em construir um trabalho que realmente seja um diferencial para os envolvidos, de forma que as discussões não fiquem apenas no campo das ideias, mas no campo da ação.

Desde o primeiro ano da graduação, participei das discussões sobre a História Pública, pois elas estavam presentes nas minhas práticas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) nos Colégios. Nós tínhamos que pensar em práticas educacionais que fossem produzidas com os estudantes e posteriormente divulgadas para o público amplo. Fazer este trabalho de História Pública possibilitou aprender como podemos realizar trabalhos que realmente possam modificar a sociedade. A escolha de realizar esse trabalho com professores fez com que eu pudesse juntar a professora pesquisadora que há dentro de mim com o conhecimento da história pública para a construção de um trabalho que propõe a visão ampliada do nosso cotidiano e de nós mesmos na relação com o outro.

A memória foi o meio de construção desse conhecimento histórico-educacional num trabalho de rememoração com os professores, lembrando o historiador-professor Fábio Vedovato (2021, p.57), em diálogo com Benjamin, que no “ato de produção de conhecimento histórico junto com o movimento das memórias voluntárias emergem as involuntárias (afetividade e esquecimento)”.

Da rememoração, nós construímos as mônadas que compõem a Colcha de Retalhos. Esses retalhos simbolizam a conclusão de uma formação docente tecida de maneira artesanal, ouvindo e narrando as experiências dos professores Alexandre, Wesley, Luany, Eliane com a cidade de Promissão. Uma formação realizada pela via da racionalidade estética, considerando as sensibilidades, entendidas como visão de mundo.

Na música *Vilarejo*, de Marisa Monte, consegui rememorar Promissão com outros olhos, e com a esperança de que políticas públicas possam ser construídas com os professores e a comunidade de Promissão para, juntos, construirmos uma cidade em que sua gente seja protagonista da sua história.

Vilarejo

Há um vilarejo ali
 Onde areja um vento bom
 Na varanda, quem descansa
 Vê o horizonte deitar no chão
 Pra acalmar o coração
 Lá o mundo tem razão
 Terra de heróis, lares de mãe
 Paraíso se mudou para lá
 Por cima das casas, cal
 Frutos em qualquer quintal
 Peitos fartos, filhos fortes
 Sonho semeando o mundo real
 Toda gente cabe lá
 Palestina, Shangri-lá
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa
 Lá o tempo espera
 Lá é primavera
 Portas e janelas ficam sempre abertas
 Pra sorte entrar
 Em todas as mesas, pão
 Flores enfeitando
 Os caminhos, os vestidos, os destinos
 E essa canção
(Marisa Monte, 2006)

Esse vilarejo pode ser Promissão, uma cidade que ainda não foi tomada pelo avanço da modernidade capitalista. É possível flagrar nessa cidade imagens ambivalentes: de um lado um lugar em que as famílias ficam sentadas na calçada no fim de tarde, os carros de ovos e do sorvete passam diariamente e as pessoas ainda se conhecem pelo grau de parentesco. Mas é no outro lado dessa mesma cidade que a exclusão social se faz presente, e foi ela que serviu de *médium* de reflexão para nós professores reacendermos o sentimento de pertencimento e de cidadania ativa, e entendermos que constituímos essa cidade e, ao mesmo tempo, somos constituídos por ela, com as nossas relações sociais do passado e do presente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Juniele rabelo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira História Pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. *In: Simpósio Nacional De História, XXVII, Natal. Anais [...]. [S. l.]: ANPUH, 2013. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/33-snh27?start=1820>. Acesso em: 25 de abril de 2024*
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural: Feminismos Plurais** São Paulo: Pólen, 2019.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**; tradução de Roberto Raposo. 10.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARISTÓTELES, **Política**: Edição bilingue. Tradução e notas de António C. Amaral e Carlos C. Gomes. Lisboa: Vega, 1998. p. 495- 499.
- BASSETO, Marli Batista. **Aparecida do Oeste: memórias e narrativas dos estudantes do campo sobre o lugar em que vivem**. 2022. Dissertação (Mestrado em História Publica)- Universidade Estadual do Paraná - Unespar, Campo Mourão-PR, 2022.
- BENEVIDES, Maria Victória. **A cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular**. São Paulo: Ática. Acesso em: 21 nov. 2024. 1991.
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim. *In: _____ Obras Escolhidas V. II*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. v. 2, cap. Um Anjo de Natal, p. 120-122.
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim. *In: _____ Obras Escolhidas, V. II*, Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. V. 2. Cap. Mendigos e Prostitutas, p. 125-126.
- BENJAMIN, Walter. Imagens do pensamento. *In: _____ Obras Escolhidas V. II*. Tradução de S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.v. 2. Cap. Imagens do Pensamento, p 267-271
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In _____ Obras Escolhidas V. I: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 222-232
- BENJAMIN, Walter. “O narrador”, *In: _____ . Obras Escolhidas, V. I: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de S.P. ROUANET. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 197-221
- BENJAMIN, Walter.. **Obras Escolhidas v. III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo** Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. 2. ed. Tradução de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BENJAMIN, Walter. “A Imagem de Proust”, *In: _____ Obras Escolhidas V. I: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de S.P. ROUANET. São Paulo: Brasiliense, 1985. P.36-49.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In: _____*: **Obras Escolhidas V. I**: Magia e técnica, arte e política. Tradução de S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. P.114-119

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas V II**: Rua de Mão Única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5 ed. São Paulo: **Brasiliense**, 1995.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, [s.l.], n.19, p. 20-28, 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/>. Acesso em: 18 de agosto de 2023.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. Ed.2012, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Primaveras Compartilhadas**: (re)significando a docência na relação com cidade, memórias e linguagens. 2016. 1 recurso online (250 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1630016>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. OLIVEIRA, Alexandre Augusto de. Tempo e Fotografia: sensibilidades entrecruzadas na cidade de Ouro Preto. **Resgate: Revista Interdisciplinar Cultura**, Campinas-SP, v. 26, n. 2 [36], p. 79-98, 2018. DOI: [10.20396/resgate.v26i2.8650365](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8650365). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8650365> Acesso em: 20 de março de 2025.

FRANÇA, Cyntia Simioni. **O canto da Odisseia e as narrativas docentes**: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico educacional. 2015. 347f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

FRANÇA, Cyntia Simioni. PAIM, E. Memórias e Narrativas Benjaminianas. *In: PAIM, Elison Antonio ; PEREIRA, Pedro Mülbersted; FREIRE, Ana Paula da Silva. (Org.). Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas*. 1. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1, p. 9-335, 2018

FREIRE, Paulo. Educação permanente e as cidades educativas. *In: _____*. **Política e Educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2001, p. 11-15.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. *In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (org.). História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-70.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. Ed. 1. São Paulo: Editora 34, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, FAPESP. Campinas: editora da Unicamp, 1994.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, tempo e história: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. **Cadernos CEOM**, Chapecó -SC. n.28, p.16-30, 2008.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. *In:* _____ **Imagens que lampejam: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades**. Campinas: FE-Unicamp, 2021. p. 66-81.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Escola e conhecimento de história e geografia: disciplina acadêmica e educação das sensibilidades. *In:* _____ **Imagens que lampejam: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades**. Campinas: FE-Unicamp, 2021. p. 222-251.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, história e tempo: perspectivas teórico-metodológicas para pesquisa em ensino de história. *In:* _____ **Imagens que lampejam: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades**. Campinas: FE-Unicamp, 2021. p. 82-94.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens que lampejam: contribuições de Walter Benjamin para a produção de conhecimentos históricos. *In:* _____ **Imagens que lampejam: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades**. Campinas: FE-Unicamp, 2021. P. 176-189.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Memória, história e cidadania**: peripécias educacionais com jovens da cidade de Campinas. Documentos apresentados aos docentes, participantes do projeto, em reuniões ocorridas no Museu da Cidade. Campinas: março de 2004.

HADLER, Maria Silvia Duarte. Cidade, memórias e sensibilidades. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 23, n. 1, p. 81–94, 2015. DOI: [10.20396/resgate.v23i29.8645793](https://doi.org/10.20396/resgate.v23i29.8645793). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645793>. Acesso em: 10 maio. 2024.

HADLER, Maria Sílvia Duarte. Cidade, Memórias E Sensibilidades. *In:* Encontro Estadual De História Da Anpuh-Sp, XXII., 2014, Santos. **Anais Eletrônicos [...]**. Santos: [s.n.], 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/site/anaiscomplementares#C>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**: Cidades e Estados. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/promissao.html>

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KEERY, Joe. **End of Beginning**. [s.l.]. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oXSw8DGjf5E&ab_channel=DjoMusic

MATOS, Olgária. **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MATOS, Olgária Chain Feres. Desejo de evidência, desejo de vidência: Walter Benjamin. *In: NOVAES, Adauto (Org.). O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. P. 283-306

MATOS, Olgária Chain Feres. O sex appeal da imagem e a insurreição do desejo. A terra é redonda, 14 de março de 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-sex-appeal-da-imagem-e-a-insurreicao-do-desejo/>. Acesso em: 26, abril de 2025.

MIRANDA, Sônia Regina. Sobre o ato de aprender a olhar: a cidade como um jogo de saberes e potências educadoras. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 14, n. 33, p. 43-63, set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2022.14.33.43-63>. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/view/4819>. Acesso em: 04 de março de 2025

MUSEU DA PESSOA. **Histórias: Todo lugar tem história para contar** - Memórias de Buritama e Promissão. Organização Museu da Pessoa. Disponível em: <https://museudapessoa.org/acoes/historias-todo-lugar-tem-uma-historia-para-contar-buritama-e-promissao/#:~:text=A%20exposi%C3%A7%C3%A3o%20%E2%80%9CTodo%20Lugar%20Tem,para%20as%20cidades%20e%20mun%C3%ADcipes>. Acesso em 25 de julho de 2017.

NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun. Entre Memória E História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PAIM, Aida Rotava; PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima; GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Tessitura De Memórias E Histórias Educacionais: Projeto Marcos Históricos E Geográficos Da Cidade De Campinas/Sp. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.7, jul. de 2012.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiência do fazer-se professor**. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria Fátima. Imagens da modernidade capitalista em Walter Benjamin. **Cadernos Walter Benjamin**, v. 8, p. 1-28, 2012.

PAIM, Elison Antonio. SANTANA, Giovanna. HADLER, Maria Silvia Duarte. **Conhecimentos histórico-educacionais: diálogos com Walter Benjamin**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: o tempo recuperado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Objeto Gerador: Considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. **Revista Historiar**, [s.l.], v. 08, N. 14, 2016. p. 70-93. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/234](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/234). Acesso em: 29 de agosto de 2024.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: Um desafio democrático aos historiadores. *In*: REIS, Tiago Siqueira et al (orgs.). **Coleção História do Tempo Presente: Volume II**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. p. 131-153. *Ebook*. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/3859> Acesso em: 26 de setembro de 2024.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados - Alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. Pode-se falar de uma História Pública brasileira? *In*: MAUAD, Ana Maria *et. Al.* (org). **Que História Pública Queremos? What public history do we want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SANTOS, Maíra Wencel Ferreira. **As crianças na relação com o espaço da cidade: possibilidades de produção de conhecimentos históricos-educacionais**. 2022. 151 f. Dissertação (Programa de pós-graduação em Ensino de História) Universidade estadual do Paraná – Unespar, Campo Mourão-PR, 2022.

SCHLESENER, Anita Helena. **Mosaicos, colagens, desvios, passagens: a educação a partir de Walter Benjamin**. Curitiba: UTP, 2019.

SEIXAS, Jaci Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. *In*: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org). **Memória e (res)sentimento: indagações de uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WIKIMEDIA. File:SaoPaulo Municip Promissao.svg, 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:SaoPaulo_Municip_Promissao.svg&oldid=450837521. Acesso em: 03 de abril de 2023.

ANEXO

• PÁGINA - 6

SÁBADO, 1º DE FEVEREIRO DE 2025

Mais um Pró Leite acontecendo em 2025 em Promissão



Acontecerá este ano, em Promissão, mais um Pró Leite, desta vez o curso irá acontecer na propriedade do Cristiano Pinheiro, no assentamento para rural de Fátima, no lote 23 nas margens da rodovia BR 150 em 133.

Acontecerá este ano, em Promissão, mais um Pró Leite, desta vez o curso irá acontecer na propriedade do Cristiano Pinheiro, no assentamento para rural de Fátima, no lote 23 nas margens da rodovia BR 150 em 133.

como prioridade modelo entre os produtores, servindo como base para a segurança da produção de leite, e se tornando uma propriedade moderna produtora de leite, e que será construída

leite com técnicas modernas como um produtor deve conduzir, servindo como base para a segurança da produção de leite, e se tornando uma propriedade moderna produtora de leite, e que será construída



DEBORA MARIJA FERREIRA

Dicas de Sucesso

O desafio de emprestar e trabalhar em tempos de incerteza

A incerteza econômica, por sua vez, afeta o poder de compra das comunidades e o acesso a financiamentos. Em momentos de crise, as pessoas tendem a ser mais cautelosas em relação aos gastos, o que pode impactar diretamente as vendas e o caixa das empresas. Além disso, o aumento dos custos operacionais, seja devido a inflação, aos juros elevados, à dificuldade de acesso às linhas de crédito, pode prejudicar as margens de lucro.

EXPOSIÇÃO: COLCHA DE RETALHO

O que nos une faz parte das nossas experiências vividas. Ao mesmo tempo, os relacionamentos e o espaço que habitamos também contribuem para o nosso processo de formação humana.

Conheça e comparece à Casa da Cultura, Av. Francisco Góes, 1044, no dia 8 de fevereiro, às 10 horas, para conhecer a Exposição Colcha de Retalho e participar das memórias contadas.

Qual é o significado da cidade de Promissão para você?

Telexemplar

Patrocinada - Fomento Social - PPGH

CURSO DE TREINAMENTO EM ELÉTRICA INDUSTRIAL E COMERCIAL

A empresa Eletrobraga, abriu vagas para um treinamento de manutenção e instalação elétrica industrial e comercial.

As inscrições estão abertas e as vagas são limitadas. Inscrições e mais informações pelo Whats App (14) 39148-5446

REALIZAÇÃO:

APOIO:



Mini Shopping Promissão Mais de 10.000 mil itens em nossa loja!

RECESSO PARLAMENTAR

JANEIRO DE 10.12.24 ATÉ 10.02.25

ACESSE O NOSSO SITE WWW.CAMARAPROMISSAO.SP.GOV.BR E ACOMPANHE O TRABALHO DOS VEREDORES, PORTAL DA TRANSPARÊNCIA E SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CIDADÃO!

acompanhe a transmissão ao vivo pelo facebook LIVE @camarapromissao

camarapromissao.sp.gov.br (14) 3541-0668 @camarapromissao @campromi